

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Giovana Duailibe de Abreu

AS TRANSFORMAÇÕES DA PSICANÁLISE FREUDIANA:
LIMITES E POSSIBILIDADES

Brasília
2008

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Giovana Duailibe de Abreu

AS TRANSFORMAÇÕES DA PSICANÁLISE FREUDIANA:
LIMITES E POSSIBILIDADES

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Psicologia Clínica e
Cultura.

Orientador: Luiz Augusto Monnerat Celes

Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Esta dissertação de mestrado foi aprovada pela seguinte comissão examinadora:

Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes – Presidente - Universidade de Brasília

Prof.a Dr.a Terezinha de Camargo Viana – Membro -Universidade de Brasília

Prof.a Dr.a Estela Ribeiro Versiani – Membro - Escola Superior de Ciências da Saúde e
IESB

Prof.a Dr.a Tania Rivera – Suplente – Universidade de Brasília

Brasília

Mas que ao escrever – que o nome real seja dado às coisas. Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se. Esse vosso Deus que nos mandou inventar. Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz o conteúdo. (Clarice Lispector – A Hora da Estrela).

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João e Silvana, pelo amor e constante apoio nas minhas realizações.

Ao Peter, pelo amor e, principalmente, pela paciência. Por todo apoio, compreensão e carinho.

Ao Professor Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes, pelas atentas orientações que contribuíram para dar sentido a este trabalho.

À Professora Dra. Valéria Lameira, referência intelectual no meu percurso acadêmico durante a graduação.

Aos amigos Adriana, Camila, Érika, Fernanda, Flávia, Gustavo Chaves, Gustavo Almada Lima e Hayane, por dividirem comigo angústias e alegrias, pelo carinho e pelo companheirismo.

Aos queridos da Universidade de Brasília, Ana Paula, Fabrício, Mariana, Renata e Veridiana, pelos laços construídos e pela experiência compartilhada.

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo apresentar algumas transformações pelas quais passa a psicanálise freudiana, no sentido de elucidá-las como possibilidades para o trabalho terapêutico acontecer. São elas: o método da recordação, o método da interpretação e o conceito de fantasia e o conceito de pulsão. Após serem demarcadas como possibilidades, pois sustentam o trabalho, apresentam-se os limites terapêuticos nos quais as mesmas podem recair. A exploração do tema se dará em meio à investigação da obra freudiana, que, aqui, marca também um tempo cronológico. Os *Estudos sobre a Histeria* (1895) dizem da aplicação do método de recordação como instrumento que sustenta o trabalho. Já a *Interpretação dos Sonhos* (1900), o caso Dora (1905[1901]) e os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) embasam a aplicação da interpretação e da fantasia no tratamento. Artigos publicados entre 1914 e 1923 são apresentados a fim de demonstrar o conceito de pulsão enquanto instrumento que possibilita o trabalho, pois o sustenta. Considerações sobre o corpo em psicanálise são elucidadas para dizer do pulsional no tratamento. Além disso, serão utilizados alguns autores contemporâneos que discorrem sobre o tema proposto. O trabalho é concluído com a retomada das transformações como possibilidades que esbarram em certos limites, além da exposição de algumas questões reflexivas acerca dos rumos tomados pela psicanálise contemporânea.

Palavras-chave: psicanálise freudiana; método da recordação; método da interpretação; fantasia; pulsão; possibilidades terapêuticas; limites terapêuticos;

ABSTRACT

The current work has the objective of introducing some of the changes that Freudian psychoanalysis is going through, with the purpose of elucidating them as opportunities so that the therapeutic work happens. They are: the method of remembrance, the method of interpretation, the concept of fantasy and the concept of drive. After being established as possibilities, introduce the therapeutic limits where they can lie. The exploration of the issue will be done together with an analysis of Freud's work, in a chronological order. The *Studies on Hysteria* (1895) argue on the use of remembrance as an instrument that supports the therapeutic work. Still in the same chapter, it appears the *Project for a Scientific Psychology* (1950[1895]) demonstrating Freud's pretensions for psychoanalysis at that time. Already in *The Interpretation of Dreams* (1900), the *Dora's case* (1905[1901]) and *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905) establishes the application of interpretation and fantasy in the treatment. Articles published between 1914 and 1923 are presented in order to demonstrate the concept of drive as an instrument that makes the work possible, since it supports it. Considerations on the body in psychoanalysis are elucidated to say about drive in the treatment. In addition will be used some contemporary authors that discourse on the proposed topic. The work is ended by the recovering of the transformations as possibilities that come up against certain limits, and also by the examination of some reflexive questions about the courses taken by contemporary psychoanalysis.

Keywords: Freudian psychoanalysis; method of remembrance; method of interpretation; fantasy; drive; therapeutic possibilities; therapy limits;

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - SOBRE RECORDAÇÃO.....	8
1.1 A HISTÉRICA, A SEDUÇÃO E OS <i>ESTUDOS SOBRE HISTERIA</i>	16
1.2 O <i>PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA</i> D1895.....	25
CAPÍTULO 2 - SOBRE A INTERPRETAÇÃO E A FANTASIA.....	32
2.1 A <i>INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS</i> E A REPRESENTAÇÃO.....	40
2.2 DORA, A FANTASIA E OS <i>TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA</i> <i>SEXUALIDADE</i>	53
CAPÍTULO 3 - SOBRE A PULSÃO.....	72
3.1 ENTRE O SOMÁTICO E O PSÍQUICO – A MITOLOGIA PSICANALÍTICA EM TORNO DO CONCEITO.....	83
3.2 A PULSÃO COMO CONCEITO-LIMITE DO TRATAMENTO.....	96
CONCLUSÃO.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da psicanálise freudiana é objeto de estudo de muitas pesquisas. A estruturação desse caminho, feita por Freud, se dá no sentido de partir de seu trabalho de tratamento acerca do psiquismo – fator esse que sempre lhe despertou muita atenção – para a construção teórica metapsicológica. O título deste trabalho, “As transformações da psicanálise freudiana – limites e possibilidades terapêuticas”, traz aquilo a que se propõe investigar: caracterizar a constituição da psicanálise original e fundante – freudiana – como desenvolvida em meio a transformações teóricas entrelaçadas a questões que surgiram na clínica. Ao passo que Freud dispõe de possibilidades utilizadas no sentido de viabilizar e sustentar o trabalho de tratamento (ou seja, terapêuticas), esbarra em certos limites que, de alguma forma, estaguinam as mesmas e as levam a um reposicionamento teórico. Mas do que se fala, nesta pesquisa teórica, quando se expõe a idéia de “psicanálise desenvolvida em meio a transformações”?

A psicanálise da qual se fala aqui é a freudiana. Com isso, entende-se que se trata da psicanálise original, fundante, esboçada desde 1895, com os escritos pré-psicanalíticos e até em documentos que não possuem um caráter de obra, mas que se instituem como documentos de pesquisa (por exemplo, a extensa correspondência entre Freud e Fliess). Essa psicanálise original se desenvolveu durante muitos anos. Trata-se de um extenso percurso que, aqui, é demarcado a partir do título de cada capítulo. A fim de caracterizar essa psicanálise, se propõe uma forma de estudo em que se lança uma possibilidade para o tratamento se dar da qual Freud se utiliza, acompanhada da exposição dessa utilização no trabalho, e, posteriormente, são apresentados os limites dessa mesma possibilidade. Entende-se por limites aquilo em que a possibilidade esbarra, não podendo mais se dar

plenamente. Nesse sentido, a psicanálise é aqui entendida como uma psicanálise marcada, em seu percurso, de transformações. Essa idéia justifica-se com a compreensão de que a psicanálise, apesar de não se propor a abarcar uma totalidade (de questões, de entendimentos acerca do psíquico), possui certas limitações que permeiam os conceitos e métodos dos quais se utiliza, caracterizando sua concepção, assim, como envolta de movimentos que a transformam. Esse panorama se estabelece no sentido de a psicanálise sustentar possibilidades limitadas para o tratamento, o que implica em uma necessidade de transformação para que o mesmo prossiga. Nesse sentido, se coloca um *problema*: por quais transformações passa a psicanálise freudiana e como elas se caracterizam como possibilidades e também como limites? Para tentar responder ao problema colocado, se utiliza a *hipótese* de que algumas transformações pelas quais passa a psicanálise (aqui, marca-se três: o método de recordação, o método de interpretação e o conceito de fantasia e o conceito de pulsão) se caracterizam tanto como possibilidades terapêuticas quanto como limites terapêuticos.

É necessário elucidar que este trabalho também sustenta a colocação de que estas transformações, as quais se busca caracterizar, são próprias da psicanálise original e de seus desenvolvimentos. Não se trata de uma característica ou de um qualitativo do trabalho de tratamento: a idéia de transformação é parte, faz parte do próprio conceito de psicanálise. As grandes descobertas de Freud acerca do psiquismo se deram em momentos de crise. Todas as reformulações teóricas pelas quais a psicanálise passou originam-se por conta de uma outra crise teórica anterior. Cada possibilidade terapêutica da qual Freud se utiliza esbarra em certos limites que o leva a reformulações, a reposicionamentos teóricos e para o tratamento. Portanto, o *objetivo* dessa pesquisa teórica é elucidar as transformações como possibilidades terapêuticas e, também, como limites terapêuticos. Nesse sentido busca-se

demarcar algumas possibilidades das quais Freud se utilizou, não deixando de estabelecer os limites nos quais as mesmas esbarraram (e esbarram). Essa demarcação diz da caracterização dessas “possibilidades limitadas”, a partir de suas conceituações e suas aplicações, buscadas em algumas publicações de Freud.

Com o intuito de tornar mais didática a exposição deste trabalho, busca-se uma marcação não só teórica, mas também histórica. Todas as possibilidades para o tratamento apresentadas aqui seguem uma cronologia teórica e também histórica, pois se utiliza o tempo cronológico para caracterizar o momento no qual Freud postula e se utiliza daquela possibilidade. Além disso, é importante considerar o momento no qual Freud se deparou com alguma crise, pois este fato ajuda a justificar as transformações teóricas e referentes ao trabalho de tratamento pelas quais passa a psicanálise. Como se trata de uma pesquisa de cunho totalmente teórico, o *campo de estudo* na qual a mesma se dá refere-se à obra freudiana e às publicações psicanalíticas mais atuais que debatem as questões aqui apresentadas. A *metodologia* consiste na investigação e estudo do tema proposto nos textos que funcionam como veículos para a compreensão do que se pretende elucidar e discutir.

É fundamental a elucidação de que as transformações abordadas aqui, pelas quais passa a psicanálise freudiana, não estão configuradas no mesmo plano, por assim dizer. A recordação, primeiro aspecto a ser abordado, corresponde a um método, é o método de recordação, de recordar. No segundo momento, trata-se de demarcar um método e um conceito, interpretação e fantasia, respectivamente. Já pulsão, que se configura no terceiro momento a ser abordado, figura-se como conceito. Todas as transformações em questão são postuladas por Freud ao longo do desenvolvimento da psicanálise.

Não serão apresentados, para caracterizar a psicanálise, conceitos que fogem à concepção teórica de Freud. É claro que existem outros entendimentos teóricos em torno do conceito,

mas não é objetivo deste trabalho apresentá-los. Isso não quer dizer que os mesmos possuam um “valor” ou uma importância maior ou menor. Apenas não se trata de estabelecer, aqui, concepções teóricas que não as freudianas acerca da psicanálise e de seu desenvolvimento. Busca-se demarcar, com essa exposição, a problemática referente às idéias de Freud e de outros teóricos (que não escapem às idéias freudianas) acerca da psicanálise e de suas transformações e elucidar o sentido dessa prática.

No primeiro capítulo, é apresentada a primeira possibilidade da qual Freud se utiliza para o tratamento: o método da recordação. O mesmo é caracterizado a partir de sua conceituação e de sua “presença” em alguns momentos da escrita freudiana (nesse caso, mais especificamente em *Estudos sobre a Histeria*, 1895, de Freud e Breuer). Já a exposição do *Projeto para uma Psicologia Científica*, escrito em 1895, de Freud, figura como o entendimento do mesmo acerca da psicanálise naquele momento. Neste capítulo, apresenta-se a presença da histérica e da crença na teoria da sedução como pontos fundamentais para o entendimento desta possibilidade.

No segundo capítulo, dando seguimento às idéias desenvolvidas no primeiro, expõem-se os limites nos quais a possibilidade anteriormente apresentada – a recordação – irá esbarrar a partir das concepções teóricas acerca do conceito de fantasia, o que desembocará na crítica da teoria da sedução. Os primeiros desenvolvimentos deste conceito (de fantasia) são apresentados partindo dos indícios teóricos que a correspondência entre Freud e Fliess elucidada. Nesse sentido, Freud se vê perdido frente a seu trabalho e opta por se dedicar ao estudo daquilo que seria o pilar de toda a psicanálise: o inconsciente. Esse movimento freudiano de escapada para o conhecimento é caracterizado neste momento da pesquisa para justificar o desenvolvimento teórico que Freud empreende com *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Não se constitui como objetivo deste trabalho a caracterização total desta

obra, capítulo por capítulo. O que prevalece como objetivo é a pesquisa acerca do posicionamento que Freud toma, neste momento, acerca do método de interpretação como possibilidade para o tratamento. O método da recordação não fora excluído por completo, mas, nesse momento, passa a fazer parte de um trabalho de interpretação, que estabelece um cuidado com a representação. Logo, este método é reposicionado frente à crítica da teoria da sedução, os indícios teóricos sobre a fantasia e o conhecimento do funcionamento do aparelho psíquico. A *Interpretação dos Sonhos* (1900) mostra o conhecimento freudiano acerca do psíquico – do inconsciente – e mostra como Freud, neste momento, se debruça sobre a representação, utilizando-se da técnica de interpretar sonhos. Logo após esta exposição, analisa-se a demarcação, posterior à escapada para o conhecimento, da psicanálise como disciplina. Sendo algo passível de ser estudado e tendo um “objeto de estudo” definido – o inconsciente -, a psicanálise passa a despertar, cada vez mais, a atenção das pessoas, que passam a traçar caminhos a fim de se “apoderarem” da técnica psicanalítica, passando pelos ensinamentos de seu criador.

Continuando as considerações sobre o conceito de fantasia e o método de interpretação e de suas figurações como possibilidade, este trabalho posiciona-se à frente do caso Dora, tratamento conduzido por Freud que marca sua volta à neurose. Nesse sentido, busca-se apresentar a posição freudiana perante este tratamento, que dá indícios do desejo do mesmo em teorizar, para complementar sua metapsicologia, acerca da sexualidade. O caso Dora é exposto aqui como indício da teoria sexual posteriormente sistematizada e abre espaço à teorização, também sistemática, da fantasia. Os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) surgem então posteriormente, apresentando a teoria sobre a sexualidade postulada por Freud. Neste trabalho, ela figura como instrumento de demonstração,

também, do conceito de fantasia e o método de interpretação enquanto possibilidades para o trabalho de tratamento.

Dando prosseguimento ao curso teórico que se propõe esse estudo, apresenta-se, no terceiro capítulo, considerações acerca dos limites nos quais recaem a fantasia e a interpretação como possibilidades, dando margem à elucidação do conceito de pulsão como “novo” instrumento no qual Freud se debruça. O desenvolvimento teórico acerca desse conceito vai permitir que Freud se utilize do mesmo como possibilidade para o trabalho se dar. Entretanto, o pulsional é marcado por uma problemática conceitual que perpassa a psicanálise, estipulando o mesmo como “mítico”, “indizível” ou impossível de obter uma clara compreensão aos olhos de muitos. A respeito disso se dispõe a discutir este capítulo, demarcando também em quais limites esta possibilidade esbarrou (e ainda esbarra). Para melhor entendimento do pulsional no tratamento, apresentam-se também alguns comentários sobre o corpo em psicanálise.

O título do presente trabalho não se refere a nenhum ponto que lembre a psicanálise contemporânea ou os rumos tomados pela psicanálise na contemporaneidade. Entretanto, apesar de não apresentar nada de novo acerca da mesma, a conclusão desse trabalho se propõe a lançar questionamentos e reflexões que envolvem essa temática, destacando, principalmente, as demandas do sujeito contemporâneo e se perguntando sobre a atualidade das mesmas. Os caminhos que a psicanálise continuou a percorrer (até a contemporaneidade) são pertinentes para a conclusão, mesmo que somente em posição reflexiva.

Além disso, este último item esforça-se em debater a respeito de todo o corpo do trabalho e acerca da relevância do tema em questão. A recordação, a fantasia e a interpretação e a pulsão, figurando como possibilidades para o trabalho, constroem o alicerce no qual se

sustenta não só esta seção, mas todo o estudo. Propõe-se que essas transformações, entendidas como possibilidades, são o próprio trabalho. Elas permitiram a Freud, naquele momento, sustentar o tratamento e seguiram se desenvolvendo, dando origem a outras construções teóricas. Mesmo que alguns limites sejam alcançados por elas, isso não as impede de se dar, mesmo que reposicionadas, até os dias de hoje.

CAPÍTULO 1

SOBRE A RECORDAÇÃO

Após a noção de psicanálise ser apresentada na introdução da maneira com a qual esta pesquisa teórica se propõe a trabalhar, é necessário que se dê continuidade a partir do corpo já estipulado deste trabalho. Nesse sentido, segue-se com a exposição e discussão acerca do método da recordação, ou seja, de como Freud trabalhou com ela e qual o sentido que a mesma possui no e para o trabalho psicanálise. Para isso, é fundamental que se percorra um certo caminho em torno da trajetória freudiana, para, deste modo, facilitar a compreensão do uso do mecanismo de recordação no trabalho de tratamento. Afinal, porque Freud se utilizou da recordação? De que forma este processo contribuiu para o desenvolvimento da “ciência” psicanálise? O método em questão se apresenta aqui como a primeira transformação que a psicanálise sofre, se fazendo assim como possibilidade da qual Freud se utiliza para o trabalho de tratamento se dar. Este argumento se sustenta com a exposição da maneira com a qual Freud se utiliza do método da recordação.

Antes de a psicanálise ser fundada como tal – logo, antes da publicação da *Interpretação dos Sonhos* (1900), obra que inaugura a metapsicologia -, Freud já se debruçava há tempos na questão do trabalho com o psiquismo. Antes de a psicanálise ser formalmente o nome de “um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, um método de tratamento dos distúrbios neuróticos que se fundamenta nessa investigação” (Freud, 1923[1922]/2006, p. 253), já se constituíam idéias e reflexões sobre o psíquico. Freud, apesar de ter tido formação médica, parece nunca ter realmente se interessado por aquilo com que lida a medicina. Sempre demonstrou vontade

de ir além, de perpassar alguns limites que a medicina impõe a fim de poder explicar os termos de sua ciência sem ter que se utilizar de explicações médicas formais:

Embora vivêssemos em circunstâncias muito limitadas, meu pai insistiu que, na minha escolha de uma profissão, devia seguir somente minhas próprias inclinações. Nem naquela época, nem mesmo depois, senti qualquer predileção particular pela carreira de médico (Freud, 1925a[1924]/2006, p.18).

Mesmo assim, Freud continua sua trajetória trabalhando com pesquisas em laboratórios de fisiologia, no Instituto de Anatomia Cerebral do Hospital Geral de Viena, até começar a estudar as doenças nervosas. É aqui que se registra a entrada na vida de Freud de uma figura que iria influenciar o início das pesquisas e da teorização freudiana acerca da histeria e de seu tratamento. Este encontro é aqui elucidado, pois Freud adentra no estudo da neurose pelo caminho da histeria e é Charcot que conduz, inicialmente, boa parte deste caminho. É o tratamento da histeria que possibilita e registra o método da recordação como meio de acesso ao inconsciente:

Do ponto de vista material, a anatomia do cérebro certamente não era melhor que a fisiologia, e, tendo em vista considerações pecuniárias, comecei a estudar as doenças nervosas. Havia naquela época, em Viena, poucos especialistas nesse ramo de medicina, o material para seu estudo estava distribuído por grande número de diferentes departamentos do hospital, não havia oportunidade satisfatória para aprender a matéria, e se era forçado a ser professor de si mesmo. [...] A distância brilhava o grande nome de Charcot, assim, formei um plano de em primeiro lugar obter uma designação como conferencista universitário (*Dozent*) sobre doenças nervosas, em Viena, e então dirigir-me a Paris para continuar meus estudos. [...] Na primavera de 1885, fui nomeado conferencista (*Dozent*) de neuropatologia com base em minhas publicações histológicas e clínicas. [...] No outono do mesmo ano empreendi a viagem até Paris. (Freud, 1925a[1924]/2006, pp. 19-20).

Portanto, Freud vai a Paris para compreender o tratamento tão comentado da histeria aplicado por Charcot. Testemunha e fica impressionado com as descobertas do mestre, com “a autenticidade das manifestações histéricas e de sua obediência a leis, a ocorrência freqüente de histeria em homens, a produção de paralisias e contraturas histéricas por sugestão hipnótica e o fato de que tais produtos artificiais revelam, até em seus menores

detalhes, as mesmas características que os acessos espontâneos, que eram muitas vezes provocados traumáticamente” (Freud, 1925a[1924]/2006, p. 20). Esse contato com a histeria é fundamental porque incita, em Freud, o desejo de compreender cada vez mais aquela neurose e o lança na construção de seu próprio método de tratamento. Como assinala Pontalis (2005), o encontro Freud-Charcot foi decisivo. Freud não foi protegido de Charcot, nem mesmo seu discípulo. Freud “utiliza” Charcot para aprender. Mas aprender o que? Citando J.A.Miller, Pontalis (2005) elucida alguns pontos, se referindo ao que teria aprendido Freud, como “a retirada da neurose histérica do saco de gatos das ‘doenças nervosas’, a demonstração da existência relativamente freqüente da histeria masculina, o que livra a histeria da etiologia ‘uterina’ tradicional, a concepção da histeria traumática, conjunção do trauma e de um estado natural, próximo do estado hipnóide de Breuer, na eclosão do sintoma” (p. 28), entre outros. Logo, o que se pode registrar é que um novo espaço se abre para Freud – espaço de pesquisa, de interesse, de tratamento, de descoberta, de estudo. Sobre o que fica deste encontro, assinala Pontalis (2005):

O espaço psíquico é o grande ausente. Freud terá de percorrer um longo caminho, com seus obstáculos, suas ciladas e suas armadilhas, para constituir esse espaço e para diferenciá-lo. Terá de reconhecer na conversão (metáfora espacial) não, como se acreditou, a forma efetivamente prevalente da histeria, mas o modelo de seu mecanismo, haja ou não haja sintomas somáticos. Isso pressupunha, justamente, que houvesse uma conversão na abordagem e no tratamento da histeria: as causas não serão mais buscadas diretamente nos lugares do corpo, mas na composição da fantasia com suas leis espaço-temporais próprias, não mais no quadro do gestual oferecido e fixo, mas nas posições identificatórias variáveis, múltiplas e ocultas. Enfim, Freud deverá edificar paralelamente a tópica do aparelho psíquico e inventar a situação analítica (p. 31).

É daí que Freud parte, munido do que aprendeu, para habitar este novo espaço que se abre, que se configura no seu desejo de desenvolver aqueles pontos que havia captado e observado. É daí que Freud passa a pensar em um trabalho de intencionalidade puramente terapêutica, a que se propusera desde então – e até seus últimos dias. Talvez após este

encontro com Charcot Freud tenha se decidido por iniciar o método de tratamento que passou o resto da vida construindo¹.

É sabido que Freud se utilizou, nos primórdios da psicanálise, da técnica de investigar pacientes em estado hipnótico. Isso se deve, segundo ele, ao seu contato com o dr. Breuer, e “combinava um modo de agir automático com a satisfação da curiosidade científica” (1914a/2006, p. 20). Freud (1914a) descreve, no extenso trecho a seguir (está por conta de sua fundamental importância na elucidação deste item), como ele e Breuer trabalhavam com o método catártico:

Ora, isto era exatamente o que Breuer e eu fazíamos quando começamos a trabalhar com o método catártico. Conduzíamos a atenção do paciente diretamente para a cena traumática na qual o sintoma surgira e nos esforçávamos por descobrir o conflito mental envolvido naquela cena, e por liberar a emoção nela reprimida. Ao longo deste trabalho, descobrimos o processo mental, característico das neuroses, que chamei depois de “repressão” [recalque]. As associações do paciente retrocediam, a partir da cena que tentávamos elucidar, até as experiências mais antigas, e compeliam a análise, que tentávamos corrigir o presente, a ocupar-se do passado. Esta regressão nos foi conduzindo cada vez mais pra trás; a princípio parecia nos levar regularmente até a puberdade; em seguida, fracassos e pontos que continuavam inexplicáveis levaram o trabalho analítico ainda mais pra trás, até os anos da infância que até então permaneciam inacessíveis a qualquer espécie de exploração. Essa direção regressiva tornou-se uma característica importante da análise. Era como se a psicanálise não pudesse explicar nenhum aspecto do presente sem se referir a algo do passado; mais ainda, que toda experiência patogênica implicava uma experiência prévia que, embora não patogênica em si, havia, não obstante, dotado esta última de sua qualidade patogênica (pp. 20-21).

Logo, pode-se compreender que Freud acredita que o mecanismo de recordação, nesta época, consiste no método que permite o acesso ao inconsciente (o método que torna esse acesso *possível*), nas experiências traumáticas que foram recalçadas e que, no presente, se desenham em forma de sintoma histérico. Quando diz que “esta regressão nos foi conduzindo cada vez mais pra trás”, que o trabalho analítico chegou aos anos de infância – certamente a fim de “encontrar” as cenas traumáticas originais que fundamentam o sintoma – e que “esta direção regressiva tornou-se uma característica importante da análise”, Freud

está falando do caminho que se percorre para chegar ao sentido da recordação. A uma recordação, a esta altura (ou seja, neste momento em que o método de recordação é o ponto-chave do tratamento), de uma cena (de sedução real) traumática, cena esta que “explicaria” o quadro histérico apresentado pelas pacientes a Freud em forma de sintoma. O que se recorda, no trabalho psicanálise, diz do recalcado, do que não se pode lembrar, do que é inconsciente. É da recordação que Freud, neste momento, se ocupa.

Freud vai se ocupar do método catártico e da hipnose até 1892, ano em que utiliza, pela primeira vez, o método da associação livre (Masson, org., 1986). Portanto, nos anos que se seguem após 1885 até 1892, pode-se verificar as diversas constatações clínicas que Freud faz e registra, se utilizando, basicamente, da combinação hipnose-catarse e tendo em vista o método de recordação. Entretanto, mesmo abandonando a hipnose, Freud continua a levar em conta, como chave do tratamento, a questão da recordação. É aqui que se salienta não só a recordação em si e se questiona: que recordação é essa? Que tipo de recordação está presente em análise? Do que se trata o recordado? Em carta a Fliess de 30 de maio de 1893, nos responde Freud:

Também a ligação com a sexualidade está ficando cada vez mais estreita. [...] Vejo uma boa possibilidade de preencher mais uma lacuna na etiologia sexual das neuroses. Creio compreender as neuroses de angústia das pessoas jovens, presumivelmente virgens, que não foram submetidas a abusos. Analisei dois casos desse tipo; havia um pavor presciente da sexualidade e, por trás dele, coisas que as pessoas tinham visto ou entendido mal – portanto, a etiologia é puramente emocional, mas, mesmo assim, de natureza sexual (In Masson, org., 1986, p. 49).

A recordação, então, funciona como algo que justifica, como justificativa de que as neuroses realmente possuíam uma etiologia sexual. Nessa época, Freud contava com a teoria da sedução para explicar e confirmar a sexualidade sintomática que presenciava em suas pacientes histéricas. Porém, desde os primórdios, o afeto sexual na consideração de

Freud é entendido em seu sentido mais amplo, “como uma excitação que tem uma quantidade definida” (In Masson, org., 1986, p. 75)².

Entre os anos de 1893 a 1899, Freud dedica-se ao estudo de, basicamente, três tipos de neurose: histeria, neurose obsessiva e paranóia. Todas as suas explicações acerca das mesmas, até 1897, seguiram num discurso de sedução onde, na maioria das vezes, a paciente se queixava de alguns sintomas que acabariam por ser interpretados como resultado de uma experiência traumática de cunho sexual que acontecia “encenada” pela paciente e por um sedutor (normalmente, o pai)³. Logo, as explicações contavam com a lembrança que era recordada, durante o tratamento, dessas situações. Em carta a Fliess de 1 de janeiro de 1896 – “Um conto de fadas natalino” -, Freud faz uma apresentação dos três tipos já citados e elucida alguns pontos em comum entre eles, que funcionam como pré-condições para a neurose:

Seu aparecimento [dos três tipos de neurose] está sujeito às mesmas causas precipitantes de seus protótipos afetivos, desde que a causa satisfaça a duas outras condições: que seja de natureza sexual e que ocorra no período precedente à maturidade sexual (precondições de sexualidade e infantilismo) (In Masson, org., 1986, p.163).

Freud continua sua explanação, agora se referindo à relação entre as lembranças – a o que essas lembranças, essas recordações dizem respeito – e a tendência à defesa:

[Nas neuroses] Existe uma tendência normal à defesa. [...] A tendência à defesa torna-se prejudicial, entretanto, quando é dirigida contra idéias que também são capazes, sob a forma de lembranças, de liberar um novo desprazer – como no caso das idéias sexuais. Aí está, de fato, a única possibilidade reconhecida de que uma lembrança tenha um poder liberador maior do que o que foi produzido pela experiência a ela correspondente. Apenas uma coisa é necessária para isso: que a puberdade se interponha entre a experiência e sua repetição na memória – um evento que, dessa forma, amplia intensamente o efeito da revivescência (In Masson, org., 1986, pp.163-164).

Logo, as recordações dizem respeito ao sexual. São lembranças que dizem de idéias, de cenas sexuais. O método da recordação funciona como um caminho, como um meio, como

uma via que é traçada e reconstituída em análise. Parte-se da recordação para se chegar ao “fato” – ou melhor, à cena traumática – como se analista e analisando partissem da “chegada”, tomando um caminho de volta, de regresso. Nas chamadas “neuroses de recalçamento” (paranóia, neurose obsessiva e histeria), “há, quase sempre, um mesmo caminho de formação da neurose a ser percorrido: (1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e tem que ser recalçada; (2) seu recalçamento em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança dela – e, ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário; (3) um estágio de defesa bem sucedida que equivale à saúde, exceto pela existência do sintoma primário; (4) o estágio em que as idéias recalçadas retornam e no qual, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita; (5) um estágio de adaptação, de ser oprimido, ou de recuperação por deformação” (Freud, 1896, In Masson, org., 1986, p.165).

Portanto, como já foi dito, a recordação firma-se como possibilidade que sustenta o trabalho de tratamento. É tomada como meio de acesso, como ponto fundamental no caminho de retorno do recalçado. Até 1897, o caminho percorrido pela recordação consistia na busca da lembrança de uma cena de conteúdo sexual, de algo recalçado. Entretanto, Freud, desde já, não ignora a presença da fantasia na fala das histéricas. Porém, considera que esta fantasia se refere, de modo geral, ao que as histéricas ouviram quando crianças. Como se pode perceber, essa fantasia presente na etiologia das neuroses, nesta época, ainda não condiz com a fantasia tal qual concebida com a teoria da fantasia – na crítica da teoria da sedução. Porém, não se trata de uma outra fantasia, um outro tipo de fantasia. Simplesmente o conceito estava em desenvolvimento na metapsicologia. Trata-se, ainda, de uma fantasia que não anula - mas complementa - a cena traumática real que sofreu toda histérica:

O aspecto que me escapou na solução da histeria reside na descoberta de uma fonte diferente, da qual emerge um novo elemento da produção do inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias históricas, que, tal como as vejo, remontam sistematicamente a coisas que as crianças entreouvem em idade precoce e só compreendem numa ocasião posterior (Freud, 1897⁴, In Masson, org., 1986, p. 235).

Freud conclui, até então, que o caminho para se alcançar as cenas mais primitivas, muitas vezes, se consegue diretamente; outras vezes, porém, somente através de um desvio, por meio das fantasias. Logo, as fantasias seriam (neste momento da teoria) fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações e seriam produzidas por meio de coisas ouvidas e usadas posteriormente, assim combinando coisas experimentadas e ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e antepassados) e coisas que foram vistas pela própria pessoa (Freud, 1897, In Masson, org., 1986, p. 241). As fantasias seriam, alcançando este momento teórico, algo que mascara a cena traumática, algo que é criado pelo próprio paciente para encobrir o que há de mais primitivo (e traumático) na vida sexual do mesmo. Funcionaria, então, como elemento que dificulta o trabalho de tratamento, visto que impede – ou tenta impedir – o acesso ao recalado.

Sobre o método da recordação, pode-se dizer que foi utilizado por Freud para viabilizar o tratamento. É nesse sentido que esse método é colocado aqui como possibilidade, como instrumento que viabiliza e sustenta o trabalho. O ato de recordar, de lembrar, configura-se no método utilizado por Freud neste momento. Entretanto, recordar não significava apenas lembrar, não era simplesmente traduzir em palavras a lembrança e a emoção atrelada a alguma cena. Mais do que tudo, o método de recordação possibilitava um acesso àquilo que não se podia saber, àquilo que estava encoberto e descobrir as razões desse recalque era fundamental. Só assim, poderia se dar algum sentido àquela neurose. As cenas recordadas não eram – e nunca foram – literalmente recordadas. Em seu trabalho, Freud lidava com

fragmentos, com traços de memória, com modos de contar o que se recordou e, com esses instrumentos, tentava chegar a um sentido. Tendo a fala do paciente como item fundamental de seu método, ia construindo, por assim dizer, uma colcha de retalhos, onde cada retalho é um fragmento contado e cada costura, que os une, consiste em um sentido dado pelo médico. Como o próprio afirma em carta a Fliess de 31 de maio de 1897 – mesmo em meio a “novas descobertas” acerca da fantasia para o tratamento –, “lembrar nunca é uma motivação, mas apenas um meio, um método” (In Masson, org., 1986, p. 252). Apesar de propiciar o tratamento da neurose e seu entendimento por um tempo, a recordação como objetivo do tratamento psicanalítico encontrou certos limites. Freud percebe, em 1897, que a possibilidade-recordação não representava, isoladamente, a chave do tratamento. Este caminho que percorre entre a teoria da sedução e a teoria da fantasia abarca tal questão e será apresentado, com mais detalhes, no segundo capítulo deste trabalho. Por ora, após as informações já elucidadas aqui, volta-se à compreensão que Freud constrói do psiquismo. Para isso, remonta-se a um período entre 1893 e 1895, nos *Estudos sobre a Histeria*, de Freud e Breuer, onde se perceberá, mais especificamente, o surgimento desta transformação e sua figuração enquanto possibilidade.

1.1 A HISTÉRICA, A SEDUÇÃO E OS *ESTUDOS SOBRE A HISTERIA*

Não há nenhum momento – no que diz respeito ao registro escrito – na história da psicanálise, que consiga explicitar tão perfeitamente a recordação como possibilidade terapêutica do que o período que data de 1893 a 1895, época em que Freud e Breuer trabalharam no tratamento histórico de várias moças, principalmente na sociedade vienense. Freud, nesta ocasião, estava iniciando seu trabalho clínico e considerava Breuer, seu amigo

íntimo, médico renomado e bastante conhecido, como seu mentor intelectual. Desde que voltara a Viena após seus estudos com Charcot (em 1886), Freud havia se fixado e estabelecido uma clínica de doenças nervosas, onde trabalhava, principalmente, com casos de histeria. Se utilizou de hidroterapia, eletroterapia, massagens e a cura pelo repouso. Em 1887, Freud percebe o quanto esses métodos de tratamento eram insatisfatórios e resolve se utilizar da hipnose, como relata a Fliess em carta de 28 de dezembro de 1887, ao dizer que havia se atirado à hipnose, logrando “sucessos pequeninos, mas dignos de nota” (Strachey, nas notas históricas sobre os *Estudos sobre a Histeria*, In Freud & Breuer; 1895/2006, p. 15).

Porém, o método hipnótico é usado por Freud justamente para exercer a sugestão. Esta última consistia em propor ao paciente algumas idéias sugeridas (pelo médico) de suas crenças. Freud se utilizou dela a fim de convencer seus pacientes de que os mesmos apresentavam crenças, idéias e sensações falsas acerca da origem de suas doenças e, com isso, sugestionava outras causas que, como acreditava Freud, seriam as mais coerentes e verdadeiras. Nesse sentido, começa a trabalhar com seus pacientes e estabelecer um método característico de trabalho, mas que possuía certos entraves:

Em Paris, vira o hipnotismo usado livremente como um método para produzir sintomas em pacientes, então removendo-os novamente. E agora nos chegava a notícia de que surgira uma escola em Nancy que fazia uso extenso e marcadamente bem sucedido da sugestão, com ou sem hipnotismo, para fins terapêuticos. Ocorreu assim, como algo natural, que, nos primeiros anos de minha atividade como médico, meu principal instrumento de trabalho, afora os métodos psicoterapêuticos aleatórios e não sistemáticos, tenha sido a sugestão hipnótica. [...] No momento, havia apenas dois pontos passíveis de queixa: em primeiro lugar, que eu não era capaz de hipnotizar todos os pacientes, e, em segundo, que fui incapaz de pôr os pacientes individuais num estado tão profundo de hipnose como teria desejado (Freud, 1925a[1924]/2006, p. 24).

Este fato é comentado por muitos autores, pesquisadores, psicanalistas e estudiosos em geral: Freud realmente tinha dificuldades para hipnotizar pacientes (como dito por ele

mesmo acima), talvez por não conferir que aquele método era suficientemente eficaz no trabalho que estava se dispondo a construir e fazer. Ao concluir que a sugestão não possuía efeitos duradouros e suficientemente eficazes para levar a uma cura definitiva, abandona-a em favor da catarse (Roudinesco & Plon, 1998). Logo, a obra *Estudos sobre a Histeria* (1895/2006), de Freud e Breuer, preocupa-se em demonstrar a eficácia da hipnose (mesmo que se possa considerar que essa insistência se deveu muito mais a Breuer do que a Freud), que tinha efeito catártico, “na medida em que despertava lembranças importantes e dava vazão a emoções poderosas que os pacientes histéricos⁵ tinham sido incapazes de evocar ou expressar quando estavam em seu eu normal” (Gay, 1988/2007, p. 76). Para isso, além de esclarecimentos acerca do mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos, de autoria dos dois, e de considerações teóricas de autoria de Breuer, apresentam-se casos clínicos (um de Breuer e quatro de Freud) que retratam o uso do método proposto como alternativa de tratamento da histeria.

Já na segunda parte da *Comunicação Preliminar*, afirma-se que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (p. 43). Bem, e o que é, de fato, para Freud e Breuer, uma reminiscência? É a lembrança, é a recordação de uma cena recalçada que sustenta a histeria e dá sentido, neste momento, ao sintoma histórico. A lembrança dá razão à doença, é seu suporte. Ela traz consigo uma quantidade de afeto que a acompanha. A lembrança sustenta a doença histórica, pois funciona como fio condutor entre o sintoma histórico e a cena traumática:

Via de regra, é necessário hipnotizar o paciente e provocar, sob hipnose, suas *lembranças* da época em que o sintoma surgiu pela primeira vez; [...] É que verificamos, a princípio com grande surpresa, que cada sintoma histórico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a *lembrança* do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito este fato com maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras (Freud, 1925a[1924]/2006, pp. 39-42).

Logo, esta obra que data dos primórdios da psicanálise diz da recordação, da possibilidade de trabalho de tratamento com o cuidado com a lembrança, com o que se recorda e que dá sentido a um sintoma, com o que Freud se utiliza na tentativa de explicar a doença histérica ao histérico, fazendo cessar seus sintomas. Elucida-se também a noção de que a psicanálise sempre foi um trabalho de fala, de traduzir o afeto em palavras, de dizer do que se sente. Freud, então, preocupa-se cada vez mais em fazer falar, em produzir a fala de suas histéricas, sob determinadas e precisas condições, fazendo as mesmas lembrarem as origens de seus sintomas e descreverem com riqueza de detalhes cada uma delas⁶. Mas quem eram essas histéricas e do que se queixavam? Do que falavam com Freud? O que o corpo sintomático dessas moças reservava a Freud?

As histéricas eram aquelas que haviam sido seduzidas e que precisavam lembrar, precisavam de suas lembranças mais antigas para poderem acabar com seus sintomas e dar sentido à sua doença. O método da recordação, a lembrança do fato ou cena sexual primordial era o grande trunfo de Freud na época, era aquilo que a histérica deveria lembrar-se para que o trabalho dele pudesse ser feito, obtendo resultados satisfatórios. É nesta época que se explicita a crença na chamada teoria da sedução. A histérica, então, havia sido seduzida na infância – e este aspecto implica um outro personagem fundamental, o sedutor – e este fato fora recalcado, ou seja, “jogado” para fora da consciência, permanecendo, portanto, inconsciente. Na idade adulta, surgiriam sintomas desenhados nas mais variadas formas. Os mesmos remontariam à cena primordial, ganhariam sentido com o caminho traçado entre eles e a lembrança (acompanhada de afeto) da cena primordial traumática. Quando a lembrança da cena ocorria no tratamento, os sintomas desapareciam por completo e a histérica era “curada”, ficando livre deles e conhecendo o motivo, o

sentido de sua doença. Segundo Freud e Breuer (1895/2006), “parece que essas lembranças correspondem a traumas que não foram suficientemente ab-reagidos” (p. 45). Mais adiante, complementam marcando que “as representações que se tornaram patológicas persistiram com tal nitidez e intensidade afetiva porque lhes foram negados os processos normais de desgaste por meio da ab-reação e da reprodução em estados de associação não inibida” (1895/2006, p. 47). Os dois autores não deixam de assinalar, nos *Estudos sobre a Histeria* (1895/2006), os elementos utilizados no tratamento, o sentido do uso da lembrança no trabalho e o “efeito curativo” do mesmo:

Agora poderá ficar claro por que o método psicoterápico que descrevemos nestas páginas tem um efeito curativo. Ele põe termo à força atuante da representação que não fora ab-reagida no primeiro momento, ao permitir que seu afeto estrangulado encontre uma saída através da fala; e submete essa representação à correção associativa, ao introduzi-la na consciência normal (sob hipnose leve) ou eliminá-la por sugestão do médico, como se faz no sonambulismo acompanhado de amnésia (p. 52).

Logo, de forma sintética, o Freud dos *Estudos...* se caracteriza pelo método que se utiliza no trabalho de tratamento (método hipnótico-catártico), por se utilizar da lembrança (da recordação) como possibilidade no tratamento e por estar crente, neste momento, da veracidade de sua teoria da sedução. Ele sempre acreditou que estas cenas traumáticas continham conteúdo sexual, ou seja, estavam envoltas em questões sexuais que eram recalçadas por conta da idade precoce em que as mesmas aconteciam. Breuer, porém, preferia não estabelecer esta relação direta e acabava por ir contra Freud ao não acreditar que todas essas cenas possuíam certo teor sexual como acreditava Freud. Sobre as divergências com Breuer acerca da etiologia da histeria, nos diz:

Minha primeira divergência com Breuer surgiu de uma questão relativa ao mecanismo psíquico mais apurado da histeria. Ele dava preferência a uma teoria que, se poderia dizer, ainda era até certo ponto fisiológica. [...] Eu via a questão de forma menos científica; parecia discernir por toda parte tendências e motivos análogos aos da vida cotidiana, e encarava a própria divisão psíquica como o efeito de um processo de repulsão que naquela época denominei “defesa”, e depois de “repressão” [recalque]. Fiz uma tentativa efêmera de permitir que os

dois mecanismos existissem lado a lado separados um do outro, mas como a observação me mostrava sempre uma única e mesma coisa, dentro de pouco tempo minha teoria da “defesa” passou a se opor à teoria “hipnóide” de Breuer. [...] Quando depois comecei, cada vez com mais persistência, a chamar a atenção para a significação da sexualidade na etiologia das neuroses, ele foi o primeiro a manifestar a reação de desgosto e repúdio que posteriormente iria tornar-se tão familiar a mim, mas que naquela ocasião eu não tinha ainda aprendido a reconhecer como meu destino inexorável (1914a/2006, pp. 21-23).

Entretanto, todas as divergências de opinião acerca da etiologia da histeria entre esses dois homens não os impediu de discutirem os mais variados casos que se prestaram a tratar e, não impediu Freud de declarar, em 1909 em conferência na Clark University, que não cabia a ele o mérito da criação da psicanálise e sim a Breuer (Freud, 1914a). A relação dos dois está fundamentalmente presente no que diz respeito às origens da psicanálise, mas o rompimento dos dois é fundamental: liberta Freud para a teorização da etiologia das neuroses com a inclusão do sexual, ou seja, da etiologia sexual das neuroses. Freud poderia, após muitas observações e estudos, considerar a possibilidade de teorizar acerca daquilo que seria a base fundamental de toda a construção do psíquico – e da própria metapsicologia: o conteúdo sexual presente no cerne da neurose. É claro que ainda não se trata de sistematizar uma teoria sobre a sexualidade, o que só se dará em 1905, com a publicação dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Entretanto, Freud já havia atinado para o conteúdo sexual e este fato não poderia mais ficar excluído de toda a produção que se daria posteriormente. O conflito sexual permanecia enquanto segredo do neurótico e Freud se esforçava cada vez mais a fim de trazer à tona as questões referentes ao mesmo. Nesse sentido, Gay (1988/2007) nos apresenta algumas características que possuíam estas pacientes dos *Estudos sobre a Histeria*:

Os histéricos tratados por Freud nessa época heróica apresentavam um assombroso conjunto de sintomas de conversão, desde dores nas pernas a sensações friorentas, estados depressivos e alucinações intermitentes. Freud ainda não estava preparado para eliminar o elemento da hereditariedade, a herança “neuropática”, de suas diagnoses. Mas agora ele preferia procurar experiências traumáticas iniciais, como pistas para as fontes ocultas das estranhas deficiências

dos pacientes. Ele vinha se convencendo de que os segredos dos neuróticos eram aquilo que Breuer chamava de *secrets d'alcôve*, conflitos sexuais ocultos aos próprios atingidos. Era, pelo menos, o que ele julgava que estavam lhe contando, ainda que, muitas vezes, das maneiras mais indiretas (p. 80).

As clássicas histéricas dos *Estudos sobre a Histeria* (1895) garantiram a formação de, até mesmo, um certo clima de romance que envolve a história das origens da psicanálise. Os casos clínicos são relatados por Freud e Breuer como contos que envolvem o leitor e constroem ares de literatura romanceada, a partir dos caminhos que são percorridos nas histórias. Anna O.⁷, Emmy von N., Miss Lucy, Katharina, Elisabeth Von R.⁸: todas elas – e muitas outras – atuam até mesmo de forma literária no imaginário acerca das origens da psicanálise, estão envoltas em tramas de sedução e apresentam um amplo e característico quadro sintomático⁹. Freud, sem sombra de dúvida, deve boa parte de suas descobertas e teorizações a estas e outras moças histéricas, que se submeteram ao trabalho de tratamento que ele propôs naquela época. Os próprios pacientes de Freud lhe davam acesso ao conhecimento sobre aquilo que ele estava investigando. As histéricas clássicas deram sentido ao método da recordação como possibilidade para o tratamento se dar e remanejaram as idéias freudianas acerca do mesmo:

Ouvir, para Freud, tornou-se mais do que uma arte; [...] Um dos guias a quem Freud sempre foi grato era Emmy von N. [...] Ao longo do tratamento, ela apresentou lembranças traumáticas altamente interessantes para Freud. [...] Mas, ainda melhor, ela proporcionou uma veemente lição prática a seu médico. Quando Freud a interrogava com insistência, ela se aborrecia, “muito rispidamente”, e pedia que ele parasse de “lhe perguntar de onde veio isso ou aquilo, mas que a deixasse me contar o que ela tinha a dizer”. [...] Ao lhe permitir ver que a hipnose é de fato “inútil e sem sentido”, Emmy Von N. ajudou Freud a se libertar de Breuer. [...] Ao abandonar gradualmente a hipnose, Freud não estava simplesmente fazendo da necessidade virtude; essa mudança, pelo contrário, levou à importantíssima adoção de um novo modo de tratamento. Formava-se a técnica da associação livre (Gay, 1988/2007, pp. 80-81).

Nesse sentido, o que se quer dizer quando se reafirma a importância que as histéricas tiveram na composição original da metapsicologia é que elas ajudaram a construir elementos teóricos que serviram de componentes fundamentais da nova “ciência”; mais do

que tudo, elas ajudaram Freud a reconhecer que a hipnose não era satisfatória porque não as permitia falar sobre aquilo que quisessem, sem maiores direcionamentos; elas provaram a Freud que ele, de alguma maneira, estava certo – ao menos por ora – ao se remeter às lembranças na construção do sentido da doença, na desconstrução do sintoma histérico e que este processo não estava necessariamente atrelado à técnica da hipnose. Mesmo assim, Freud parece ter sentido falta de abordar, mais profundamente, o papel do conteúdo sexual na neurose. Assinala, no *Estudo Autobiográfico* (1925a[1924]/2006), que, nos casos clínicos com os quais contribuiu nos *Estudos sobre a Histeria*, “os papéis sexuais desempenhavam certa função, mas quase não se prestou mais atenção a eles do que a outras excitações emocionais” (p. 29). Até 1897, Freud conduzirá seu trabalho com base na crença na teoria da sedução, permitindo que a recordação se desenrole como possibilidade que sustenta o trabalho. A recordação só esbarrará em seus limites quando a teoria da sedução cair por terra, dando possibilidade a Freud de teorizar e discorrer acerca da teoria da fantasia, a ser discutida no capítulo 2, à frente.

É para apresentar a lembrança como possibilidade de tratamento que se destaca a importância dos *Estudos sobre a Histeria* (1895). A obra não se revela como inaugural na história da psicanálise, mas diz de um período que está entre o pré-psicanalítico e a psicanálise propriamente dita. O próprio Freud não deixou de assinalar, futuramente, o quanto esta obra permite a falta de atenção à questão sexual, ponto no qual Freud se debruça, cada vez com mais afinco, nos anos seguintes. Os *Estudos sobre a Histeria* (1895) mostram uma tentativa de tratamento para a histeria, possibilidades de trabalho de tratamento em volta do sintoma histérico e a construção de uma via que ligue este sintoma à cena traumática, desenhada à luz da teoria da sedução. Os *Estudos...*, principalmente,

mostram o método da recordação como possibilidade para o tratamento, como meio de acesso ao caminho para o conteúdo inconsciente, para o recalcado. Nas palavras de Gay (1988/2007), “em 1895, nos *Estudos sobre a Histeria*, Freud avançava para algumas generalizações de grande alcance. Acumulando e ordenando as peças do grande quebra-cabeça que é a mente humana, ele estava desenvolvendo as idéias psicanalíticas, e também seu respectivo vocabulário, que se tornariam canônicas no final do século” (p.83). No *Estudo Autobiográfico*, Freud (1925a[1924]/2006) fala da representação dos *Estudos...* para a psicanálise:

Se o relato apresentado por mim até agora levou o leitor a esperar que os *Estudos sobre a Histeria* devem, em todos os pontos essenciais de seu conteúdo material, ser produto da mente de Breuer, é precisamente isto que sempre tenho sustentado, e aqui tem sido meu objetivo repetir isso. No tocante à teoria formulada no livro, fui em parte responsável, mas em uma medida que hoje não é mais possível determinar. Essa teoria foi de qualquer maneira desprezível e quase não ultrapassou a descrição direta das observações. Não procurei estabelecer a natureza da histeria, mas apenas lançar luz sobre a origem de seus sintomas. Assim, dava-se ênfase à significação da vida das emoções e à importância de estabelecer distinção entre os atos mentais conscientes e inconscientes (ou, antes, capazes de ser conscientes); introduziu um fator dinâmico, supondo que um sintoma surge através do represamento de um afeto, e um fator econômico, considerando aquele mesmo sintoma como produto da transformação de uma quantidade de energia que de outra maneira teria sido empregada de outra forma (esse segundo processo foi descrito como conversão). [...] Teria sido difícil adivinhar pelos *Estudos sobre a Histeria* a importância que tem a sexualidade na etiologia das neuroses (p. 28-29).

Diante desta exposição acerca do método da recordação como possibilidade para o trabalho freudiano, se faz necessária a apresentação, antes da exposição dos limites nos quais esbarra a recordação no tratamento, de algumas linhas gerais sobre o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]). Mesmo que o argumento do presente estudo se baseie na colocação de algumas transformações que ocorreram no desenvolvimento da psicanálise, e no posicionamento das mesmas como possibilidades para o trabalho de tratamento (apontando, posteriormente, seus limites), se busca uma caracterização, também, que diz da maneira como Freud foi pensando a psicanálise ao longo do seu desenvolvimento. Esse

trabalho freudiano, publicado apenas em 1950, foi escrito no mesmo ano de publicação dos *Estudos sobre a Histeria* (1895) e diz da proposta freudiana de descrever, cientificamente, aqueles mecanismos que estava se propondo a investigar. O *Projeto* (1950[1895]/2006) diz de sua intenção de “prover uma psicologia que seja ciência natural” (p. 347). O mesmo figura aqui como representação – ainda que se tenha os *Estudos sobre a Histeria* – da concepção de Freud acerca da metapsicologia enquanto se utilizava do método da recordação como instrumento possível e fundamental para o tratamento.

1.2 O PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA DE 1895

O ano de 1895 não é apenas o ano de publicação dos *Estudos sobre a Histeria* (1895). É também o ano o qual Freud (1950[1895]/2006) resolve, literalmente, colocar no papel suas idéias e intenções acerca da psicologia que gostaria de construir e de estabelecer como “ciência natural” (p. 347) e método de trabalho de tratamento para a neurose (apesar de que este último está muito mais explícito no último capítulo dos *Estudos...*, escrito por Freud, “A psicoterapia da histeria”, pp. 271-316). O *Projeto para uma Psicologia Científica* é um trabalho que, ao menos aos olhos de Freud, ou não intencionava ser publicado, ou ele mesmo pode ter desistido de sua publicação. Só se tomou conhecimento do mesmo em 1950, ano de sua publicação em alemão, incluída em *Aus den Anfängen der Psychoanalyse* (em Londres; a tradução inglesa só apareceu quatro anos mais tarde). O *Projeto* trata-se de um escrito ambicioso para uma psicologia científica, que, segundo Gay (1988/2007), “contava com dois objetivos científicos: introduzir o ponto de vista quantitativo e levar a psicopatologia a inspirar a psicologia geral” (p. 87). Nas palavras de Freud (1950[1895]/2006):

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as idéias principais envolvidas: (1) a que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q , sujeita às leis gerais do movimento. (2) Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais (p. 347).

Logo, pode-se constatar que Freud se utiliza de uma linguagem fisiológica, biológica. Os termos utilizados no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]) são termos científicos, o que justificaria dizer que o mesmo é sim uma amostra do desejo freudiano de elevar a sua “psicologia para neurologistas” – como ele denominou o trabalho que estava se prestando a fazer a Fliess, em carta de 27 de abril de 1895 – a um nível científico e, com isso, obter reconhecimento do seu trabalho, de suas pesquisas, como ciência. O *Projeto* foi redigido em setembro e começo de outubro de 1895. Freud conta a Fliess as primeiras notícias acerca deste escrito, na carta de 15 de setembro de 1895, ao dizer que “estava considerando a idéia de escrever, da melhor maneira possível, o primeiro rascunho da psicologia” (In Masson, org., 1986, p. 139). Em 23 de setembro do mesmo ano, escreve:

Tenho-lhe escrito tão pouco apenas por estar escrevendo muitas coisas para você, ou seja, escrevendo aquilo que comeci no trem: um relato sumário da $\psi\omega$, que você poderá usar como base para sua crítica e ao qual tenho dado prosseguimento em minhas horas de lazer e nos intervalos entre os atos de minha clínica médica, agora gradativamente maior (In Masson, org., 1986, p. 140).

Os símbolos usados na citação acima significam, respectivamente, “sistema de neurônios permeáveis”, “sistema de neurônios impermeáveis” e “sistema de neurônios perceptuais” (Freud, 1950[1895]/2006, p. 346). Todo o *Projeto* está permeado de símbolos que se configuram entre si, dando um sentido às idéias que Freud apresenta acerca da “concepção quantitativa”, da “teoria do neurônio”, das “barreiras do contato”, etc.¹⁰. Mais uma vez, Freud demonstra, no uso dos símbolos e no restante do palavreado usado no *Projeto*, seu

desejo de consolidar um pensamento científico, uma “psicologia para neurologistas” que seja ciência natural:

As metáforas mecanicistas e o vocabulário técnico de Freud – “neurônios”, “quantidade”, “regras biológicas de atenção e defesa” e o mais – faziam parte da linguagem de seu mundo, de sua formação médica e do Hospital Geral de Viena. A tentativa de fundar a psicologia como uma ciência natural, sobre as bases sólidas da neurologia, adequa-se às aspirações dos positivistas com quem Freud estudara, e cujas esperanças e fantasias ele agora se empenhava em concretizar. Ele nunca abandonou sua ambição de fundar uma psicologia científica. No *Esboço de Psicanálise*, a súplica final que escreveu em Londres no seu último ano de vida e deixou, como o projeto, inacabado, Freud afirmava categoricamente que a ênfase sobre o inconsciente na psicanálise capacitava-a a “ocupar seu lugar como uma ciência natural como qualquer outra” (Gay, 1988/2007, p. 88).

Mesmo sendo o *Projeto* uma obra qualificada de newtoniana “em seu esforço de submeter as leis da mente às leis do movimento” (Gay, 1988/2007, p. 88), o que demonstra o empenho apaixonado de Freud na construção de leis gerais que guiassem e articulassem todo o seu trabalho, este escrito parece ainda ser considerado como uma obra “renegada por seu criador” (Strachey, na terceira parte da introdução do *Projeto para uma Psicologia Científica*, In Freud, 1950[1895]/2006, p. 345). Gay (1988/2007) aponta que Freud “nunca se deu ao trabalho de terminar o *Projeto* e ignorou-o estudadamente em suas retrospectivas autobiográficas¹¹. Mas, se é um fracasso, é um fracasso brilhante. O *Projeto* não constitui propriamente um primeiro esboço da teoria psicanalítica, mas as idéias de Freud sobre as pulsões, a repressão e a defesa, a economia mental com suas forças energéticas em conflito, o animal humano como animal desejante, todas elas estão aí prefiguradas” (p. 87).

A importância do trabalho feito no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]) diz respeito exatamente a toda a produção teórica que se dá posteriormente. Em posteridade, pode-se considerar que muitas idéias freudianas que constituem a metapsicologia têm origem no *Projeto*. Como aponta Strachey na introdução do *Projeto* (1950[1895]/2006), “o escrito de Freud é um documento neurológico, mas contém em si o

núcleo de grande parte das teorias psicológicas que Freud desenvolveria mais tarde” (pp. 342-343). Por exemplo, na parte clínica (II), aponta que a sexualidade tem grande proeminência, já nas partes teóricas (I e III), ela desempenha um papel secundário. Entre outros pontos, destaca:

Aqui a ênfase está colocada exclusivamente no impacto do meio sobre o organismo e na reação do organismo ao meio. É verdade que, além dos estímulos externos, existem excitações endógenas, mas a natureza dessas excitações não é objeto de muitas considerações. As “pulsões” são apenas entidades indefinidas, que mal recebem um nome. [...] O que temos no *Projeto* é uma descrição pré-id – “defensiva” – da mente. [...] Já se assinalou muitas vezes que é no *Projeto* que se encontra uma antecipação do ego estrutural que surge em *O Ego e o Id*. [...] E, afinal, não se deve esquecer de que o próprio Freud terminou por abandonar toda a estrutura neurológica (Strachey, na terceira parte da introdução do *Projeto para uma Psicologia Científica*, In Freud, 1950[1895]/2006, pp. 343-345).

Logo, o que quer nos dizer Freud com o seu ambicioso *Projeto*? O que espera Freud, neste momento, de sua “psicologia para neurologistas”? O *Projeto* revela o desejo freudiano de consolidar sua psicologia, seus pensamentos acerca do psiquismo, como algo cientificamente reconhecido. Algo que pudesse demonstrar, em termos médicos e científicos, o mecanismo de funcionamento do psiquismo. O que Freud não nos diz versa sobre pontos-chave que o *Projeto* já traz e que seriam utilizados e aperfeiçoados por ele com o passar dos anos. Freud parece esquecer o *Projeto*, renegá-lo, mas não deixa de esbarrar, durante todo o tempo de construção das idéias metapsicológicas, em questões fundamentais que o mesmo já traz – mesmo que em outros termos. Nos diz de seu desejo em fazer da “sua” psicologia uma ciência, “uma psicologia que seja ciência natural”. Freud nos diz que seu desejo pelo conhecimento da estrutura psíquica é inesgotável e que, por isso, ele estará disposto a trabalhar até o fim de sua vida.

A exposição do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]) diz da maneira de Freud pensar a metapsicologia na época da utilização do método de recordação como

possibilidade para o tratamento. Justifica-se aqui o argumento proposto de que essa (primeira) transformação se dá enquanto instrumento, enquanto modo de trabalho, enquanto possibilidade para o tratamento. Freud acredita, durante os anos que foram sublinhados aqui, que possui um verdadeiro trunfo nas mãos. Este trunfo realmente se deu por algum tempo, permitindo a Freud teorizar a metapsicologia baseado naquilo que vivenciava em sua clínica. Recordar, não de forma pura e simples, era o movimento que promovia naquelas épocas, já que este ato *possibilitava* o fechamento de sentido para a doença neurótica e sustentava seu trabalho. O método da recordação possibilitou a Freud a conclusão de que se deve dar atenção à fala e de que ela é fundamental. Logo, não se trata apenas de recordar: se trata de se utilizar desse método como possibilidade para a busca de sentido, de prestar atenção ao que é contado e na maneira que é contado. A lembrança não vem à tona “pronta”, mesmo porque nunca vem à tona em toda sua complexidade e verdade. Entretanto, lembrar a lembrança, recordar a recordação baseava-se na chave-mestra para o acesso ao caminho do recalado e, conseqüentemente, à causa da neurose. É nesse sentido que Freud se utiliza do método de recordação, para sustentar seu trabalho. A recordação desenha-se como possibilidade da qual Freud se utiliza para o tratamento se dar e, quem sabe, lograr êxito.

NOTAS:

¹ Mesmo tendo Freud aprendido muito com os estudos com Charcot na época que foi à Paris, não deixa de assinalar o que não permaneceu válido destes ensinamentos. Numa passagem do *Estudo Autobiográfico* (1925a[1924]/2006), nos diz: “Sem dúvida, nem tudo

o que Charcot nos ensinou naquela época é válido hoje: parte se tornou duvidoso, parte deixou definitivamente de resistir ao teste do tempo. Mas sobrou muita coisa que encontrou lugar perante o acervo da ciência. Antes de partir de Paris, examinei com o grande homem um plano para o estudo comparativo das paralisias histéricas e orgânicas. Desejava estabelecer a tese de que na histeria as paralisias e anestésias das várias partes do corpo se acham demarcadas de acordo com a idéia popular dos seus limites e não em conformidade com fatos anatômicos. Ele concordou com esse ponto de vista, mas foi fácil ver que na realidade não teve qualquer interesse especial em penetrar mais profundamente na psicologia das neuroses” (p. 21).

²Carta de Freud a Fliess de 21 de maio de 1894.

³ Em sua extensa correspondência com Fliess, Freud faz diversas referências ao pai e a figura deste como principal sedutor presente nas cenas recalçadas de suas pacientes.

⁴ Carta de Freud a Fliess de 6 de abril de 1897. Freud parece estar, do início a um pouco mais da metade do ano de 1897, crente na teoria da sedução, mas, ainda assim, interessado na questão da fantasia.

⁵ Peter Gay (1988/2007) chama a atenção para o fato de que Anna O., célebre paciente do dr. Breuer, se referia ao método catártico como “cura pela fala” ou, humoristicamente, “limpeza de chaminé”.

⁶ Sobre o “fazer falar” em análise e a invenção da “cura pela conversa”, ver Celes (2005b, p.30).

⁷ Vários autores se debruçaram acerca do transcorrer da análise de Anna O. (Bertha Pappenheim é seu verdadeiro nome). Envolvida por mistérios e constantes suposições, este tratamento marca as origens da psicanálise, mesmo que a paciente não tenha sido tratada

por Freud e sim por Breuer. Freud (1925a[1914]/2006), no *Estudo Autobiográfico*, ao comentar de forma irônica o papel secundário que a sexualidade alcançou nos *Estudos sobre a Histeria* (1895), aponta para este tratamento da seguinte forma: “Breuer escreveu sobre a moça, que desde então se tornou famosa como sua primeira paciente, que sua faceta sexual era extraordinariamente não desenvolvida. Teria sido difícil adivinhar pelos *Estudos sobre a Histeria* a importância que tem a sexualidade na etiologia das neuroses” (p. 29).

⁸ Para mais comentários sobre este tratamento, ver Gay (2007, p. 81).

⁹ Todos esses tratamentos estão descritos na segunda parte dos *Estudos sobre a Histeria* (1895/2006, pp. 57-202), intitulada “Casos Clínicos”.

¹⁰ Estes nomes correspondem a alguns títulos que Freud emprega nas partes e subpartes do *Projeto*. Este trabalho não possui como objetivo descrever e caracterizar o que cada parte contém, porém se utiliza dos nomes ou de alguns trechos para contextualizar certas argumentações.

¹¹ *A História do Movimento Psicanalítico* (1914a) e *Um Estudo Autobiográfico* (1925a[1924]) são consideradas as obras freudianas de cunho autobiográfico. Em nenhuma delas, há qualquer menção sobre o *Projeto*.

CAPÍTULO 2

SOBRE A INTERPRETAÇÃO E A FANTASIA

Após a exposição feita no capítulo anterior acerca da recordação, da lembrança como instrumento do qual Freud se utilizou a fim de *possibilitar* o trabalho de tratamento, faz-se necessário elucidar, também, alguns limites que esta “ferramenta” encontrou. A noção de psicanálise que permeia este trabalho é freudiana e é demarcada por uma concepção de transformação, que significa que toda possibilidade da qual o trabalho se utiliza esbarra em certos limites de sua realização. Desse modo, Freud vai sempre encontrar novas possibilidades para sustentar seu trabalho, transformando, assim, suas concepções da análise e as concepções metapsicológicas. Nesse sentido, a exposição que se segue procura, primeiramente, demarcar os limites de tratamento nos quais esbarrou o método da recordação e, em seguida, expõe-se o modo como Freud se utilizou do método da interpretação e do conceito de fantasia.

A recordação apresenta-se como possibilidade no trabalho freudiano porque permite o acesso ao conteúdo traumático: a lembrança configurou-se como o caminho que ligava o sintoma – principalmente, o histérico – ao trauma sexual. O trabalho de Freud consistia em percorrer esse caminho, em traçar a ligação entre o sintoma e a cena traumática e, para isso, utilizava-se da lembrança que vinha a tona durante o tratamento. Este método verifica-se como eficaz enquanto a teoria da sedução estava em vigor. Enquanto Freud acreditou que um sedutor havia seduzido uma paciente durante uma fase bem primordial – ou seja, durante a infância -, que havia existido uma cena de sedução real e constatada, a recordação desenhou-se como possibilidade, no sentido que construía o caminho entre o sintoma e a

cena. Entretanto, como se pode observar, Freud, durante (principalmente) o ano de 1897, passa a concentrar-se em sua concepção de fantasia. No capítulo 1 deste trabalho, durante as considerações acerca da recordação, pôde-se constatar que Freud, mesmo acreditando na teoria da sedução, não deixou de conceber a fantasia como presente no discurso de suas pacientes. A fantasia era, portanto, algo que permeava a cena real – que, por todo o tempo de crença de Freud na sedução, nunca deixou de ter acontecido, nunca deixou de ter se dado como realidade. Freud elucidava a existência de elementos de fantasia no modo de contar o que lembravam da cena traumática de sedução¹. Entretanto, no ano de 1897, quando começa a se debruçar sobre este conceito (o de fantasia), ele passa a fazer descobertas durante os tratamentos e considerações acerca delas que influenciam diretamente no que acreditava até então, ou seja, em sua crença na teoria da sedução. Sobre esses desenvolvimentos em torno do conceito, serão utilizados, primeiramente, aqui, trechos de cartas de Freud a Fliess, escritos no decorrer do ano de 1897. Este percurso começa em uma carta de 17 de janeiro de 1897, quando Freud compara os ataques e as confissões históricas à teoria medieval da possessão, como sendo algo comparável a uma pré-história da histeria:

Porque é que as confissões delas [das “pobrezinhas” possuídas da época medieval], mediante tortura, são tão semelhantes às comunicações feitas por meus pacientes em tratamento psíquico? [...] Os alfinetes que aparecem das maneiras mais estranhas; as agulhas que fazem com que as pobrezinhas tenham seus seios mutilados e que não são visíveis nas radiografias, embora apareçam, sem dúvida, em suas histórias de sedução! [...] Mais uma vez, os inquisidores espetam agulhas para descobrir os estigmas do demônio e, numa situação similar, as vítimas pensam na mesma velha história de crueldade sob a forma de ficção (ajudadas, talvez, pelos disfarces dos sedutores). Assim, não somente as vítimas, mas também os algozes lembram nisso sua mais tenra meninice (In Masson, org., 1986, pp. 225-226).

Neste trecho, observa-se que Freud, mesmo sem usar exatamente a palavra “fantasia”, se refere às ficções que surgem durante os relatos que escutava na clínica de seus pacientes, relatos estes que se assemelhavam às histórias que dizem respeito às pobres moças possuídas

na época medieval. Aqui, se trata de fantasia, de uma certa elaboração freudiana acerca da presença da mesma no relato de seus pacientes, ou seja, no tratamento psíquico. Porém, esta presença, neste momento, ainda se constituía ao lado da cena real de sedução. Sobre a existência da sedução real e da fantasia, Freud assinala a Fliess, em carta de 2 de maio de 1897:

Em primeiro lugar, adquiri uma noção segura da estrutura da histeria. Tudo remonta à reprodução de cenas (do passado). A algumas, se pode chegar diretamente, e a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamento deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal. Sua origem acidental talvez provenha de fantasias de masturbação. Um segundo elemento importante na compreensão me diz que as estruturas psíquicas que, na histeria, são afetadas pelo recalçamento, não são, na verdade, lembranças, já que ninguém se entrega à atividade mnêmica sem um motivo, e sim a impulsos decorrentes de cenas originárias. Apercebo-me agora de que todas as três neuroses (histeria, neurose obsessiva e paranóia) exibem os mesmos elementos (ao lado da mesma etiologia), quais sejam, fragmentos de memória, impulsos (derivados das lembranças) e ficções protetoras (In Masson, org., 1986, p. 240).

A partir deste trecho, pode-se notar que Freud trabalha, nesta ocasião, com as duas noções: existe sim uma reprodução de cenas do passado, ou seja, uma cena real e traumática realmente aconteceu, contando com um sedutor e um seduzido; entretanto, deve-se considerar a fantasia que, aqui, se ergue como proteção em relação ao conteúdo da cena traumática. O seduzido, então, arma-se de fantasias que embelezam a cena e o aliviam. Em 25 de maio de 1897, Freud escreve uma carta a Fliess e anexa o “Rascunho M.”, denominado “A Arquitetura da Histeria”. Neste rascunho, Freud nos fala da teoria da sedução e do processo de recalçamento, mas não deixa de tratar a respeito das fantasias. Diz-nos que “as fantasias emergem de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir os sintomas. As fantasias são formadas por amalgamação e distorção, de modo análogo à decomposição de um composto

químico que esteja combinado com outro. [...] Um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia, enquanto o fragmento liberado se liga a alguma outra coisa” (In Masson, org., 1986, p. 248). Observa-se aqui que já há uma construção teórica mais definida e consistente acerca do conceito de fantasia e um maior conhecimento no que diz respeito a seu papel na etiologia das neuroses.

Entretanto, Freud não deixa, neste período, de levantar suas dúvidas acerca do papel da fantasia. No “Rascunho N.”, anexo à carta de 31 de maio de 1897, diz, ao relacionar impulsos e fantasias, que “as lembranças parecem bifurcar-se: parte delas é posta de lado e substituída por fantasias; outra parte, mais acessível, parece levar diretamente aos impulsos”. Logo depois, se pergunta: “Seria possível que mais tarde os impulsos também derivassem das fantasias?” Freud levanta a questão, portanto, de uma possibilidade, na etiologia das neuroses, de uma certa falsificação das lembranças, processo este que aconteceria sob a ordem inconsciente, o que permite Freud tirar outras conclusões complementares às anteriores apresentadas:

Assim, vejo que a defesa contra as lembranças não impede que elas dêem origem a estruturas psíquicas superiores, que persistem por algum tempo e depois são igualmente submetidas à defesa. Esta, porém, é de um tipo altamente específico – precisamente como nos sonhos, que contém em resumo toda a psicologia das neuroses em geral. Aquilo com que somos confrontados são falsificações da memória e fantasias – estas últimas, referentes ao passado ou ao futuro. Conheço superficialmente as regras segundo as quais essas estruturas se agrupam e as razões por que são mais fortes do que as lembranças verdadeiras, e assim, aprendi coisas novas sobre as características dos processos Ics (Carta de Freud a Fliess de 7 de julho de 1897, In Masson, org., 1986, p. 256).

Todos estes trechos já citados elucidam a idéia que Freud estava construindo acerca da fantasia e de seu papel na etiologia das neuroses. Não se pode dizer que Freud simplesmente acordou um dia com a idéia de que seus pacientes mentiam a respeito de sua vida, das cenas que contavam e que isso fez com que Freud pensasse na possibilidade de enquadrar esses relatos nos termos de representações, de fantasias acerca de algo. O que

acontece pode ser visto como um processo de construção da teoria, a partir de desconstruções consideradas no trabalho de tratamento. A teorização freudiana a respeito da fantasia é gradual, como se pode observar. Ele levanta hipóteses e questionamentos a todo o momento, a partir de seus avanços na teoria das neuroses, da etiologia das neuroses. O conceito – de fantasia – vai passando por modificações graduais, que vão se desenvolvendo com o avanço do trabalho de tratamento. A bastante conhecida carta de 21 de setembro de 1897 elucida claramente a mudança de opinião freudiana frente o papel da fantasia na etiologia das neuroses e demarca a crítica da teoria da sedução frente à possibilidade de teorização da teoria da fantasia:

E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica (teoria das neuroses). [...] De modo que começarei historicamente a lhe dizer de onde vieram as razões da descrença. O desapontamento contínuo em minhas tentativas de levar minha análise a uma conclusão real [...]. Depois, a surpresa de que, na totalidade dos casos, o pai, sem excluir o meu, tinha que ser acusado de pervertido [...]. Depois, em terceiro lugar, o conhecimento seguro de que não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto. (Por conseguinte, restaria a solução de que a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais). Quarto, a consideração de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, de modo que o segredo das experiências da infância não é revelado nem mesmo no mais confuso delírio (In Masson, org., 1986, pp. 265-266).

É aqui que ficam claros os limites nos quais esbarra a recordação como possibilidade no tratamento. A teoria das neuroses na qual Freud diz não mais acreditar esbarra no limite de não poder ser possível levar a análise a uma conclusão real, de não ser possível creditar toda sedução relatada a um personagem real, a um sedutor que, na cena contada, chega ao ato. Não é possível, aos olhos de Freud, que tantos pais sejam culpados – inclusive o seu. Não há, principalmente, nenhuma indicação de realidade no inconsciente, o que talvez se configure como o maior limite no qual o procedimento de recordação esbarra. Nesse sentido, pode-se dizer que, não havendo indicações de realidade no inconsciente, pode ser

que haja indicações de outra ordem, indicações da ordem da representação, o que indicaria um caminho entre a verdade e a ficção assinaladas por Freud. A recordação esbarra no limite de não poder se sustentar no campo do inconsciente, onde a realidade psíquica se sobrepõe à realidade material. Toda a mudança já observada em torno do conceito de fantasia – mais precisamente ao longo do ano de 1897 – desemboca no processo de queda da teoria da sedução. Mas quais foram as conseqüências do processo de queda da crença freudiana na sedução? Em um longo trecho no *Estudo Autobiográfico*, Freud (1925a[1924]/2006) assinala sua crença na sedução como um “erro” que trouxe, como conseqüência, uma perda de confiança em sua técnica e em seus resultados:

Antes de avançar ainda mais na questão da sexualidade infantil, devo mencionar um erro no qual incidi por algum tempo e que bem poderia ter tido conseqüências fatais para todo o meu trabalho. Sob a influência do método técnico que empreguei naquela época, a maioria dos meus pacientes reproduzia de sua infância cenas nas quais eram sexualmente seduzidos por algum adulto. Com pacientes do sexo feminino o papel do sedutor era quase sempre atribuído ao pai delas. Eu acreditava nessas histórias e, em conseqüência, supunha que havia descoberto as raízes da neurose subsequente nessas experiências de sedução sexual na infância. Minha confiança foi fortalecida por alguns casos nos quais as relações dessa natureza com um pai, tio ou irmão haviam continuado até uma idade em que se devia confiar na lembrança. [...] Quando, contudo, fui finalmente obrigado a reconhecer que essas cenas de sedução jamais tinham ocorrido e que eram apenas fantasias que minhas pacientes haviam inventado ou que eu próprio talvez houvesse forçado nelas, fiquei por algum tempo inteiramente perplexo. De igual modo, minha confiança em minha técnica e nos seus resultados sofreu um rude golpe; não se podia discutir que eu havia chegado a essas cenas por um método técnico que eu considerava correto, e seu tema estava indubitavelmente relacionado com os sintomas dos quais partira minha pesquisa. Quando me havia referido, fui capaz de tirar as conclusões certas de minha descoberta: a saber, que os sintomas neuróticos não estavam diretamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos, e que, no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material (pp. 39-40).

A partir deste relato de Freud, fica claro o estado no qual ele se encontrou após o abandono da sedução: um estado de perplexidade acerca de sua própria teoria, a respeito do que acreditava. Freud se encontra em meio à perda de referências na qual se posicionava. Na mesma conhecida carta de 21 de setembro de 1897, Freud não deixa de anunciar que “não

tenho a menor idéia de onde me situo, pois não tive êxito em alcançar uma compreensão teórica do recalçamento e de sua inter-relação de forças. Mais uma vez, parece discutível que somente as experiências posteriores dêem ímpeto às fantasias, que, então, remontariam à infância, e com isso, o fator da predisposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de desalojá-lo – em prol do esclarecimento da neurose” (In Masson, J. M., org., 1986, p. 266). Nesse sentido, o que se espera – e o que acontece – é uma espécie de “recolhimento” teórico de Freud, quando o mesmo se volta para o estudo e investigação daquilo que sempre foi o ponto principal de todo o seu trabalho: a questão do inconsciente.

Com a crítica da teoria da sedução, a concepção de fantasia ocupa um novo lugar. Este posicionamento é evidenciado por Freud em obras como *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Entretanto, não se pode afirmar que Freud simplesmente abandona a lembrança. Na verdade, o que acontece é a construção de uma nova concepção, dentro do trabalho de tratamento, desta noção de recordação. Não se trata em não mais acreditar na realidade material das cenas de sedução. Muito mais do que isso, segundo Zavaroni, Viana & Celes (2007), Freud nos diz de uma crença na realidade psíquica, “atravessada pela fantasia e marcada pelo recalque” (p. 67). Logo, Freud não teria desacreditado piamente na realidade material das cenas de sedução infantil. O que ocorre é que “ele opera um reposicionamento e não exatamente uma redefinição em relação ao lugar da experiência vivida na constituição do trauma” (Zavaroni e cols., 2007, p. 67):

A virada que realiza, nesse momento, consiste na introdução da fantasia na constituição das cenas rememoradas, que irá imprimir às lembranças da infância a marca da singularidade de cada analisando. [...] Fatos e fantasias irão mesclar-se na construção das recordações e no engendramento do esquecimento, possibilitando a elaboração freudiana de que não há fato possível de ser reproduzido em sua integridade e não há fantasia que não possua uma conexão com a realidade (Zavaroni e cols., 2007, p. 67).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a introdução, dessa maneira, da concepção de fantasia no trabalho freudiano, não opera em termos de substituição. É claro que a recordação enquanto possibilidade encontra seus limites no trabalho, mas isso não quer dizer que irá ser, a partir de então, desconsiderada ou posta de lado. O que ocorre, como já citado no trecho anterior, é um reposicionamento. A noção de recordação é reposicionada no tratamento, assim como a noção de fantasia. Isso acontece porque Freud vai se questionar acerca da realidade material da experiência traumática e o sobre o quanto dessa experiência – real - determinaria a neurose. Quando a fantasia passa a ocupar um outro lugar teórico na compreensão do psiquismo e da doença neurótica, não há como atribuir um papel fundamental apenas à realidade material. A realidade psíquica passa a ser determinante. A realidade psíquica, então, passa a assumir um papel fundamental na determinação da doença neurótica, pois, sem desconsiderar a realidade material e nem a recordação que se tem dela, permite a vivência subjetiva, psíquica, permeada pela fantasia e pelo recalque.

A partir da introdução da noção de fantasia, anunciada com a noção de realidade psíquica, pode-se observar que não haveria mais como a recordação ser a possibilidade isolada no tratamento. Não se trata mais apenas de um trabalho baseado somente na recordação. Com a fantasia atravessando a realidade psíquica, se trata, neste momento, de um trabalho que é também de interpretação. O método de interpretação se faz, então, como possibilidade, que surge frente aos limites que a recordação esbarra, mas sem desprezá-la. A consideração de uma realidade psíquica frente à realidade material na neurose confirma a impressão de que os processos psíquicos presentes no trabalho de tratamento enunciam a fantasia. A fala dos pacientes é, neste momento, baseada na concepção da realidade psíquica como predominante na mesma. O próximo item deste capítulo tratará de elucidar do que se trata o

método de interpretação na obra freudiana, de que forma ele foi usado como possibilidade no trabalho e qual a significação da interpretação para a metapsicologia e para o tratamento.

2.1 A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS E A REPRESENTAÇÃO

Sabe-se que com a crítica da teoria da sedução, Freud sente-se perdido em relação ao método que costumava utilizar. Já não havia mais como desempenhar o papel que até então estabelecia diante de seus pacientes. Nesse sentido, surge em Freud uma necessidade de se voltar ao conhecimento: ele precisava conhecer a fundo tudo aquilo que fosse possível sobre sua maior criação e objeto de estudo – o inconsciente. Não é a toa que *A Interpretação dos Sonhos* (1900) é considerada a obra que funda a psicanálise, pois funda, na verdade, o inconsciente – e prova a existência e a universalidade do mesmo. Ela é fruto de todo o saber, de todo o estudo para o qual Freud se volta após perder as rédeas que conduziam seu trabalho. Segundo Mezan (2002), a *Interpretação dos Sonhos* “é o primeiro monumento e ao mesmo tempo uma das mais impressionantes realizações de Freud” (p.18).

Sobre este período em que Freud se volta para o conhecimento, nos fala:

Tentando compreender porque as histéricas não conseguiam nem lembrar nem descobrir o sentido dos seus espetaculares sintomas, Freud foi levado a postular a existência de uma região psíquica na qual se alojava a recordação de certos traumas, freqüentemente de natureza sexual: o inconsciente. Em virtude da ação de mecanismos a que denominou *defesas*, essas idéias e lembranças penosas se encontravam separadas da consciência, porém conservavam seu poder patógeno; [...] Esse é o pano de fundo contra o qual se organizam suas pesquisas no final da década de 1890. [...] Por que a sexualidade desempenhava um papel tão essencial nesse conjunto de perturbações? Como funcionava a memória, para que o ato de recordar e de reviver os traumas esquecidos tivesse a extraordinária conseqüência de extinguir sintomas? Por que a interpretação deles, isto é, a descoberta da sua causa e da sua significação, abria caminho para a cura da paciente? Essas e outras questões impuseram a Freud a tarefa de construir toda uma psicologia, isto é, uma teoria da mente capaz de dar conta tanto do seu funcionamento normal quanto dos diversos tipos de desarranjo que o podem afetar. E, ao longo dos anos que vão de 1895 até 1900, nós o vemos debater-se com esses mistérios, tateando, propondo e descartando hipóteses, até conseguir criar o arcabouço do que seria a psicanálise (Mezan, 2002, pp. 18-19).

O trecho acima fala de um período mais extenso do que o que se pretende elucidar neste item, porém não deixa de apontar o sentido da busca freudiana por conhecimento. Neste momento, busca-se assinalar a escapada para a pesquisa que marca os anos entre 1897, após a crítica da teoria da sedução, e 1900, ano de publicação da *Interpretação dos Sonhos*. Com isso, pretende-se caracterizar a busca freudiana por possibilidades para o trabalho de tratamento, visto que as que já utilizara esbarraram em limites – mesmo que esses limites não as anulassem por completo. A crise de 1897 é, além de uma crise de compreensão no que diz respeito à metapsicologia, também uma crise terapêutica, pois desmancha a possibilidade da psicanálise como técnica da recordação, do trabalho se utilizar da lembrança como possibilidade de tratamento. Diante disso, Freud aposta no conhecimento do inconsciente: essa escapada para o conhecimento se dá não no sentido do estudo da neurose propriamente dita, mas no sentido do conhecimento do inconsciente como algo universal. Só se debruçando sobre o inconsciente é que Freud poderá solucionar a crise psicanalítica na qual se vê imerso a partir de 1897. Nesse sentido, com a *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud parece abrir mão do terapêutico – por algum tempo; pode-se dizer, mais precisamente, que o caso Dora marcaria o retorno desse “terapêutico” – para conhecer profundamente o psiquismo, o inconsciente. Sobre o significado desta obra para Freud, assinala-se, em suas próprias palavras:

Pouco preciso dizer sobre a interpretação dos sonhos. Surgiu como os prenúncios da inovação técnica que eu adotara quando, após um vago pressentimento, resolvi substituir a hipnose pela livre associação. Minha busca de conhecimentos não se dirigira, de início, para a compreensão dos sonhos. Não sei de nenhuma influência externa que tivesse atraído meu interesse para esse assunto ou que me tivesse inspirado qualquer expectativa valiosa. [...] A interpretação dos sonhos foi para mim um alívio e um apoio naqueles árduos primeiros anos da análise, quando tive de dominar a técnica, os fenômenos clínicos e a terapêutica das neuroses, tudo ao mesmo tempo. Naquele período fiquei completamente isolado e, no emaranhado de problemas e acúmulo de dificuldades, muitas vezes tive medo de me desorientar e de perder a confiança em mim mesmo. A comprovação de minha hipótese de que uma neurose tinha de tornar-se inteligível através da

análise se arrastava, em muitos pacientes, por um período de tempo desesperador; mas os sonhos desses pacientes, que poderiam ser considerados análogos aos seus sintomas, quase sempre confirmavam a hipótese (Freud, 1914a/2006, pp. 29-31).

Nota-se, então, que Freud compreende todo esse período de busca pelo conhecimento acerca do inconsciente como uma saída, como um alívio após a queda da teoria da sedução e de todas as conseqüências que este fato acarretou à psicanálise. Pode-se dizer, então, que da crise de compreensão metapsicológica e da crise terapêutica na qual estava imersa a psicanálise, abrem-se caminhos, com a busca de conhecimento, que levam o trabalho não só à conquista do inconsciente como também da sexualidade infantil. A crise de 1897 rompe, de certa forma, o trabalho de tratamento da neurose, mas dá lugar a uma abertura de pesquisa psicanalítica, que se dissipa entre o conhecimento sistemático do inconsciente e a teoria da libido – a sexualidade infantil. A psicanálise se desenvolve, então, a partir desta crise, sustentada em três principais eixos. O processo de conhecimento do inconsciente desemboca na *Interpretação dos Sonhos* (1900), na constituição da psicanálise como disciplina e no estudo acerca da sexualidade infantil como um dos pilares básicos a ser considerado no trabalho de tratamento. Já na *Interpretação dos Sonhos*, pode-se observar a inclusão deste infantil, da sexualidade infantil, mesmo que não do exato modo que *Os Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade* (Freud, 1905b) apresentam. Sobre isso, discorrem Zavaroni e cols. (2007):

As elaborações de Freud em “A Interpretação dos Sonhos” são fundamentais para compreendermos como o infantil comparece no trabalho de análise. O sonho configura-se como o modo, por excelência, do retorno do infantil recapitulando aspectos das experiências recalçadas que não seriam acessíveis de outra forma. Considerando que Freud tomará o modelo do trabalho de interpretação dos sonhos como o próprio modelo do trabalho de análise, é exatamente o infantil, através da associação livre, que ocupará o centro do trabalho de psicanálise (p. 68).

As datas que dizem respeito à *Interpretação dos Sonhos* normalmente retomam a seu ano de publicação, ou seja, 1900². Entretanto, com algumas pesquisas, pode-se concluir que a idéia sobre os sonhos é bem anterior. As correspondências entre Freud e Fliess apontam para uma anterioridade de pensamentos acerca do onírico e de que modo os sonhos poderiam fazer parte do trabalho de tratamento. Além de relatar seus próprios sonhos ao colega, Freud não deixava de tirar conclusões a respeito deles e nem de corresponder seu conteúdo ao inconsciente e ao psíquico. Em carta de 23 de setembro de 1895, Freud diz que “um sonho de anteontem produziu a mais curiosa confirmação da concepção de que os sonhos são motivados pela realização de desejos” (In Masson, J. M., org., 1986, p.141). Nota-se que se trata, aí, de 1895. Isso confirma a possibilidade de ligação, já presente em Freud, do sonho como realização de desejo. O conteúdo onírico seria um indício, então, de que há, no psiquismo, desejos dos quais não se tem idéia – ou seja, desejos inconscientes? Já em 7 de março de 1896, Freud diz a Fliess que gostaria de comentar com ele, dentre outros assuntos, sobre “a análise do sonho” (In Masson, J. M., org., 1986, p.178). Aí, já há indícios de que, para Freud, despontava não só a idéia de que o conteúdo onírico estaria ligado à realização de desejos, mas que este mesmo conteúdo poderia ser analisado, compreendido. Já em 16 de maio de 1897, relata a Fliess:

As coisas estão fermentando, borbulhando dentro de mim; [...] Por outro lado, tenho-me sentido impelido a começar a trabalhar no sonho, onde me sinto bem seguro [...]. Agora, terminei [algumas publicações³] e estou novamente pensando no livro sobre o sonho. Tenho examinado a literatura e me sinto como o diabinho celta: “Ah, como estou contente porque ninguém, ninguém sabe!”⁴. Ninguém sequer suspeita de que o sonho não é nenhum absurdo, e sim uma realização de desejo (In Masson, J. M., org., 1986, p.244).

Portanto, a premissa de que os sonhos são realizações de desejos – e que é o que Freud tenta provar durante todo o percurso da *Interpretação dos Sonhos* – é bem anterior à publicação e até mesmo à redação da obra. Na *História do Movimento Psicanalítico*, Freud

(1914a/2006) elucida que “A *Interpretação dos Sonhos*, por exemplo, foi concluída, no essencial, no início de 1896, mas só foi escrita em definitivo no verão de 1899” (p. 32). Na *Interpretação dos Sonhos*, volume I, James Strachey aponta, em sua introdução, sobre a redação desta obra, que “além de várias referências dispersas no assunto – que, em sua correspondência, remontam a pelo menos 1881 -, as primeiras importantes publicadas sobre o interesse de Freud pelos sonhos aparecem no curso de uma longa nota de rodapé ao primeiro de seus casos clínicos (o da Sra. Emmy Von N., com data de 15 de maio), nos *Estudos sobre a Histeria*, de Breuer e Freud (1895). Examina ele o fato de que os pacientes neuróticos parecem ter necessidade de associar umas com as outras quaisquer idéias que porventura estejam simultaneamente presentes em suas mentes⁵” (p.20). Dessa maneira, pode-se concluir que mesmo tendo sido redigido em 1899 e publicado também neste ano, mas com a data do próximo, as idéias sobre os sonhos e as articulações possíveis entre eles e o conhecimento do inconsciente já haviam dado muitos indícios deste um período bastante anterior.

Mesmo que este trabalho não possua como objetivo caracterizar todos os capítulos da *Interpretação dos Sonhos* (1900), mas sim suscitar o que ela representou para a psicanálise e qual conhecimento se forma a partir dela, é fundamental que alguns pontos sejam esclarecidos. Estes aspectos dizem do método de interpretação de sonhos, do trabalho do sonho e sobre a psicologia dos processos oníricos.

A partir das edições que o livro dos sonhos seguiu, conta-se, ao todo, com oito prefácios. O prefácio à segunda edição, escrito 10 anos após a primeira publicação do livro, talvez seja o mais citado por conter alguns pontos importantes a respeito do que esta obra representou para Freud (1900/2006):

Meus colegas psiquiatras parecem não ter se dado nenhum trabalho de superar o espanto inicial criado por minha nova abordagem dos sonhos. [...] A atitude adotada pelos críticos nos periódicos científicos só poderia levar a supor que minha obra estava condenada a mergulhar em completo silêncio; já o pequeno grupo de bravos partidários que praticam a psicanálise médica sob minha orientação, um indício disso, segue meu exemplo na interpretação dos sonhos e utilizam suas interpretações no tratamento de neuróticos, jamais teria esgotado a primeira edição do livro. [...] Na esfera da vida onírica, pude manter inalteradas minhas asserções originais. Durante os longos anos em que venho lidando com os problemas das neuroses, muitas vezes estive em dúvida e tive minhas convicções ocasionalmente abaladas. Nessas ocasiões, foi sempre *A Interpretação dos Sonhos* que me restituiu a certeza (p. 31).

Nesse sentido, pode-se afirmar que esta obra possui um caráter de certeza para Freud: ao mesmo tempo que ela se destina a elucidar seu conhecimento sobre o inconsciente, se destina também a provar sua existência e seu caráter universal. *A Interpretação dos Sonhos* prova, aos olhos de Freud, que o trabalho do sonho valida a existência do inconsciente, posto que este trabalho é radicalmente inconsciente. O inconsciente se dá, então, como trabalho, antes mesmo que conteúdo (Celes, 2004). Ele se dá no trabalho de tratamento, é descoberto e só tem uma função no contexto da prática psicanalítica. Só assim, partindo deste ponto, é que pode ser compreendido como conteúdo. Freud (1900/2006) vai mais além neste mesmo prefácio e anuncia:

Idêntica durabilidade e capacidade de resistir a quaisquer alterações amplas durante o processo de revisão foram demonstradas pelo *material* do livro, que consiste em sonhos produzidos por mim mesmo, que em sua maior parte foram superados ou se tornaram sem valor pela marcha dos acontecimentos, e pelos quais illustrei as regras da interpretação dos sonhos. Pois este livro tem pra mim, pessoalmente, outra importância subjetiva – uma importância que só apreendi depois tê-lo concluído. Ele foi, como verifiquei, parte de minha auto-análise, minha reação à morte de meu pai – isto é, ao evento mais importante à perda mais pungente da vida de um homem. Tendo descoberto que assim foi, senti-me incapaz de obliterar os vestígios dessa experiência (pp. 31-32).

É sabido que Freud encontrava-se, em outubro de 1896, bastante abalado com a morte de seu pai. Em carta a Fliess de 2 de novembro de 1896 (pp. 203-204) – e também presente na *Interpretação dos Sonhos*, relata um sonho “agradável” que teve na noite seguinte ao funeral, não deixando de interpretá-lo. Não é tão curioso que Freud fale da “importância

subjetiva” deste livro citando a morte de seu pai se for considerado o fato de que, segundo Gay (1988/2007):

Das caçadas nas selvas luxuriantes da experiência infantil, Freud trouxe para casa alguns troféus fascinantes, nenhum tão espetacular, nem tão controverso quanto o complexo de Édipo. Ele havia anunciado essa idéia fundamental a Fliess no outono de 1897. Agora, em *A Interpretação dos Sonhos*, ele a refinava sem ainda utilizar o nome com a qual ela ingressou – e na verdade dominou – na história da psicanálise. Ele a introduziu, com muita propriedade, numa seção sobre sonhos típicos, dentre os quais os sonhos sobre a morte de entes queridos exigiram alguns sérios comentários. [...] Mas na *Interpretação dos Sonhos*, embora as implicações mais amplas não fossem de difícil dedução, a luta edípica desempenha um papel mais modesto. Ao dar conta de sonhos homicidas relativos à morte de cônjuges ou pais, ela fornece provas para a teoria de que os sonhos representam a realização de desejos. Além disso, ela ajuda a explicar por que os sonhos são produções tão peculiares; as pessoas, todas as pessoas nutrem desejos que não podem trazer à luz do dia sem que tenham sido censurados (p.117).

Portanto, pode-se pensar que Freud, ao se utilizar das idéias que tinha acerca do complexo de Édipo no trabalho de interpretar sonhos, estava dizendo também do que surgiu como fruto de sua auto-análise: é durante o período que a mesma se dá que Freud desemboca nos relatos e comentários de seus sonhos a Fliess, muitos deles envolvendo um sentimento hostil para com seu próprio pai. Na carta de 21 de setembro de 1897, quando Freud assinala a Fliess sua descrença na teoria da sedução, não deixa de acrescentar que até seu próprio pai estava incluso naqueles que tinham que ser acusados de pervertidos para validar a fala das histéricas. A interpretação do sonho “agradável” que Freud tem na noite seguinte ao funeral de seu pai, intitulado na *Interpretação dos Sonhos* (1900) de “Durante a noite anterior ao funeral do pai” não deixa, então, de demonstrar ao próprio Freud que havia alguns desejos dele que não eram de seu conhecimento – que eram, portanto, inconscientes. Conhecendo, portanto, a relação entre o sonho e o desejo, como faria Freud para extrair, do conteúdo manifesto contado pelo paciente, o conteúdo latente que traria o desejo como resposta? Daí, pode-se partir para a noção do sonho como resultado de um trabalho. É comum que a palavra “interpretação” esconda o percurso do trabalho do sonho. Não se

trata, contudo, de escutar uma fala e interpretá-la de um modo convincente. Nas palavras de Freud (1900/2006), “interpretar um sonho implica atribuir a ele um ‘sentido’ – isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante” (p. 131). Trata-se de percorrer o caminho que há entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente (Celes, 2007), é um trabalho de dar sentido. Este caminho, esta experiência de interpretação do sonho é o que conduz à experiência de conhecimento do inconsciente. É isso que Freud se propõe a fazer nesta obra: conhecer o inconsciente particular de cada um, mas provar, ao mesmo tempo, sua universalidade – todos possuem um inconsciente.

O trabalho do sonho é o caminho percorrido na interpretação, constituindo-se em uma tarefa “que não tinha existência prévia, ou seja, a tarefa de investigar as relações entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, e de desvendar os processos pelos quais estes últimos se transformaram naquele” (Freud, 1900/2006, p. 303). Durante a exposição sobre este ponto, na *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900) elucida os diversos outros trabalhos que ocorrem no sonho e que estão inclusos no trabalho do sonho. Alguns deles são os mecanismos de condensação e deslocamento, os meios de representação nos sonhos, os afetos nos sonhos e a elaboração secundária, por exemplo. Este trabalho do sonho “parece afastar-se imensamente daquilo que reconhecemos como processos racionais de pensamento” (Freud, 1900/2006, p. 619), sendo, portanto, totalmente inconsciente. Diante disso, se utiliza constantemente de exemplos que ilustrem esse trabalho e a eficácia do mesmo no tratamento. Antes de relatar o famoso seu famoso sonho-modelo ocorrido entre 23 e 24 de julho de 1895 (o chamado sonho da injeção de Irma, Freud, 1900/2006, pp. 131-155), Freud (1900/2006) chama atenção para os seguintes pontos:

Devo afirmar que os sonhos realmente têm um sentido e que é possível ter-se um método científico para interpretá-los. [...] Meus pacientes assumiam o compromisso de me comunicar todas as idéias ou pensamentos que lhes ocorressem em relação a um assunto específico; entre outras coisas, narravam-me seus sonhos, e assim me ensinaram que o sonho pode ser inserido na cadeia psíquica a ser retrospectivamente rastreada na memória a partir de uma idéia patológica. Faltava então apenas um pequeno passo para se tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar aos sonhos o método de interpretação que fora elaborado para os sintomas (p. 135).

Portanto, Freud nos diz o porquê de haver incluído em seu trabalho o conteúdo onírico que seus pacientes traziam. Este fato não acontecia à toa: aqueles conteúdos eram sintomas que serviam ao tratamento ao passo que possibilitavam um caminho de “decifração” de um desejo inconsciente latente. O sonho, então, sonhado e narrado, representado, realizaria (disfarçadamente) um desejo (recalcado). Mas de que representação trata Freud na *Interpretação dos Sonhos* (1900)?

A representação que se fala é o próprio material psíquico. Os sonhos, os desejos, os traços mnêmicos, todos compreendem em materiais psíquicos, ou seja, em representações que compõem o psiquismo, que fazem parte dele. O trabalho do sonho se caracteriza por ser um trabalho de representação. Os mecanismos de condensação, deslocamento, os meios de representação e a elaboração secundária são pontos do trabalho do sonho construídos com uma função de representação. No capítulo VI, sobre o trabalho do sonho, em sua parte I⁶, Freud (1900/2006) é enfático ao destacar que “os pensamentos (do sonho) têm de ser reproduzidos, exclusiva ou predominantemente, no material dos traços mnêmicos visuais e acústicos, e essa necessidade impõe ao trabalho do sonho uma *consideração à representabilidade*, que ela atende efetuando novos deslocamentos” (p. 538). Anteriormente⁷, já havia elucidado que “uma coisa pictórica é, do ponto de vista do sonho, uma coisa passível de ser representada” (p. 371). Sobre a representação no trabalho do sonho, elucida:

Um pensamento onírico não é utilizável enquanto expresso em forma abstrata, mas, uma vez que tenha sido transformado em linguagem pictórica, os contrastes e identificações do tipo que o trabalho do sonho requer, e que ele cria quando já não estão presentes, podem ser estabelecidos com mais facilidade do que antes entre a nova forma de expressão e o restante do material subjacente ao sonho. [...] Podemos supor que boa parte do trabalho intermediário executado durante a formação de um sonho, que procura reduzir os pensamentos oníricos dispersos à expressão mais sucinta e unificada possível, se processe no sentido de encontrar transformações verbais apropriadas para os pensamentos isolados⁸ (1900/2006, p. 372).

Nesse sentido, Freud nos mostra como se utilizou da representação. Entretanto, essa representação exigiu um cuidado, um trabalho. Este trabalho, por sua vez, é processado pelo método da interpretação que, no caso dos sonhos, consistia em dar sentido ao sonho, ao conteúdo onírico (esse, enquanto representação)⁹. Na *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud mostra que se debruçou sobre as representações, estabelecendo vínculos entre as duas cenas, uma manifesta e outra latente, uma consciente e outra inconsciente. O abstrato presente no pensamento onírico se mostra como insuficiente. Não se pode interpretar um conteúdo que não possua uma nomeação, um palavreado. Ele precisa ser contado, ser manifesto. O sonho se dá, então, no tratamento, como algo construído a partir de uma representação de coisa inconsciente (onde há uma qualificação não simbólica), que, por sua vez – e para se dar no discurso –, se liga a representações de palavra pré-conscientes (que vem “colocar ordem”, qualificando simbolicamente) que desembocam na consciência como representações de objeto¹⁰. O discurso estruturado contado sobre o sonho é fruto de um trabalho do aparelho psíquico. Este trabalho é de representação. A partir do trabalho de representação é que se passa para o trabalho de interpretação, para o método. Nesse sentido, o método interpretativo se dá como possibilidade para o tratamento, pois o direciona, dando-lhe sentido.

É necessário elucidar que é na *Interpretação dos Sonhos* (1900) que Freud publica, pela primeira vez, sua teoria acerca da estruturação do aparelho psíquico. Essa abordagem se

trata da “psicologia dos processos oníricos”¹¹ apresentada nesta obra. É neste momento que Freud (1900) irá delimitar e conceituar consciente, pré-consciente e inconsciente de maneira mais sistemática, elucidando o funcionamento do aparelho psíquico frente ao trabalho do sonho e afirmando a primazia do inconsciente, pois “as mais complexas realizações do pensamento são possíveis sem a assistência da consciência” (p. 619). Nesse sentido, apresenta-se o trecho onde Freud (1900/2006) aborda esses “sistemas” ao considerá-los diante do trabalho do sonho:

O inconsciente é a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente. Tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente, ao passo que aquilo que é inconsciente pode permanecer nesse estágio e, não obstante, reclamar que lhe seja atribuído o valor pleno de um processo psíquico. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais. [...] A nova descoberta que nos foi ensinada pela análise das formações psicopatológicas e do primeiro membro dessa classe – o sonho – reside no fato de que o inconsciente (isto é, o psíquico) é encontrado como uma função de dois sistemas separados, e de que isso acontece tanto na vida normal quanto na patológica. Portanto, há dois tipos de inconsciente, que ainda não foram distinguidos pelos psicólogos. [...] um deles, que denominamos de Inconsciente, é também inadmissível à consciência, enquanto ao outro chamamos de Pré-consciente, porque suas excitações – depois de observarem certas regras, é verdade, e talvez apenas depois de passarem por uma nova censura, embora mesmo assim, sem consideração pelo Inconsciente – conseguem alcançar a consciência. [...] o sistema Pré-consciente situa-se como uma tela entre o sistema Inconsciente e a consciência (pp. 637 e 639).

É desse modo que Freud desenvolve, a partir de seu estudo sobre os sonhos e afirmando a possibilidade de interpretação dos mesmos como um mecanismo do tratamento – já que o sonho é considerado sintoma -, sua psicologia dos processos oníricos, pautado na apresentação de seu esquema do aparelho psíquico. A primazia do inconsciente elucidada nesta apresentação confirma ainda mais a idéia desta obra ser parte e fruto de uma cuidadosa pesquisa acerca do inconsciente e de como ele funcionava. O principal conhecimento que se forma a partir da *Interpretação dos Sonhos* é exatamente o conhecimento sobre o inconsciente. Nesse sentido, a representação se torna peça chave

neste processo, a passo que, nesse momento, Freud tomará um cuidado com ela, uma atenção voltada à representação como realidade do psiquismo. A interpretação, em seu sentido singular, é o trabalho que se encarrega da representação. Considerando que o sonho é a representação de um desejo, por sua vez, o desejo é representação de uma satisfação. O “dar sentido” que o mecanismo de interpretação compreende indica o trabalho de dar sentido à representação de cada um (dos pacientes).

Após a queda da teoria da sedução, percebe-se um seguimento na produção freudiana: com a crise de referências teóricas, Freud envereda para o caminho da escapada para o conhecimento que tem, como consequência, seu afastamento da produção acerca do tratamento neurótico propriamente dito para o conhecimento acerca do inconsciente. A *Interpretação dos Sonhos* (1900) parece provar, independentemente do dito popular de que “todos são neuróticos”, a assertiva de que “todos possuem um inconsciente”. Nesse sentido, o caminho freudiano se alarga ainda mais: se a crise de 1897 dá origem a uma produção de conhecimento acerca do inconsciente, esta produção origina, por sua vez, a elevação da psicanálise como algo que pode ser estudado, aprofundado e praticado. Todas as conjecturas até então feitas aqui caminham para comentários sobre a constituição da psicanálise como disciplina. Mas o que se quer dizer com disciplina? Como o direcionamento freudiano para o conhecimento não se dá no sentido do estudo da neurose propriamente dita, mas no sentido do conhecimento do inconsciente como algo universal, o que acontece posteriormente, como consequência disso, é a constituição da psicanálise como algo que pudesse ser estudado e ensinado (como disciplina). Esta nova disciplina possuiria, então, um objeto de conhecimento – o inconsciente. O que consegue diz respeito a um reconhecimento, uma divulgação e um acolhimento – tudo isso, por parte de alguns interessados. Freud poderia agora falar de seu trabalho com o intuito de agregar

“seguidores” que contribuísem teoricamente e que dessem continuidade a seu trabalho. Na *História do Movimento Psicanalítico*, Freud (1914a/2006) discorre acerca do que ocorreu nos primeiros anos posteriores à *Interpretação dos Sonhos* (1900):

A partir do ano de 1902, certo número de jovens médicos reuniu-se em torno de mim com a intenção expressa de aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise. O estímulo proveio de um colega que experimentara, ele próprio, os efeitos benéficos da terapêutica analítica. Reuniões regulares realizavam-se à noite em minha casa, travavam-se debates de acordo com certas normas, e os participantes se esforçavam por encontrar sua orientação nesse novo e estranho campo de pesquisa, e de despertar em outros o interesse por ele. [...] O pequeno círculo logo se ampliou e no transcorrer dos cinco anos seguintes muitas vezes mudou de composição. De um modo geral, podia dizer a mim mesmo que quase não era inferior, em riqueza e variedade de talento, à equipe de qualquer professor de clínica. Incluía, desde o início, os que mais tarde viriam a desempenhar papel considerável, embora nem sempre aceitável, na história do movimento psicanalítico. Naquela época, entretanto, não se poderia ainda prever esses desenvolvimentos. Eu tinha todos os motivos para estar satisfeito, e penso que fiz o possível para transmitir meu conhecimento e experiência aos outros (p. 35).

Nesse sentido, Freud nos conta sobre o que alcançou a psicanálise naqueles primeiros anos.

A psicanálise como disciplina a ser aprendida e estudada configura-se como consequência da *Interpretação dos Sonhos* (1900) e dá sentido ao aspecto original que esta obra freudiana possui no que diz respeito à inauguração do pensamento propriamente psicanalítico ou à fundação da psicanálise. É claro que nem toda a história da psicanálise se resume a círculos de estudo empenhados em conhecer o sentido daquele trabalho. Nos anos seguintes, mais precisamente a partir de 1907, algumas mudanças e desentendimentos teóricos e acerca do tratamento provocaram sucessivas rupturas que envolveram não apenas o ramo da pesquisa como também a vida social dos envolvidos, principalmente a de Freud.

Entretanto, toda essa construção original da psicanálise como disciplina possibilitou consequências que, até hoje, podem ser sentidas. Um trabalho de tratamento feito, originalmente, por um homem, conseguiu abarcar, como se pode perceber atualmente, proporções mundiais. Este fato constrói ainda mais o sentido da *Interpretação dos Sonhos* (1900): mais do que ser uma obra que se destina a conhecer o inconsciente, provar sua

particularidade e sua universalidade, provar que o tratamento funcionava e inaugurar a psicanálise, abre portas para todo um estudo posterior, para um novo ramo de conhecimento sobre o psiquismo.

2.2 DORA, OS TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE E A

FANTASIA

Após toda a comunicação feita por Freud (1900) a respeito do conhecimento do inconsciente na *Interpretação dos Sonhos*, pode-se dizer que a retomada da escrita acerca da neurose se dá com o caso Dora¹² (sendo Ida Bauer seu verdadeiro nome). Com todos os desdobramentos que este caso oferece, é fundamental destacar que, neste momento, o instrumento que Freud tem nas mãos – o conhecimento do inconsciente e o método de interpretação dos sonhos – não é mais algo definido como uma técnica: no caso Dora, esse instrumento é um conhecimento que permite a aplicação da teoria. Em carta a Fliess de 14 de outubro de 1900, Freud comunica que “esse tem sido um período animado (enquanto recolhe o material para a “Psicologia da vida cotidiana”¹³) e me trouxe uma nova paciente, uma jovem de dezoito anos que se abriu suavemente com a coleção de gazuas” (In Masson, org., 1986, p. 428). Essa é a primeira comunicação que Freud faz sobre Dora, jovem que ocuparia suas idéias sobre o tratamento e sobre a metapsicologia por cerca de três meses (de outubro a dezembro de 1900).

Apesar de ter sido publicado em 1905 e, nesse aspecto, ser contemporâneo aos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade*¹⁴, em relação a este, o Caso Dora tem uma certa antecedência. Foi escrito em janeiro de 1901, após o tratamento de Dora, que se estendera por três meses, de outubro a dezembro de 1900. O período de análise e da redação do caso de Dora tem uma significação particular no que diz respeito ao pensamento de Freud sobre a sexualidade (Celes, 1995, p. 28).

Logo, pode-se observar que existe um certo sentido em se considerar o tempo cronológico da redação e da publicação deste caso. Sabe-se que Freud redigiu a *Interpretação dos Sonhos* em 1899, mesmo que as idéias contidas nessa obra sejam bem anteriores a esta data. O que Freud pretendia com a redação deste caso era simplesmente provar, não só com idéias metapsicológicas, mas também em função de um trabalho de tratamento, que suas idéias acerca do psíquico – do inconsciente – e do conhecimento sobre a interpretação dos sonhos eram eficazes e poderiam ser empreendidas na psicanálise. Aqui há, então, uma ligação entre as duas obras – a *Interpretação dos Sonhos* (1900) e o caso Dora. Enquanto pretendia estabelecer o conhecimento do inconsciente e apresentar a técnica da interpretação na primeira, a segunda serviria como complemento, ao passo que se inscreve, basicamente, como um tratamento que correu por conta, principalmente, da interpretação de dois sonhos-chave¹⁵. É importante destacar que o primeiro nome que este caso recebeu foi “Sonhos e Histeria”, algo que, de certa forma, já diz da disposição de Freud em relacionar este caso – e a resolução do mesmo - com suas idéias metapsicológicas acerca da interpretação dos sonhos. O caso Dora representaria, então, a aplicação da técnica de interpretar sonhos, “um exemplo da única aplicação prática que a arte de interpretar sonhos parece admitir” (Freud, 1905a [1901]/2006, p. 26):

Terminei ontem “Sonhos e Histeria” [...]. Ele é um fragmento da análise de um caso de histeria em que as complicações se agrupam em torno de dois sonhos; assim, na verdade, é uma continuação do livro do sonho. Além disso, contém resoluções de sintomas histéricos e vislumbres dos fundamentos organo-sexuais do conjunto. É a coisa mais sutil que escrevi até agora e vai desconcertar as pessoas ainda mais do que de hábito (In Masson, org., 1986, p. 434).

Mas o que Freud quer dizer com “vislumbres dos fundamentos organo-sexuais do conjunto”? É sabido que Freud pretendia, após toda a teorização do livro dos sonhos, fundamentar uma teoria da sexualidade. Dessa maneira, estariam completos os

fundamentos da psicanálise. Freud já havia expressado esse desejo, ao dizer que “é possível que uma teoria da sexualidade seja a sucessora imediata do livro dos sonhos” (In Masson, org., 1986, p. 380) e, mais adiante, anuncia que está “colhendo material para a teoria sexual e esperando por uma centelha que inflame o material já acumulado” (In Masson, org., 1986, p. 398). Realmente, o caso Dora já possui vários indícios da teoria sexual formulada sistematicamente nos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905b). A própria representação que Freud dá aos sintomas de Dora, tanto físicos – somáticos – quanto àqueles provindos do material onírico já possuem um caráter sexual. Freud comenta o caso a Fliess sem deixar de elucidar estes pontos e, inclusive, a bissexualidade:

O principal nele [em “Sonhos e Histeria”] é, mais uma vez, a psicologia, a utilização dos sonhos e algumas peculiaridades dos processos inconscientes de pensamento. Há apenas vislumbres (de elementos) do orgânico, isto é, das zonas erógenas e da bissexualidade. Mas a bissexualidade é mencionada e especificamente reconhecida de uma vez por todas, e está preparando o terreno para um exame pormenorizado dela em outra ocasião. Trata-se de uma histeria com tosse nervosa e afonia, ambas as quais podem ser rastreadas até o caráter da sucção do bebê, e a questão principal nos processos de pensamento conflitantes é o contraste entre uma inclinação para os homens e uma inclinação para as mulheres (In Masson, org., 1986, p. 435).

Nesse sentido, observa-se que Freud, ao conduzir o tratamento de Dora, estava considerando a sexualidade – infantil – como um ponto importante a ser considerado em suas fundamentações. Neste momento, a mania de Dora de chupar o dedo, por exemplo, já não podia mais ser encarada como um simples ato sem nenhum significado. Freud preocupa-se com a representação dos sintomas que Dora lhe apresenta e em como os mesmos estão ligados à construção do psiquismo daquela jovem. Apesar de ainda não possuir uma teoria sistematizada acerca da sexualidade, Freud não deixa de pontuar o que se dá no tratamento como indício da mesma. Freud já possuía um certo acúmulo de material teórico desde anos anteriores – como pode ser observado em sua correspondência com Fliess entre 1897 e 1898 e na própria redação do caso Dora, por exemplo. Já estavam em

jogo termos como “zona erógena”, um certo desenvolvimento da sexualidade infantil e da mesma no adulto¹⁶, uma noção das fases do desenvolvimento sexual, entre outros pontos (Celes, 1995). O caso Dora, ao mesmo tempo em que simboliza o escrito que poderia ter sido o último capítulo da *Interpretação dos Sonhos* (1900), pois é a teoria sobre os processos oníricos “atuada”, é também a volta freudiana para a neurose após a escapada para o conhecimento acerca do inconsciente e o tratamento que vai anunciar a sistematização de uma teoria da sexualidade em Freud:

[O que há no caso Dora] São descobertas, noções e concepções que vão encontrar nos *Três Ensaios...* uma organização e uma elaboração conceituais (mesmo que não sejam completas e definitivas em 1905). Mas é exatamente, por outro lado, essa organização e elaboração, a “centelha” inflamadora, a “colheita” que falta a Freud à época do caso de Dora (Celes, 1995, p. 29).

Observa-se, então, que Freud vai contar, neste momento, com indícios da posterior teoria da sexualidade sistematizada. Ele conta com um conhecimento no qual acredita e parece, em muitos momentos do texto, rogar que o leitor também o faça. Isso pode ser observado, por exemplo, no último parágrafo das notas preliminares sobre o caso, quando Freud (1905a[1901]/2006), nos diz que “aos que até agora não quiseram acreditar na validade universal e sem exceções da etiologia psicosssexual da histeria, eles [os leitores] dificilmente ficarão convencidos disso tomando conhecimento de um único caso clínico. Melhor fariam em adiar seu julgamento até adquirirem por seu próprio trabalho o direito de ter uma convicção” (p. 24). Freud deseja, com Dora, deixar claro que acredita na sexualidade como algo totalmente vinculado à origem da neurose, mas também deixa claro que não há, ainda, uma teoria da sexualidade construída de forma sistemática. O caso parece elucidar, a todo o momento, a vontade freudiana de consolidar, no tratamento, a junção entre o conhecimento do psíquico – do inconsciente – e da sexualidade – ou dos indícios que Freud possui acerca dela.

Como o caso Dora estabelece a técnica de interpretação dos sonhos no trabalho de tratamento, é importante ressaltar que, dessa maneira, a interpretação constitui-se como a possibilidade que Freud se utiliza para tratar a enfermidade neurótica que se apresenta. A partir da análise de dois sonhos de Dora é que Freud vai percorrer o caminho que traçam seus sintomas histéricos. Nesse sentido, Freud (1905a[1901]/2006) nos diz, ao apresentar o caso:

Tendo demonstrado em *A Interpretação dos Sonhos*, publicada em 1900, que os sonhos em geral podem ser interpretados e que, uma vez concluído o trabalho de interpretação, podem ser substituídos por pensamentos impecavelmente construídos, passíveis de ser inseridos num ponto reconhecível no encadeamento anímico, gostaria de dar nas páginas seguintes um exemplo da única aplicação prática que a arte de interpretar sonhos parece admitir. [...] O sonho é, em suma, um dos *desvios por onde se pode fugir ao recalçamento*, um dos principais recursos do que se conhece como modo indireto de representação no psíquico. O presente fragmento da história do tratamento de uma jovem histérica destina-se a mostrar de que forma a interpretação dos sonhos se insere no trabalho de análise. Ao mesmo tempo, dar-me-á uma primeira oportunidade de trazer a público, com extensão suficiente para evitar outros mal-entendidos, parte de minhas concepções sobre os processos psíquicos e condições orgânicas da histeria (p. 26).

O sonho é constituído, então, como “um modo indireto de representação no psíquico”, o que implicaria em dizer que os processos oníricos se dão de modo a representar, mesmo que indiretamente, o psíquico, ou seja, o inconsciente. É claro que o conteúdo manifesto não se apresenta como cópia fiel do conteúdo latente, não é a tradução do desejo (inconsciente). Sabe-se que essas idéias, que esse desejo fora recalçado e o conteúdo onírico apresenta-se como representação do mesmo. O sonho seria, então, a própria “representação de desejos” (Freud, S. 1905a[1901]/2006, p. 70). O trabalho de análise consistiria em utilizar-se dessa representação para chegar ao desejo inconsciente latente, para chegar a pelo menos em um fragmento do conteúdo latente do sonho. Dessa forma, o método da interpretação firma-se como possibilidade, pois permite a Freud, no uso da técnica para chegar ao que ele acreditava ser a origem dos sintomas neuróticos de Dora. A

interpretação, neste momento, permitiria a Freud alcançar o cerne da doença neurótica, uma vez que este método e o conhecimento do inconsciente estavam em suas mãos.

Após a queda da teoria da sedução – que marca uma nova posição frente ao conceito de fantasia -, Freud passa a considerar, além das recordações presentes nas falas neuróticas, o elemento fantasístico que permeava as mesmas. Em carta a Fliess de 30 de janeiro de 1899, afirma sua posição de “abandono” frente à sedução ao comunicar que “a fantasia enquanto chave continua firme” (In Masson, org., 1986, p. 343). No caso de Dora, isto não é diferente. Apesar de não haver, até o momento desta análise, um conceito totalmente sistematizado acerca do que a fantasia compreendia, Freud se utiliza do mesmo, mesmo que timidamente. A fantasia atravessa o discurso de Dora e Freud (1905a[1901]/2006) se põe a interpretar seus sintomas como tais – como elementos de sua fantasia:

As menos chocantes dentre as chamadas perversões sexuais são amplamente difundidas por toda a população, como sabe todo o mundo, exceto os médicos que escrevem sobre o assunto. [...] Portanto, não surpreende que nossa histérica de quase dezenove anos soubesse da existência desse tipo de relação sexual (sucção do órgão masculino), criasse uma fantasia inconsciente dessa natureza e a expressasse através da sensação de cócega na garganta e na tosse. Ela lembrava muito bem ter sido na infância uma “chupadora de dedo”. [...] A intensa atividade dessa zona erógena [a boca] em idade precoce constitui, portanto, a condição para a complacência somática posterior do trato da membrana mucosa que começa nos lábios. Se depois, numa época em que já se conhece o objeto sexual propriamente dito, o membro masculino, surgem circunstâncias que tornam a aumentar a excitação da zona da boca, que preservou seu caráter erógeno, não é preciso um grande dispêndio de força criadora para substituir, na situação de satisfação, o mamilo originário e o dedo que fazia as vezes dele pelo objeto sexual atual, o pênis. Assim, essa fantasia perversa e sumamente escandalosa de chupar o pênis tem a mais inocente das origens; é a nova versão do que se pode chamar de impressão pré-histórica de sugar o seio da mãe ou da ama – uma impressão comumente revivida no contato com crianças que estejam sendo amamentadas (pp. 56-57).

Nesse sentido, além de se utilizar, no caso Dora, do método de interpretação como possibilidade para o mesmo, se utiliza também de suas noções acerca da sexualidade (infantil) e da fantasia inconsciente como algo que a paciente se utiliza e que, de certa forma, provocaria o sintoma. Os sintomas de tosse e referentes à garganta, por exemplo, são

tomados como a realização de uma fantasia inconsciente de Dora acerca da relação sexual de caráter oral. Eles (os sintomas) são apresentados pela paciente, primeiramente, desprovidos de quaisquer significações. Durante o trabalho de tratamento, vão ganhando sentido e a fantasia inconsciente é, “progressivamente”, descoberta. Freud observa, no quadro sintomático de Dora, atividades de satisfação inconsciente que remetem à satisfação e a tentativas parciais de realização, por sua vez, de fantasias sexuais inconscientes. Porém, deve-se estar atento quanto ao caráter psíquico da fantasia e no sentido de que a mesma não compreende simplesmente em uma repetição de uma satisfação infantil, como aponta Celes (1995):

A fantasia, que é uma das significações dos sintomas, é psíquica. A compreensão de sua criação, por Freud, já denuncia essa característica da sexualidade, essa presença simultânea dos efeitos da atividade sexual no somático e no psíquico. [...] A fantasia é uma nova versão, sobre um modelo antigo; quer dizer, a fantasia não é uma extensão da experiência primitiva como o é o chupar o dedo ou a “revivescência” da mesma experiência “no trato com crianças que são amamentadas” [...] A fantasia é a figuração de uma *nova* experiência, sobre um modelo de satisfação antigo. A experiência de satisfação infantil dá o modelo da satisfação que se figura na fantasia. A fantasia é uma reprodução modificada do modo de satisfação estabelecido na intensa experiência sexual infantil (pp. 76-77).

Após as considerações feitas sobre o caso em questão, faz-se necessário apresentar algumas considerações posteriores sobre o mesmo que Freud aponta no posfácio da obra. Durante a apresentação do tratamento feita por Freud, pode-se concluir que ele se baseia, primordialmente, na interpretação dos dois sonhos fundamentais de Dora. Com isso, acredita ter resolvido a histeria da jovem, já que possui, como objetivo fundamental, provar com um tratamento que a técnica da interpretação funcionava, como desvendamento das significações inconscientes. Porém, é sabido que Dora abandona o tratamento. Por que teria feito isso? Quais seriam os motivos de Dora para encerrar o trabalho? Já nas “notas preliminares” que introduzem o caso – e que foram escritas, provavelmente, um pouco

antes da publicação da obra, ou seja, em 1905, mais ou menos quatro anos após o término do tratamento -, Freud (1905a[1901]/2006) nos diz que “justamente a parte mais difícil do trabalho técnico nunca entrou em jogo com essa paciente, pois o fator da ‘transferência’, considerado no final do caso clínico [no posfácio], não foi abordado durante o curto tratamento” (p. 24). Nesse sentido, Freud (1905a[1901]/2006) elucida sobre este conceito, de forma geral, em seu posfácio:

[Transferências] São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo do passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. [...] Quando se penetra na teoria da técnica analítica, chega-se à concepção de que a transferência é uma exigência indispensável. [...] O tratamento psicanalítico não cria a transferência, mas simplesmente a revela, como a tantas outras coisas ocultas na vida anímica (pp. 111-112).

Após elucidar este conceito e concluir que somente a partir dele pôde “esclarecer as particularidades da análise de Dora” (Freud, 1905a[1901]/2006, p. 113), Freud (1905a[1901]/2006) abre margem a uma nova concepção acerca da fantasia: ao compreender que muitas vezes as reações da paciente não eram direcionadas a ele e sim ao próprio pai, por exemplo, ele conclui que a jovem “atuou uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento” (p. 113). Nesse sentido, a análise de Dora possibilita uma nova compreensão do conceito de fantasia no tratamento, pondo-se este mesmo fator como um achado de Dora: com a elucidação da transferência no caso, o conceito se reposiciona como chave do tratamento. Dora não abandona o tratamento sem motivo algum: segundo Freud (1905a[1901]/2006), ele mesmo lembrava, representava, inserido no contexto transferencial, o pai de Dora. Logo, o abandono justificaria-se por uma vingança direcionada ao pai e não ao médico: “ela se vingou de mim como queria

vingar-se dele, e me abandonou como se acreditara enganada e abandonada por ele” (p. 113)¹⁷.

A partir dessas considerações feitas acerca do caso Dora no que diz respeito à utilização da representação e da fantasia como possibilidades para o trabalho de tratamento da neurose, parte-se para a sistematização da teoria da sexualidade em Freud. Este passo é marcado com a redação e publicação dos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade*, em 1905. Esta obra, juntamente com a *Interpretação dos Sonhos* (1900), simboliza toda a originalidade de Freud ao descrever pilares teóricos básicos da psicanálise. É aqui que Freud vai falar da sexual de forma estruturada, apoiando-se na teoria da libido e em seus conhecimentos, postulados ao longo de seu trabalho, acerca da sexualidade. Ao falar sobre a questão da sexualidade no *Estudo Autobiográfico*, Freud (1925a[1924]/2006) não deixa de anunciar o que se desenrola teoricamente a partir do trabalho de tratamento após a queda da teoria da sedução:

[...] a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material. Mesmo agora não creio que forcei as fantasias de sedução aos meus pacientes, que as “sugeri”. Eu tinha de fato tropeçado pela primeira vez no *complexo de Édipo*, que depois iria assumir importância tão esmagadora, mas que eu ainda não reconhecia sob seu disfarce de fantasia. [...] Quando o erro foi esclarecido, o caminho para o estudo da vida sexual das crianças estava desvendado. Tornou-se assim possível aplicar a psicanálise a outro campo da ciência e utilizar seus dados como meio de descobrir um novo conhecimento biológico (p. 40).

Percorrendo o caminho de pensamento até agora apresentado neste capítulo, entende-se que foi somente nos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (Freud, 1905b) que Freud pôde redigir, de forma sistemática, suas concepções acerca da sexualidade (já que postula, neste momento, uma teoria). Apesar do caso Dora já conter alguns indícios do que Freud pretendia considerar sobre a significação da vida sexual dos neuróticos, é somente com os *Três Ensaios...* (1905b) que ele conseguirá apresentar sua teoria sobre a sexualidade (infantil). Mas, em psicanálise, se fala de sexualidade ou de sexualidade infantil? Freud

realiza uma diferenciação teórica entre o que diz respeito à sexualidade adulta e a sexualidade vivida na infância?

O que Freud faz é empreender à infância uma “vida sexual”. Sua concepção acerca do infantil não se remete às experiências e brincadeiras inocentes de descoberta¹⁸. Para Freud (1925a[1924]/2006), “a função sexual, conforme verifiquei, encontra-se em existência desde o próprio início da vida do indivíduo, embora no começo esteja ligada a outras funções vitais e não se torne independente delas senão depois; ela tem de passar por um longo e complicado processo de desenvolvimento antes de torna-se aquilo que estamos familiarizados como sendo a vida sexual normal do adulto” (p. 40). Logo, ao se pensar em psicanálise, é necessária a concepção da sexualidade infantil. Desde a infância, a criança se submete a experiências pela busca de prazer e de satisfação plenas. Essa satisfação ocorre de várias formas e de modo compatível com a perversão, já que “de modo algum os sintomas surgem apenas à custa da chamada pulsão sexual normal (pelo menos de maneira exclusiva ou predominante), mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de *perversas* (no sentido mais lato) se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósito da fantasia e em ações” (Freud, 1905b/2006, p. 157). Isso implica em dizer, nas palavras de Freud, que a criança é um perverso polimorfo parcial, é “polimorficamente perversa”, pois busca prazer de várias formas e, mesmo que sempre deseje uma totalidade de satisfação, encontrará – normalmente – a parcialidade. Essa característica polimorfa/perversa da sexualidade é de ordem pulsional. Sobre os caminhos que essa perversão infantil pode encontrar, discorre Freud (1905b/2006):

A vida sexual dessas pessoas [dos neuróticos] começa como a dos perversos, e toda uma parte de sua infância é ocupada por uma atividade sexual perversa, que ocasionalmente se estende para além da maturidade. Produz então, por causas

internas – em geral antes da puberdade, mas vez por outra até mesmo depois dela -, uma reversão devida ao recalçamento, e a partir daí a neurose toma o lugar da perversão, sem que se extingam os antigos impulsos. [...] Essa substituição da perversão pela neurose na vida de uma mesma pessoa, assim como a já mencionada distribuição da perversão e da neurose entre os diferentes membros de uma família, é coerente com a concepção de que a neurose é o negativo da perversão (p. 224-225).

Nos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade*, Freud (1905b/2006) nos diz que algumas manifestações da sexualidade infantil são exemplificadas no chuchar (sugar com leite) e no auto-erotismo (satisfazer-se no próprio corpo). Logo, é considerado que essas atividades “puramente infantis” dizem de uma busca pelo prazer, busca que destaca¹⁹ a sexualidade dos órgãos genitais. Aliás, toda a teoria sexual apresentada na obra de 1905 leva este ponto como fundamental: não se trata do prazer sexual que normalmente é obtido em uma relação sexual completa. Trata-se de um prazer que é buscado a partir de uma ampla noção de sexualidade. A noção de sexualidade freudiana não se reduz às idéias sobre a relação sexual e o que se obtém com este ato:

O destacar a sexualidade dos órgãos genitais apresenta a vantagem de nos permitir levar as atividades sexuais da criança e dos perversos para o mesmo âmbito que o dos adultos normais. [...] Encaradas do ponto de vista psicanalítico, mesmo as perversões mais excêntricas e repelentes são explicáveis como manifestações da primazia dos órgãos genitais e que se acham agora em busca do prazer por sua própria conta, como nos primeiros dias do desenvolvimento da libido (Freud, 1925a[1924]/2006, p. 43).

É fundamental destacar que a parte nos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* destinada à sistematização da teoria da libido data de 1915 (sendo o último parágrafo de 1920). Nela, Freud (1905b/2006) elucida o conceito de libido “como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual” e que possuiria “também um caráter qualitativo” (p. 205). Freud (1905b/2006) nos diz de uma separação entre a libido, entre esse tipo de energia, e os outros tipos de energia psíquica e postula conceitos como “libido do ego” e “libido do objeto” para falar de representação:

Chegamos assim à representação (*Vorstellung*) de um quantum de libido a cujo substituto (*Vertretung*) psíquico damos o nome de *libido do ego*, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem fornecer-nos possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados. Essa libido do ego, no entanto, só é convenientemente acessível ao estudo analítico depois de ter sido psiquicamente empregada para investir os objetos sexuais, ou seja, quando se converteu em *libido do objeto* (p. 205).

Nesse sentido, Freud chama a atenção para um quesito que o transformará, segundo Gay (1988/2007) num demarcador psicológico. Enquanto dá ênfase à concepção de libido, descortina os caminhos que o indivíduo percorre, na atividade sexual, em prol da satisfação, quando as maneiras e formas de sexualidade são formas de organização da libido. A libido seria a força que a excitação sexual atinge – por isso podendo ser considerada em termos quantitativos – e que pode ser observada, no trabalho de tratamento, a partir do momento que é “empregada para investir os objetos sexuais”. Com a primazia da realidade psíquica já há tempos considerada, entende-se que os objetos dos quais fala Freud não se referem a objetos do mundo real exterior e sim às representações psíquicas desses objetos. É a partir dessas representações que a análise quantitativa e qualitativa da libido se dá em psicanálise. A questão considerada anteriormente sobre a diferenciação ou não entre sexualidade e sexualidade infantil é retomada a partir das considerações feitas até aqui. A sexualidade que Freud vem falar, a “ampla sexualidade” se desenrola no sentido de localizar a pré-história do indivíduo, onde já há vivência sexual. As experiências pela busca do prazer vividas na infância – e que possuem um caráter descolado da sexualidade genital – não são esquecidas. Na verdade, o que ocorre é uma amnésia em relação à sexualidade infantil, mas que não a apaga. Pela via do recalque, o que permanece são “inscrições e traços esquecidos, mas não apagados” (Zavaroni e cols., 2007, p. 68):

[...] os modos mais arcaicos do desenvolvimento permanecem presentes, também, na sexualidade do adulto. Assim, o adulto portará para sempre o infantil que o constituiu. [...] não é a infância em si que ali [nos *Três Ensaios...*] se apresenta,

mas um mundo de desejos, fantasias, lembranças e recordações que, mesmo em uma criança, se davam a *posteriori* (Zavaroni e cols., 2007, p. 68).

Logo, pode-se dizer que a sexualidade na qual Freud fala, a sexualidade com a qual a psicanálise trabalha, esta é sempre infantil. O termo “sexualidade infantil” é o próprio conceito de sexualidade em Freud: toda sexualidade é infantil ao passo que se estrutura na infância e carrega inscrições e traços arcaicos – ou seja, “gerados” na infância – durante toda a sua constituição. “Infantil” não significa, portanto, uma característica da sexualidade, pois o próprio termo, por si só, já abarca essa peculiaridade. O caráter infantil permeia, então, toda a noção freudiana de sexualidade, sendo a mesma sempre infantil. No trabalho de análise, por exemplo, o que geralmente se busca é o infantil, mesmo que, assim como a infância, seja perpassado pelo recalque e que se encontrem “atravessados pela impossibilidade de um resgate literal e finito” (Zavaroni e cols., 2007, p. 68).

Outro conceito que, após certo tempo, se constituiria como um dos pilares fundamentais da psicanálise é o de “pulsão”. É claro que os desdobramentos que Freud faz nessa obra sobre o termo não são definitivos, pois a pulsão vai adquirir, ao longo do desenvolvimento da psicanálise, proporções bem maiores, por assim dizer. Entretanto, é importante elucidar, aqui, o que Freud pretendia fazer entender com o uso desse conceito nos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905b). Desde a primeira parte dessa obra, Freud (1905b/2006) se utiliza do termo “pulsão sexual” para explicar o uso do outro termo já aqui explorado, “libido”:

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma “pulsão sexual”. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar (no caso da pulsão sexual) uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido” (p. 128).

Com a explicitação da sexualidade em 1898²⁰, um passo fundamental foi dado para toda a construção dos conceitos iniciais que sustentam a metapsicologia. Entretanto, é bom lembrar que essa sexualidade de 1898 ainda se refere à sexualidade vivida na infância pela interferência de outro, de um adulto, o que não condiz com a sexualidade infantil postulada nos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905b). Diante de seu material clínico (que não convém descrever aqui), Freud constatou que a sexualidade nem sempre aparecia explicitamente nos sonhos e nas fantasias, surgindo, muitas vezes, sob disfarces que era preciso saber “decifrar”. O propósito desse estudo deu-se em *Três ensaios...* (1905b). No trecho acrescentado a esta edição em 1910, ele fornece uma definição geral:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico (p. 159).

Aí, se trata da pulsão sexual. É a partir dessa conceituação que Freud vai dizer de sua concepção de “zona erógena” totalmente descolada da área genital. Para Freud (1905b/2006), a cavidade bucal e o orifício anal, por exemplo, constituem-se como “parte do aparelho sexual” (p. 160). As zonas erógenas, então, seriam órgãos dos quais partem as pulsões parciais. Na histeria, por exemplo, “esses lugares do corpo e os tratos de mucosa que partem deles transformam-se na sede de novas sensações e de alterações de inervação – e mesmo os processos comparáveis à ereção –, tal como os próprios órgãos genitais diante das excitações dos processos sexuais normais” (Freud, 1905b/2006, p. 159). Nesse sentido, a concepção de zona erógena freudiana condiz com sua concepção de sexualidade, pois não se trata daquele conceito normalmente conhecido. Trata-se de representações que deslocam

esses conceitos a caracterizações mais amplas, observadas somente no trabalho de tratamento. A pulsão, por si só, não possui sentido algum. Trata-se de uma energia psíquica que só se dá ao encontrar uma representação. O sentido da pulsão só se dá neste encontro. Não se pode pensar em pulsão isoladamente.

Nesse sentido, observa-se que o caminho freudiano percorrido, nesse trabalho de dissertação até este ponto, pode ser dividido em três partes: primeiro, durante as elaborações acerca da histeria publicadas juntamente com Breuer, se utilizou basicamente da recordação como possibilidade de tratamento e estabeleceu a *teoria do trauma* para o mesmo. Após perder as referências de seu trabalho com a queda da teoria da sedução, esbarra nos limites que a recordação oferece e escapa no sentido do conhecimento do inconsciente – do psíquico – para saber exatamente o que compreendia aquilo de que estava falando. Com a *Interpretação dos Sonhos* (1900), se debruça sobre a representação a fim de apresentar a técnica da interpretação dos sonhos, o que sustenta, então, sua *teoria do psiquismo*. Utiliza-se do caso Dora para provar que a técnica que havia postulado anteriormente sobre os sonhos funcionava. Dora lhe traz, então, indícios para a conceituação posterior da fantasia – e da própria sexualidade –, que não é um elemento totalmente acessível, pois a sexualidade infantil não é a própria fantasia, mas aquilo que o adulto conta possibilita alguma compreensão para o tratamento. É a partir do conhecimento que Freud obtém acerca do inconsciente e dos indícios de sexualidade que Dora lhe dá é que ele vai embarcar na tentativa de empreender uma *teoria da sexualidade* de forma sistematizada, essa se constituindo como o outro pilar básico da metapsicologia até então – o outro é a teoria do psiquismo.

Apresentando o conhecimento sistematizado acerca da sexualidade, Freud traz consigo nos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905b) as noções de representação e afeto

substituindo suas noções anteriores de neurônios e quantidade; elucida a idéia de que a máquina psíquica se move por uma energia e que essa energia é sexual; estabelece mais um contato com a fantasia, ainda que não tão sistematizado, colocando-a no lugar de poder pensar a representação e o afeto (libido); postula uma teoria da libido; conceitua pulsão e estabelece seu caráter também sexual. Logo, mesmo ainda sem se dar conta, Freud começa a esbarrar em alguns limites que o método de interpretação, como possibilidade, pode encontrar. Ao se debruçar progressivamente no estudo da pulsão e reposicioná-la na teoria, se dá conta de a interpretação pode não dar conta de tudo. Algumas coisas não vão ser passíveis de interpretação. É sobre isto que trata o próximo capítulo: os limites encontrados pelo método interpretativo e pelo conceito de fantasia no tratamento e a pulsão como possibilidade para o mesmo.

NOTAS:

¹ O caráter fantasioso presente no relato das histéricas pode ser até mesmo encontrado nos casos clínicos dos *Estudos sobre a Histeria* (Freud e Breuer 1895).

² Na verdade, este livro foi publicado em 1899, mas é datado de 1900. Neste texto, será usado 1900.

³ O resumo dessas publicações que Freud se refere estão publicadas no terceiro volume (*Primeiras Publicações Psicanalíticas* [1893-1899]) de sua obra completa.

⁴ Freud tira esta citação dos Irmãos Grimm – “Rumpelstilzchen”. Não se sabe por que razão Freud o teria chamado de diabinho celta, isso segundo Masson (1986, p. 246).

⁵ Esta longa nota de rodapé a qual Strachey se refere encontra-se em Breuer, J.; Freud, S. (1895, pp. 99-102).

⁶ “Elaboração Secundária”, em Freud (1900/2006, pp. 521-539).

⁷ Antes no sentido da parte D do capítulo VI ser anterior à parte I do mesmo capítulo.

⁸ A seguir, Freud apresenta um exemplo de “um sonho em que um papel considerável foi desempenhado pela transformação de pensamentos abstratos em imagens” (1900/2006, p. 373). O sonho em questão exemplifica o trecho citado e está nas páginas seguintes, 374 e 375.

⁹ Em um trecho da página 136 da *Interpretação dos Sonhos* (1900/2006), observa-se, com maior clareza, algumas concepções freudianas sobre a representação: “O que está em questão, evidentemente, é o estabelecimento de um estado psíquico que, em sua distribuição da energia psíquica (isto é, da atenção móvel), tem alguma analogia com o estado que precede o adormecimento – e sem dúvida, também com a hipnose. Ao adormecermos, surgem ‘representações involuntárias’, graças ao relaxamento de certa atividade deliberada (e, sem dúvida, também crítica) a que permitimos influenciar o curso de nossas representações enquanto estamos acordados. (Costumamos atribuir esse relaxamento à ‘fadiga’.) À medida que emergem, as representações involuntárias transformam-se em imagens visuais e acústicas. [...] No estado utilizado para a análise dos sonhos e das idéias patológicas, o paciente, de forma intencional e deliberada, abandona essa atividade e emprega a energia psíquica assim poupada (ou parte dela) para acompanhar com atenção os pensamentos involuntários que então emergem, e que – e nisso a situação difere da situação do adormecimento – retêm o caráter de representações. *Dessa forma, as representações ‘involuntárias’ são transformadas em ‘voluntárias’*”.

¹⁰ Na primeira página da parte F do capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (1900/2006), Freud acrescenta, em 1925, a seguinte nota de rodapé: “Tornou-se necessário elaborar e modificar esta visão, depois de se reconhecer que o traço essencial de uma representação

pré-consciente é o fato de estar ela ligada a restos de representações de palavra” (p. 635). Entretanto, na mesma nota de rodapé, é acrescentado que esta concepção acerca da representação já havia sido indicada mesmo na *Interpretação dos Sonhos* (1900/2006), nas páginas 602 e 641. Sobre isso, ver também Freud (1915c/2006, p. 207), com atenção à primeira nota de rodapé.

¹¹ Este é o nome do sétimo capítulo da *Interpretação dos Sonhos* (1900).

¹² O caso Dora acabou sendo publicado somente em 1905 – juntamente com os *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* - com o nome “Fragmento da análise de um caso de histeria”. Nesse sentido, “caso Dora” não é propriamente o nome que Freud dá à publicação, mas será o nome usado aqui. As especificações contidas no presente texto informam a data do mesmo, quando o mesmo ocorreu. Nesse sentido, neste texto, o ano do caso não estará, necessariamente, acompanhando o nome “caso Dora”.

¹³ Acabou sendo publicado em 1901, com o título “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”.

¹⁴ No original, *Três ensaios de teoria sexual*.

¹⁵ “O primeiro sonho” (pp. 67-92) e “O segundo sonho” (pp. 93-107).

¹⁶ Mesmo que se apresente a noção, posteriormente, q isso se trata de uma redundância.

¹⁷ Estes não são os únicos pontos elucidados no “Posfácio” (Freud, 1905a[1901]/2006, pp. 108-116) acerca da transferência no caso Dora.

¹⁸ Nesse sentido, Freud aponta o descaso para com o infantil, mais especificamente em Freud (1905b/2006, p. 163).

¹⁹ No sentido de desprender, descolar.

²⁰ Freud (1898/2006). *A sexualidade na etiologia das neuroses*.

CAPÍTULO 3

SOBRE A PULSÃO

O conceito de fantasia e a aplicação do método de interpretação, como já vistos anteriormente no segundo capítulo, desenham-se, ao longo da produção metapsicológica e do desenvolvimento do tratamento, como possibilidades para o mesmo (o tratamento). Esta figuração do conceito e do método como possibilidades se dá no sentido de que a sistematização dos mesmos, ao longo dos anos que abarcam, principalmente, as formulações contidas na *Interpretação dos Sonhos* (1900) e nos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905b), contribuiu para um desenvolvimento antes não visto. Por mais que Freud não diga de forma explícita sobre os percalços que encontrou na teoria¹, eles existiram e se consolidaram como pequenas crises que motivaram transformações. Nesse sentido, a sistematização da fantasia e da interpretação transforma a teoria que já estava posta, aquela que diz do método de recordação como instrumento viável para o trabalho se dar (logo, como possibilidade utilizada por Freud para o tratamento). Entretanto, Freud não vai se contentar com isso. A partir do desenvolvimento teórico que empreende nos anos seguintes às duas obras, o próprio trabalho de tratamento passa a esbarrar em alguns limites que o conceito de fantasia e o método interpretativo oferecem, pois não dão conta de abarcar tudo aquilo que pensa e postula Freud. Mas sobre o que postula Freud, que não dá conta de ser compreendido apenas com a noção do conceito de fantasia e do método de interpretação?

Na verdade, o que acontece é um desenvolvimento, uma sistematização de um “novo” conceito – o de pulsão -, que permitirá a Freud ir além em seu trabalho. Não se trata, entretanto, de colocar a fantasia, o método interpretativo a até mesmo as representações de

lado, fato que jamais ocorre em Freud. Da mesma forma que o método de recordação, esses conceitos e o método continuarão presentes em Freud, mesmo que alguns reposicionamentos em torno dos mesmos aconteçam por conta do desenvolvimento teórico que vai se dar acerca da pulsão. Portanto, é o próprio desenvolvimento teórico da pulsão que vai limitar e reposicionar no trabalho de tratamento o método da recordação, o método da interpretação e o conceito de fantasia. Para que estes limites que envolvem esses itens fiquem claros, é importante que, primeiramente, se aponte a trajetória do desenvolvimento do conceito de pulsão em Freud, seguindo uma lógica também cronológica.

A palavra “pulsional” aparece antes mesmo da publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905b), em 1895. Consta em um trecho de uma carta de Freud a Fliess de 7 de janeiro, quando expõe ao amigo suas conclusões acerca da melancolia². Neste momento, se utilizando de um esboço de seu diagrama esquemático da sexualidade, Freud se refere ao pulsional da seguinte forma:

O nível baixo de tensão no E. [órgão terminal] parece conter a principal predisposição à melancolia. Nos indivíduos dessa natureza, toda neurose assume facilmente um cunho melancólico. Assim, enquanto os indivíduos potentes adquirem facilmente as neuroses de angústia, os impotentes se inclinam para a melancolia. [...] De que modo, portanto, é possível explicar os efeitos da melancolia? Eis a melhor descrição: *inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor a respeito dele* (In Masson, org., 1986, p. 102).

Em sua obra publicada, Freud já havia se utilizado do conceito de pulsão nos *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905b). Neste momento, o termo “pulsão sexual” figurará como alicerce de sua teoria da libido e de todo o seu estudo sistematizado acerca da sexualidade. É importante destacar que esta obra não se destina a ser um estudo sobre o pulsional. Ela é primeiramente e prioritariamente um estudo acerca da sexualidade, acerca da teoria do sexual. Entretanto, Freud (1905b/2006) se utiliza da pulsão e a caracteriza por seu caráter sexual e por sua presença desde a infância:

A opinião popular faz para si representações bem definidas da natureza e das características dessa pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção. Mas temos plena razão para ver nesses dados uma imagem muito infiel da realidade; olhando-os mais de perto, constata-se que estão repletos de erros, imprecisões e conclusões apressadas. Introduzamos aqui dois termos: chamemos de *objeto sexual* a pessoa de quem provém a atração sexual, e de *alvo sexual* a ação para a qual a pulsão impele. Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrinhada mostrará um grande número de desvios em ambos, o objeto sexual e o alvo sexual, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação minuciosa (p. 128).

Logo, o que se supõe é que, ao contrário da opinião popular, a pulsão estaria presente desde a infância (já que Freud se propõe a postular e defender a vida sexual infantil). Essa característica sexual da pulsão diz da exposição do conceito como direcionado a um alvo sexual. Dessa maneira, a pulsão estaria partindo do que Freud chamou de zonas erógenas, no sentido de buscar uma satisfação, mesma que essa nunca seja completa - já que essa satisfação possui um caráter parcial. Para caracterizar esse movimento pulsional, Freud expõe, por exemplo, a inversão, cujo sexo do objeto sexual é o mesmo de quem parte o desejo sexual, a bissexualidade e os desvios com respeito ao alvo sexual. Não se trata, agora, de demarcar mais uma vez o desenvolvimento teórico contido nos *Três Ensaios...* (1905b). O que se pretende é elucidar como Freud concebia a noção de pulsão neste momento e o que ela representava para seu trabalho. Além das pulsões de auto-conservação, indica-se a pulsão sexual, colocada ali como “energia” que se movimenta no sentido de obter uma satisfação (parcial). Freud (1905b/2006) é enfático ao dizer que as psiconeuroses “baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual” (p. 154) e que “esta contribuição é a única fonte energética constante na neurose e a mais importante de todas, de tal sorte que a vida sexual das pessoas em pauta expressa-se de maneira exclusiva, ou predominante, ou apenas parcial, nesses sintomas” (p. 155). Dessa forma, os sintomas que

as psiconeuroses abarcam, segundo Freud (1905b/2006), “são a atividade sexual dos doentes” (p. 155).

Partindo desta noção acerca da pulsão é que Freud vai empreender o desenvolvimento deste conceito. Toda a estruturação deste desenvolvimento teórico implicará, mais tarde, no reposicionamento do conceito de representação para o trabalho de tratamento, como veremos a seguir. Ainda nos *Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade* (1905b), dando continuidade à caracterização deste conceito em Freud, observam-se as informações que Freud (1905b/2006) nos dá acerca da prática sexual que ele denominou de “auto-erotismo”, onde “a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é *auto-erótica*” (p. 170). Freud (1905b/2006) se utiliza do ato de chuchar para exemplificar esta prática:

No chuchar ou sugar com deleite já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais³, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo *auto-erótica*, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena (p. 172).

Logo, o que nos diz Freud é que a criança vivencia atividades sexuais desde seus primeiros anos. Estas práticas constituem-se, primeiramente, por seu caráter auto-erótico, pois o prazer é obtido pelo próprio corpo. Ao sugar o leite da mãe (ou seu substituto), a criança não percebe ou não considera a mesma como um objeto exterior a ele mesmo, a seu próprio corpo. Nesse sentido, o sugar o leite constitui-se como prática sexual auto-erótica, ao passo que o seio materno é parte dela mesma (da criança). O que há é uma ausência de objeto sexual exterior, o que implicaria em constatar a existência de um estado “anobjetal” no que confere à sexualidade. Esta atividade ocorrida na infância é a origem de outras práticas caracterizadas como sintomáticas por Freud, observadas em seus tratamentos (como, por exemplo, o fato de Dora chuchar o dedo). Elas representariam a busca por este prazer

original, “na necessidade de repetir a satisfação sexual em épocas posteriores da vida” (1905b/2006, p. 171) já dissociada, então, “da necessidade de absorção de alimento” (1905b/2006, p. 171). É a partir da noção do conceito de auto-erotismo é que Freud vai desenvolver um outro aspecto que diz respeito, também, à trajetória de desenvolvimento do conceito de pulsão: o narcisismo.

Este termo surge em virtude da necessidade de possibilitar a inclusão de manifestações psicóticas no campo psicanalítico. Em 1914, Freud publica um estudo sistemático acerca do narcisismo. Este artigo é intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Com ele, Freud (1914b/2006) pretendeu formular o conceito a partir da noção de que “observadores psicanalíticos foram subseqüentemente surpreendidos pelo fato de que aspectos individuais da atitude narcisista são encontrados em muitas pessoas que sofrem de outras perturbações [que não somente aquelas que se caracterizam como perversões]” (p. 81). Como observa Freud (1914b/2006) logo no início do texto, “afigurou-se provável que uma localização da libido que merecesse ser descrita como narcisismo talvez estivesse presente em muito maior extensão, podendo mesmo reivindicar um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano” (p. 81). Nesse sentido, Freud (1914b/2006) empreende ao conceito uma formulação não vinculada à perversão, mas sim a algo ligado à pulsão de autopreservação, “o complemento libidinal do egoísmo” (p. 81) desta pulsão. Dessa maneira, o narcisismo assume presença, em alguma medida, em todo ser humano. Entretanto, o que mais de novo para o trabalho de tratamento nos aponta Freud nesse texto?

A primeira pontuação feita por Freud no que diz respeito à presença do narcisismo não só em todos os indivíduos, mas ao longo da vida dos mesmos, é a distinção entre narcisismo primário e narcisismo secundário. Como o narcisismo é definido como complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação, isso implica em dizer que essa pulsão

recebe uma quantidade a mais (de energia pulsional) da pulsão sexual, tendo essa última o eu do sujeito como objeto. Logo, para Freud (1914b/2006) existiria uma fase narcísica no desenvolvimento do ser humano, precedida pela fase de auto-erotismo (já postulada em 1905, nos *Três Ensaio...*) e anterior à escolha de objeto. O narcisismo seria então compreendido como um destino possível para a libido do indivíduo. Entretanto, esta definição corresponde ao narcisismo primário. Freud também vai dizer do narcisismo secundário. Não se trata, pois, de um estado narcísico inicial e outro totalmente diferente e desligado do primeiro que ocorreria posteriormente. Na verdade, como nos diz Freud (1914b/2006), não se trata de uma nova criação, mas de uma “ampliação e manifestação mais clara de uma condição que já existia previamente” (p. 82). Freud (1914b/2006) se utiliza dos estudos comparativos entre o que conceituou como parafrenia⁴ (inserida nas hipóteses lançadas pela teoria da libido) e as doenças neuróticas (histeria e neurose obsessiva) para dizer do primário e do secundário no narcisismo:

Um paciente que sofre de histeria ou de neurose obsessiva, enquanto sua doença persiste, também desiste de sua relação com a realidade [em comparação com o que Freud chamou de parafrênicos]. Mas a análise mostra que ele de modo algum corta suas relações eróticas com as pessoas e as coisas. Ainda as retém na fantasia, isto é, ele substitui, por um lado, os objetos imaginários de sua memória por objetos reais, ou mistura os primeiros com os segundos, e, por outro, renuncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados àqueles objetos. [...] Com o parafrênico a situação é diferente. Ele parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando *realmente* as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta para os objetos (p. 82).

Porém, Freud vai mais além nessa questão ao se perguntar o que ocorreria, então, com a libido que foi afastada dos objetos externos na esquizofrenia. Nesse sentido, Freud (1914b/2006) aponta para o indício do desenvolvimento da noção de narcisismo secundário ao responder que “a libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo” (p. 82), caracterizando,

assim, um novo momento narcísico na vida do indivíduo, posterior ao narcisismo primário normal. Porém, este momento não é tão novo assim. Diz-nos Freud (1914b/2006), ao considerar a megalomania característica dos estados em que, na esquizofrenia, a libido é afastada dos objetos:

[...] a própria megalomania não constitui uma criação nova; pelo contrário, é, como sabemos, ampliação e manifestação mais clara do que já existia previamente. Isso nos leva a considerar o narcisismo que surge através da indução de catexias objetais como sendo *secundário* [grifo meu] superposto a um narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes (p. 82).

Com isso, pode-se concluir que, posteriormente, na vida do indivíduo, quando a libido antes dirigida para objetos externos se retrai para o ego (então já constituído), fala-se em narcisismo secundário. Desse modo, o conceito de narcisismo vai reformular o conceito de objeto em psicanálise: a idéia de que só haverá objeto após a fase da escolha objetal deixa de ter sentido, já que há escolha de objeto na fase narcísica (o objeto é o próprio eu). Sendo assim, o objeto da fase subsequente será um objeto externo, escolha que se dará com a dissolução do Complexo de Édipo. Mesmo com a escolha do objeto externo, esta libido poderá se retrair novamente para o ego, caracterizando, assim, o narcisismo secundário, uma volta, uma manifestação ampliada e mais clara do que já havia anteriormente. Freud, então, consegue então criar uma ligação entre as afecções psicóticas e a neurose, já que as primeiras se definem pela inexistência de contato com objetos externos (característica essa que compõe a construção da noção de narcisismo).

Após Freud postular que a libido pode ser dirigida não só aos objetos como também ao ego, faz-se necessária a caracterização dos conceitos de “libido do ego” e “libido do objeto”. Freud (1914b/2006) se debruça sobre esta questão ao lançar a hipótese de se pensar, por

exemplo, na necessidade ou não de distinguir ainda uma libido sexual de uma energia não-sexual das pulsões⁵ do ego, já que se concede ao ego uma catexia primária da libido:

O valor dos conceitos “libido do ego” e “libido do objeto” reside no fato de que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada a objetos é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego. [...] Existem vários pontos a favor da hipótese de ter havido desde o início uma separação entre as pulsões sexuais e as outras pulsões do ego, além da utilidade de tal hipótese na análise das neuroses de transferência. [...] em primeiro lugar, a distinção feita nesse conceito corresponde à distinção popular comum entre a fome e o amor. Em segundo lugar, há considerações biológicas a seu favor. [...] Em terceiro lugar, devemos recordar que todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie (pp. 85-86).

Este trecho diz da concepção que Freud tinha, naquele momento, sobre as pulsões. Como ele mesmo aponta, ainda não havia “qualquer teoria das pulsões” (p. 85) que pudesse orientar as noções de libido do ego e libido do objeto. Entretanto, Freud já concebia a existência das pulsões sexuais, o que está claro desde os *Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade* (1905b). Nesse sentido, o que a noção de pulsão abarca, neste momento, é o início de um processo de subversão da primeira dualidade pulsional⁶: a divisão entre pulsões de auto-conservação ou pulsões do ego e pulsões sexuais passa por modificações. Ao passo que desenvolve os conceitos de libido do ego e libido do objeto, esse dualismo parece começar a ser subvertido, já que divide as pulsões sexuais em aquelas colocadas no eu (libido do eu ou libido narcísica) e aquelas colocadas nos objetos externos (libido objetual). Além disso, ao elucidar o conceito de narcisismo, Freud nos diz que as pulsões de auto-conservação recebem, por assim dizer, um complemento libidinal proveniente das pulsões sexuais. Isso implicaria em dizer que mesmo as pulsões de auto-conservação não estão isentas de uma certa “quantidade” de energia sexual. Ainda sobre a caracterização dos conceitos de pulsões do ego e pulsões de objeto, Freud (1914b/2006) é enfático ao elucidar

que estas noções não repousam inteiramente em uma base psicológica, e que extraem seu principal apoio da biologia. O abandono desta hipótese só ocorrerá “se o próprio trabalho psicanalítico vier a produzir alguma outra hipótese mais útil sobre as pulsões” (p. 86), o que ocorrerá mais tarde, em 1920.

Após a exposição acerca da noção de pulsão concomitante com a sistematização do conceito de narcisismo, é fundamental que se aponte mais dois pontos que Freud postula em 1914: sobre os caminhos que levam à escolha do objeto e sobre o conceito de ideal do eu.

Sobre a escolha do objeto, nos diz Freud (1914b/2006):

As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de auto-preservação. As pulsões sexuais estão, de início, ligadas à satisfação das pulsões do ego; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua. Lado a lado, contudo, com esse tipo e fonte de escolha objetual, que pode ser denominado o tipo “anaclítico”, ou de “ligação”, a pesquisa da psicanálise revelou um segundo tipo, que não estávamos preparados para encontrar. Descobrimos, de modo especialmente claro, em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe, mas seus próprios eus. Procuram inequivocamente a *si mesmas* como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetual que deve ser denominado “narcisista”. Nessa observação, temos o mais forte dos motivos que nos levaram a adotar a hipótese do narcisismo (p. 94).

Pode-se observar a idéia freudiana, neste momento, acerca das pulsões e de como as mesmas estariam divididas. Pode-se considerar que a introdução do conceito de narcisismo na psicanálise provoca um início da subversão do primeiro dualismo pulsional, que corresponde às pulsões de auto-preservação ou pulsões do ego e as pulsões sexuais. Esta dualidade começa a ser questionada ao passo que, como nos diz o próprio Freud, é constatada, para explicar o narcisismo, uma intromissão das pulsões sexuais às pulsões de auto-preservação. Nesse sentido, estaria Freud pensando na possibilidade de classificar

todas as pulsões como sendo de ordem sexual? Talvez, já nesse momento, sim. O importante é que, mesmo nesse texto de 1914, Freud já se questiona acerca dessa possibilidade de classificação, mesmo que não se preste, ainda, a teorizar sistematicamente sobre isso.

Sobre o auto-erotismo, postulado por Freud desde os *Três Ensaio...* (1905b) e colocado por Freud como atividades de satisfação sexual que servem à finalidade de auto-preservação, é fundamental destacar sua importância no que diz respeito à formulação do conceito de narcisismo em 1914. Pode-se dizer que o conceito de auto-erotismo é o ponto que antecede essa nova conceituação. Existe uma relação entre o auto-erotismo (estado inicial da libido) e o narcisismo que se dá em uma “etapa” posterior a este:

[...] posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (Freud, 1914b/2006, p. 84).

Logo, na fase do auto-erotismo, o que existe é um corpo não unificado. Trata-se de uma pulsão auto-erótica (isto é, voltada para o corpo da própria pessoa) e que serve à finalidade de auto-preservação. Com o entranhamento da pulsão sexual na pulsão de auto-preservação, constituindo, assim, “uma nova ação psíquica” da que Freud nos fala, este auto-erotismo é substituído pelo investimento narcísico. A unidade que o desenvolvimento do ego propõe, então, passa a desenhar uma unidade corporal proposta pelo narcisismo. Essa unidade vai dizer da atividade de satisfação sexual direcionada, pois agora há um objeto sexual.

Freud (1914b) ainda vai mais além no tocante às questões da escolha de objeto, classificadas como narcísicas e anaclíticas (de ligação). Ao caracterizar as mesmas, vai

dizer que, no que se refere aos caminhos que levam à escolha de um objeto, uma pessoa pode amar, em conformidade com o tipo narcisista, o que ela própria é (ela mesma), o que ela própria foi, o que ela própria gostaria de ser e o que alguém que foi uma vez parte dela mesma (o que podemos concluir como a mãe e/ou seus substitutos). Já em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação), pode amar a mulher que a alimenta ou o homem que a protege (e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar).

No tocante às reflexões acerca da construção teórica que embasa o conceito de narcisismo, ainda pode-se verificar a elucidação de um outro conceito. O conceito de ideal do ego. No texto de 1914, Freud parece empreender, com este conceito, o pilar da sistematização de umas das estruturas de sua segunda tópica, já que ideal do ego refere-se, de alguma forma, ao conceito de superego:

O recalque⁷, como dissemos, provém do ego; poderíamos dizer com maior exatidão que provém do amor-próprio do ego. As mesmas impressões, experiências, impulsos e desejos aos quais um homem se entrega, ou que pelo menos elabora conscientemente, serão rejeitados com a maior indignação por outro, ou mesmo abafados antes que entrem na consciência. A diferença entre os dois, que encerra o fator condicionante do recalque, pode ser facilmente expressa em termos que permitem seja ela explicada pela teoria da libido. Podemos dizer que o primeiro homem fixou um ideal em si mesmo, pelo qual mede seu ego real, ao passo que o outro não formou qualquer ideal desse tipo. Para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante do recalque (Freud, 1914b/2006, p. 100).

Nesse sentido, o conceito de ideal do ego surge, na obra de Freud, como uma solução para a perda do narcisismo infantil, que é onipotente. Nas próprias palavras de Freud (1914b/2006): “o que ele [o homem] projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido da sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (p.101). O ideal do ego é essa estrutura mental que funciona como referência para o ego avaliar suas realizações, uma instância crítica e de auto-observação que surge a partir da introjeção das críticas dos pais. Seguir a construção deste conceito na obra de Freud é

acompanhar a elaboração do conceito de superego. Em seu artigo *O ego e o id* (1923) eles são apresentados como sinônimos, enquanto que em outros textos Freud se refere ao ideal do ego como uma subestrutura componente do superego. Atualmente considera-se o ideal do ego como um conjunto de funções dentro da estrutura do superego.

Ainda sobre este conceito, Freud (1914b/2006) vai elucidar que a noção de ideal do ego é ponto fundamental para a compreensão do que ele chama de “psicologia de grupo”⁸:

Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação. Ele vincula não somente a libido narcisista de uma pessoa, mas também uma quantidade considerável de sua libido homossexual, que dessa forma retorna ao ego. A falta de satisfação que brota da não realização desse ideal libera a libido homossexual, sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). Originalmente esse sentimento de culpa era o temor da punição pelos pais, ou, mais corretamente, o medo de perder o seu amor; mais tarde, os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas (p. 108).

Portanto, após a apresentação de alguns conceitos fundamentais necessários ao desenvolvimento do conceito de pulsão na psicanálise freudiana, passa-se à apresentação dos textos de Freud que elucidaram um formato mais sistemático no que diz respeito a esse conceito. Seguindo uma ordem não só de sentido, mas também cronológica, destacam-se as elaborações freudianas acerca da pulsão após a noção de narcisismo, já que a formulação deste último conceito é colocada como um dos pilares do tocante ao pulsional. Dessa forma, caracterizando mais essa transformação da psicanálise freudiana, pode-se sustentar a noção do conceito de pulsão como possibilidade/instrumento para o trabalho de tratamento.

3.1 ENTRE O SOMÁTICO E O PSÍQUICO – A MITOLOGIA PSICANALÍTICA EM TORNO DO CONCEITO

Em 1915, após a publicação do artigo que sistematizou e inseriu definitivamente o conceito de narcisismo na psicanálise, Freud escreve o que podemos chamar da primeira reunião

sistemática dos preceitos sobre as pulsões. Neste artigo de 1915, intitulado *As pulsões e suas vicissitudes*, que é parte do contexto de seus textos acerca da metapsicologia, ele vai dizer de características que as pulsões abarcam, elucidando sua conceituação até então e alguns termos utilizados com referência à pulsão – sua pressão, sua finalidade, seu objeto e sua fonte. É importante destacar que, ainda nesta época, Freud conserva “o dispositivo teórico baseado no dualismo” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 630), até porque “parece ainda não avaliar a dimensão da mudança que estava efetuando e que conduziria à oposição entre libido do eu e libido do objeto” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 630).

Mesmo deixando bem claro, desde o início do artigo, que ainda há “necessariamente certo grau de indefinição” (p. 123), não deixa de pontuar que a natureza dessas conclusões acerca da tentativa de conceituação da pulsão provém exclusivamente do “material de observação” (p. 123) provindo de seu trabalho de tratamento. Conclui-se que Freud não deixa de reconhecer uma certa indefinição no tocante a alguns conceitos básicos metapsicológicos, mas reafirma que “talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições” (p. 123).

Logo, antes de elucidar o conceito, determina algumas características que o mesmo abarca:

Em primeiro lugar, um estímulo pulsional não surge do mundo exterior, mas de dentro do próprio organismo. Por esse motivo, ele atua diferentemente sobre a mente, e as diferentes ações se tornam necessárias para removê-lo. Além disso, tudo o que é essencial num estímulo fica encoberto, se presumimos que ele atua com um impacto único, podendo ser removido por uma única ação conveniente. Um exemplo típico disso é a fuga motora proveniente da fonte de estimulação. Esses impactos podem, como é natural, ser repetidos e acrescidos, mas isso em nada modifica nossa noção a respeito do processo e as condições para a eliminação do estímulo. Uma pulsão, por outro lado, jamais atua como uma força que imprime um impacto *momentâneo*, mas sempre como um impacto *constante*. Além disso, visto que ela incide não a partir de fora, mas dentro do organismo, não há como fugir dela. O melhor termo para caracterizar um estímulo pulsional seria “necessidade”. O que elimina uma necessidade é a “satisfação”. Isso pode ser alcançado apenas por uma alteração apropriada (“adequada”) da fonte interna de estimulação (Freud, 1915a/2006, p. 124).

Nesse sentido, Freud enfatiza alguns pontos sobre o estímulo pulsional: ele é interno, pois possui uma origem de caráter interior, uma origem psíquica e não no mundo externo. Logo,

quando Freud nos diz que não há como fugir dela, diz de seu caráter que incide de dentro do organismo e não de fora. Sendo assim, o estímulo pulsional é como uma necessidade em busca de satisfação, de impacto constante e que só alcança essa satisfação por conta de alterações adequadas internas. O princípio do prazer é automaticamente regulado por sentimentos pertencentes à série prazer-desprazer. São esses sentimentos que, segundo Freud (1915a/2006), “refletem a maneira pela qual o processo de dominação dos estímulos se verifica – certamente no sentido de que os sentimentos desagradáveis estão ligados a um aumento e os sentimentos agradáveis a uma diminuição do estímulo” (p. 126). É a partir de todas essas elucidações postas que Freud (1915a/2006) passa à conceituação da pulsão que, neste momento, é definida:

[...] como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (p. 127).

Desde esse momento, já se percebe uma falta de apreensão no tocante ao conceito de pulsão. É claro que Freud não vai deixar de definir o termo, sempre o colocando situado entre o somático e o psíquico, mas é difícil para o leitor (e talvez tenha sido até mesmo para Freud) imaginar ou concluir a pulsão de forma satisfatória. Nesse sentido, o conceito já nasce constituído de um grau de inapreensão. Situa-se entre o mental e o somático, entre o psíquico e o corpo e origina-se internamente e, até este momento, funciona como uma espécie de representante que trabalha entre a mente e o corpo, no sentido de ligá-los. Logo, até este momento, a pulsão ainda tem um caráter de ligação, atua como elo entre o somático e o psíquico.

Sobre os termos que Freud (1915a) verifica como usados em relação ao conceito de pulsão, destacam-se a “pressão” (*Drang*), que corresponde seu fator motor, a quantidade de força

ou a medida da exigência de trabalho que ela representa; a “finalidade” (*Ziel*), que é sempre a satisfação e que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão; o “objeto” (*Objekt*), que corresponde à coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade (este não é necessariamente algo estranho, podendo ser igualmente uma parte do corpo do indivíduo; o mesmo objeto pode servir para a satisfação de várias pulsões e o termo “fixação” define uma ligação particularmente estreita da pulsão com seu objeto); e a “fonte” (*Quelle*), que pode ser entendida como o processo somático que ocorre em um órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão.

Ao considerar sua exposição teórica acerca da pulsão, Freud (1915a/2006) destaca uma particularidade de sua visão acerca do conceito que vai de encontro com a dualidade pulsional (pulsões do ego e pulsões sexuais):

A psicanálise, contudo, em conseqüência do curso tomado pelo seu desenvolvimento, até agora só tem sido capaz de nos propiciar informações de natureza razoavelmente satisfatória acerca das pulsões sexuais, pois este é precisamente o único grupo que pode ser observado isoladamente, por assim dizer, nas psiconeuroses (p. 131).

O que se percebe é que Freud (1915a/2006), apesar de neste mesmo artigo afirmar a dualidade pulsional, aponta para a necessidade de isso ser encarado como “uma hipótese de trabalho” (p. 129). Nestes termos, não afirma, para esta dualidade, um status de postulado. Afirma, por outro lado, que a evolução da psicanálise mostrará o quanto essa postulação é sustentável ou não. Dessa maneira, já aponta para uma subversão posterior dessa dualidade. O que é fundamental, portanto, diz da compreensão acerca das pulsões sexuais a partir do trabalho de tratamento das psiconeuroses, onde se pode observar isoladamente as vicissitudes da pulsão. Esses caminhos são apresentados, neste artigo, sob o desenho de quatro formas. A primeira delas se constitui na “reversão a seu oposto”. Freud

(1915a/2006) vai dizer que essa reversão transforma-se em dois processos diferentes: uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão de seu conteúdo:

Encontram-se exemplos do primeiro processo nos dois pares de opostos: sadismo-masochismo e escopofilia-exibicionismo. A reversão afeta apenas as *finalidades* das pulsões. A finalidade ativa (torturar, olhar), é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). A reversão do *conteúdo* encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio (p. 132).

A partir da caracterização desta primeira vicissitude é que Freud (1915a/2006) vai dizer do “retorno em direção ao próprio eu do indivíduo”. Aqui, o que figura é a “reflexão de que o masochismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo e que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo” (p. 132). Nesse sentido, o masochismo e o sadismo se fundem em uma mesma atividade com finalidades diferentes que convergem ou coincidem, já que os dois são exemplos de reversos a seus opostos e não são caracterizados como atividades onde o que prevalece é a satisfação com o outro. Na realidade, na segunda vicissitude há uma “mudança de objeto, ao passo que a finalidade permanece inalterada” (p. 132). Concluindo o artigo, Freud (1915a/2006) destaca “o traço essencial das vicissitudes sofridas pelas pulsões” (p. 144):

[o traço essencial] está na *sujeição dos impulsos pulsionais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental*. Dessas três polaridades podemos descrever a da atividade-passividade como a *biológica*, a do ego-mundo externo como a *real*, e finalmente a do prazer-desprazer como a polaridade *econômica* (p. 144).

Freud ainda vai apontar para duas outras vicissitudes da pulsão: o “recalque” e a “sublimação”. Para a primeira delas, reserva um artigo separado que segue este artigo. Já para a segunda, que “não pretendo tratar aqui” (Freud, 1915a/2006, p. 132), se conta com as menções já feitas no artigo sobre o narcisismo⁹ e, segundo o editor inglês da obra freudiana, “parece possível que constituísse o assunto de um dos artigos metapsicológicos extraviados” (nota de rodapé número 1 in Freud, 1915a/2006, p. 132). Nesse sentido, faz-se

necessário um avanço para empreender, aqui, o conceito de recalque e de que forma o mesmo é entendido por Freud como vicissitude da pulsão. Em um outro artigo que data de 1914, intitulado *História do movimento psicanalítico*, Freud já havia dito o que este conceito significa à psicanálise ao elucidar que “a teoria do recalque é pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (p. 26). Nesse sentido, o que se encontra em *Recalque* (1915b), também parte do contexto dos artigos sobre metapsicologia, é a sistematização do conceito, colocado como vicissitude da pulsão:

Uma das vicissitudes que um impulso pulsional pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-lo inoperante. Em certas condições [...] o impulso passa então para o estado de recalque (*Verdrangung*). Se o que estava em questão era o funcionamento de um estímulo externo, obviamente se deveria adotar a fuga como método apropriado; para a pulsão, a fuga não tem qualquer valia, pois o ego não pode escapar de si próprio. Em dado período ulterior, se verificará que a rejeição baseada no julgamento (condenação) constituirá um bom método a ser adotado contra um impulso pulsional. O recalque é uma etapa preliminar da condenação, algo entre a fuga e a condenação; trata-se de um conceito que não poderia ter sido formulado antes da época dos estudos psicanalíticos (Freud, 1915b/2006, p. 151).

A partir dessa introdução, Freud vai empreender as causas que movem um impulso pulsional a sofrer essa vicissitude, ou seja, a se submeter ao recalque. Freud assegura que a produção de desprazer se caracteriza como uma condição necessária para o recalque. Mas como a satisfação de uma pulsão poderia gerar desprazer, já que este movimento é sempre caracterizado como algo prazeroso? Nesse sentido, segundo Freud (1915b/2006), “teríamos de supor a existência de certas circunstâncias peculiares, alguma espécie de processo através do qual o prazer da satisfação se transforma em desprazer” (p. 151).

O recalque caracterizado neste texto compreende em um acontecimento de dois tempos. Freud (1915b/2006) vai falar do “recalque primevo” e de uma segunda fase, onde se constituiria o “recalque propriamente dito”. No primeiro momento, o que vai se dar é a negação da “entrada ao consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão. Com

isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele” (p. 153). Já no segundo momento, o recalque propriamente dito “afeta os derivados mentais do representante recalcado, ou sucessões de pensamento que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele” (p. 153). Isso caracteriza o recalque propriamente dito como “uma pressão posterior” (p. 153). O recalque, entretanto, só interferirá “na relação do representante pulsional” (p. 154) com o consciente, já que continua a existir no inconsciente, podendo se organizar ainda mais, dar origem a derivados e estabelecer ligações (Freud, 1915b).

É claro que as construções metapsicológicas acerca do recalque não param por aí. Freud, neste mesmo artigo, ainda vai mais além ao caracterizar a idéia que representa a pulsão, “que passa por uma vicissitude geral que consiste em desaparecer do consciente” (p. 157) e ao elucidar o fator quantitativo do representante pulsional e suas três vicissitudes possíveis (a pulsão inteiramente suprimida, sua transformação em afetos ou em ansiedade), por exemplo. Entretanto, fica-se por aqui, pois não consta como objetivo desta exposição abarcar todo o conceito de recalque. Com as considerações feitas por Freud acerca dessa vicissitude da pulsão, passa-se a um novo tempo (cronológico e de sentido) que abarcará novas transformações que este conceito sofrerá. Em 1920, Freud retoma a teorização acerca da pulsão. Entretanto, agora ela recebe um outro desenho, sofre um reposicionamento. A subversão do chamado primeiro dualismo pulsional parece ganhar forma com o artigo *Além do princípio do prazer* (1920).

Este “além” que o título freudiano carrega anuncia a questão que motiva o artigo: existiria algum princípio além do princípio do prazer? O que Freud (1920/2006) parece querer esclarecer é que, mesmo que a psicanálise, até este momento, sempre tenha trabalhado a fim de elucidar que “o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado

pelo princípio do prazer” (p. 17), pode-se supor que este princípio não abarque todo o funcionamento psíquico. Após citar exemplos observados na experiência analítica que dizem respeito ao funcionamento do princípio do prazer (em sua dinâmica prazer-desprazer), Freud (1920/2006) é bem enfático em relação ao que realmente pretende neste momento:

A consideração desses casos e situações, que têm a produção de prazer como seu resultado final, deve ser empreendida por algum sistema de estética com uma abordagem econômica a seu tema geral. Eles não têm utilidade alguma para *nosso* fins, pois pressupõem a existência e a dominância do princípio do prazer; não fornecem provas do funcionamento de tendências *além* do princípio do prazer, ou seja, de tendências mais primitivas do que ele e dele independentes (p. 28).

Logo, o que se pode dizer é que Freud conclui, com sua observação clínica, que comportamentos, sintomas e sonhos, por exemplo, não negam a vigência do princípio do prazer. Entretanto, o que Freud quer, neste momento, é despertar para o que há mais além, o que, aqui, não indica posteridade, não possui um sentido de “mais adiante”, por exemplo. O que está nesse “mais além” é, na verdade, algo que está “mais além” do princípio do prazer, no sentido de ser algo mais primitivo, mais independente, menos ligado, mais pulsional. Mas de que forma Freud desperta para este “mais além”?

Contando com uma extensa observação clínica em 1920, Freud pode contar com o que o seu próprio trabalho lhe mostrou. Partindo da arte de interpretar e passando pelos percalços que a resistência lhe trouxe para o tratamento, Freud elucida a transferência como, além de fundamental e indispensável no trabalho de análise, instrumento que possibilita o abandono das resistências dos pacientes. É exatamente com este trunfo nas mãos que Freud vai desenvolver o arcabouço teórico do que denominou “compulsão à repetição”. Freud (1920/2006) percebe que o que o paciente conta configura-se não como mera recordação, mas como uma repetição de materiais recalçados:

Essas reproduções, que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do Complexo de Édipo, e de seus derivativos, e são invariavelmente atuadas (acted out) na esfera da transferência, da relação do paciente com o médico. Quando as coisas atingem essa etapa, pode-se dizer que a neurose primitiva foi então substituída por outra nova, pela “neurose de transferência” (p. 29).

Freud (1920/2006) procura elucidar a relação entre a concepção de “compulsão à repetição” e o princípio do prazer, apontando que a repetição ocorre servindo duas vias: da mesma maneira este processo provoca um desprazer ao ego – “pois traz à luz as atividades dos impulsos pulsionais recalçados” (p. 31) e que este fato não contradiga o princípio do prazer (já que causa desprazer para um dos sistemas e, simultaneamente, prazer para o outro), ele também vai rememorar experiências do passado “que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos pulsionais que desde então foram recalçados” (1920/2006, p. 31). Logo, pode-se concluir que essa compulsão também age de uma forma que não se remete ao princípio do prazer. Apesar de também configurar-se na ordem do princípio do prazer, é também de uma outra ordem que foge à este, de uma ordem além, além do princípio do prazer. Mas que experiências são essas que nos fala Freud, que não incluem e nem nunca incluíram possibilidade alguma de prazer e que figuram na neurose de transferência pelo motor da compulsão à repetição?

Essas experiências remontam à vida sexual infantil, quando se constituem situações que, desde então, não são prazerosas. Freud (1920/2006) cita a vivência edipiana como algo que sucumbe ao desapontamento, a apenas uma pequena expectativa de satisfação. O nascimento de um novo bebê é um outro exemplo freudiano no tocante à essas situações “primevas” que demonstram, aos olhos da criança, “uma prova inequívoca da infidelidade do objetivo da afeição” (p. 32):

A menor quantidade de afeição que recebe, as exigências crescentes da educação, palavras duras e um castigo ocasional mostram-lhe por fim toda a extensão do desdém que lhe concederam. Estes são alguns exemplos típicos e constantemente recorrentes das maneiras pelas quais o amor característico da idade infantil é levado a um término. Os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade. [...] Nenhuma dessas coisas [experiências repetidas na transferência de forma mais engenhosa] pode ter produzido prazer no passado, e poder-se-ia supor que causariam menos desprazer hoje se emergissem como lembranças ou sonhos, em vez de assumirem a forma de experiências novas. Constituem, naturalmente, as atividades de pulsões destinadas a levar à satisfação, mas nenhuma lição foi aprendida da antiga experiência de que essas atividades, ao contrário, conduziram apenas ao desprazer. A despeito disso, são repetidas, sob a pressão de uma compulsão (Freud, 1920/2006, p. 32).

Nesse sentido, a compulsão à repetição se justifica como “a perpétua recorrência da mesma coisa” (Freud, 1920/2006, p. 33), a tendência de restabelecer um estado anterior das coisas. Este ímpeto da repetição compulsiva está além do princípio do prazer, ao passo que se remete às experiências que nunca geraram prazer algum e que, mesmo assim, tendem a ser repetidas. Como está além do princípio do prazer, caracteriza-se como algo mais primitivo e independente dele, algo mais pulsional. Essa pulsão tende a se repetir, não interessando o objeto. Desse modo, parece que o movimento da compulsão (à repetição) é caracterizado como o que há de mais pulsional na pulsão, visto que age recorrendo infinitamente e posiciona-se no princípio da atividade pulsional. É a partir dessa noção, observada ao longo do tratamento com o estabelecimento da noção de transferência, é que Freud (1920/2006) vai empreender um reposicionamento ao conceito de pulsão. Observa-se a tentativa freudiana de traçar uma relação entre a compulsão à repetição e o pulsional:

As manifestações de uma compulsão à repetição [...] apresentam em alto grau um caráter pulsional e, quando atuam em oposição ao princípio do prazer, dão a aparência de alguma força “demoníaca” em ação. [...] Mas como o predicado de ser “pulsional” se relaciona com a compulsão à repetição? Nesse ponto, não podemos fugir à suspeita de que deparamos com a trilha de um atributo universal das pulsões e talvez da vida orgânica em geral que até o presente não foi claramente identificado ou, pelo menos, não explicitamente acentuado. *Parece, então que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas*, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica (pp. 46-47).

Desse modo, Freud traça um paralelo entre a compulsão que nos fala e o conceito de pulsão. Apesar de já ter empreendido outros termos à pulsão (que não negam esses colocados em 1920), Freud parece indicar, ao elucidar que a pulsão pulsa a fim de restaurar um estado anterior de coisas, que o que há de mais pulsional na pulsão é seu caráter de esgotamento, sua tendência ao esgotamento e a, de certa forma, desfazer o que foi feito, o que foi ligado. Nesse momento, observa-se o aparecimento de uma “nova” dualidade, já que desde a inserção do conceito de narcisismo na psicanálise que a primeira dualidade estava fadada à subversão. Não se trata de uma nova teoria que modifica toda a sustentação na qual o conceito de pulsão repousava. Mais do que isso, se trata de um reposicionamento, de uma nova colocação no que diz respeito ao que há de mais pulsional na pulsão. Nesses termos, Freud (1920/2006) divide as pulsões, caracterizando-as como “de vida” (Eros) e “de morte”:

As pulsões que cuidam dos destinos desses organismos elementares que sobrevivem à totalidade do indivíduo [...] constituem o grupo das pulsões sexuais. São conservadoras no mesmo sentido das outras pulsões porque trazem de volta estados anteriores de substância viva; contudo, são conservadores num grau mais alto, por serem peculiarmente resistentes às influências externas; e são conservadores ainda em outro sentido, por preservarem a própria vida por um longo período. São as verdadeiras pulsões de vida. Operam contra o propósito das outras pulsões, que conduzem, em razão de sua função, à morte, e este fato indica que existe oposição entre elas e as outras, oposição que foi há muito tempo reconhecida pela teoria das neuroses (p. 51).

Contudo, o que Freud (1920/2006) nos diz é que se existe uma pulsão que age no sentido de preservar e proteger, existe outra que age de forma contrária, que tende a “atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível” (p. 51), já que “o objetivo de toda a vida é a morte” (p. 49), concordando com o “Princípio do Nirvana”, expressão que Freud toma emprestado de Barbara Low (1920/2006, p. 66). Na tentativa de restabelecer um estado primeiro das coisas, essa pulsão vai ser possuidora de um caráter “retrógrado”

(Freud, 1920/2006, p. 55), colocado como anterior ao princípio do prazer e, portanto, mais pulsional. Nesse sentido, as pulsões sexuais organizam-se em pulsões de vida, em oposição às “pulsões do ego ou pulsões de morte” (Freud, 1920/2006, p. 55). As duas agiriam em sentidos contrários, mas nunca de forma separada ou independente umas das outras. Freud (1920/2006) coloca que, ao mesmo tempo que um grupo de pulsões se precipita para a morte (ou seja, para o objetivo final da vida), “o outro grupo atira-se para trás até certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada” (p. 51). Sendo assim, coloca as pulsões de auto-conservação como possuidoras de um caráter libidinal, caracterizando toda a “pulsão” em torno das pulsões de morte:

Se as pulsões de auto-conservação são também de natureza libidinal, talvez não existam quaisquer outras pulsões, a não ser as libidinais? De qualquer modo, não existem outras visíveis. [...] Nossas concepções, desde o início, foram *dualistas* e são hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre pulsões do ego e pulsões sexuais, mas entre pulsões de vida e pulsões de morte (Freud, 1920/2006, p. 63).

Esta polaridade desenha-se claramente no exemplo utilizado por Freud (1920) para descrever uma outra polaridade semelhante referente ao amor objetal: o amor (ou afeição) e o ódio (ou agressividade), afetos que sempre se relacionam mutuamente ao longo da vida do indivíduo. Ainda sobre esta dualidade pulsional posta em 1920, Pontalis (2005¹⁰) elucida o que não há de tão novo assim:

Pois o dualismo adotou na teoria de Freud inúmeras formas, pôs em jogo pares de opostos muito diferentes. Quando um dos pares pulsionais parece deixar de funcionar como oposição, o dualismo se desloca, se reafirma como mais originário, ou seja, caso necessário, no plano do mito. Nesse sentido, o último dualismo, o das pulsões de vida e das pulsões de morte, não é “novo”: ele radicaliza os precedentes inscrevendo a morte (o inanimado, a inércia, o zero) na psique. A “discórdia” não é localizável numa instância psíquica – está em cada uma delas – ou num princípio de funcionamento – ela está “além” de cada um deles: prazer, constância, realidade – nem mesmo numa pulsão: é apenas forçando a aceção propriamente psicanalítica do termo *Trieb*, é apenas fazendo delas “seres míticos” que Freud pode invocar *Todestriebe* que operam em *todo lugar* sem jamais poderem ser apreendidas em estado puro. Portanto, o que assim se define é menos um pólo do conflito que o conflito como tal no que ele tem de *irreduzível* (p. 120).

Nesse sentido, Pontalis afirma o que não é tão novo assim: todas as classificações pulsionais pautam-se em uma dualidade. Entretanto, o que Freud quer empreender é um reposicionamento das mesmas, denominando uma nova dualidade que, apesar de compor toda a conceituação da pulsão como possibilidade, como instrumento teórico eficaz do qual Freud se utiliza para o tratamento, também diz de uma certa inapreensão (tanto conceitual quanto para o tratamento), ao passo que diz de algo que está em todo lugar, não pode ser apreendida em estado puro e agem (tanto pulsão de vida quanto pulsão de morte) entrelaçadas, nunca de maneira independente. São nestes pontos que se sustenta a dualidade pulsional no plano do mito, do irreduzível, do incompreensível. Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930[1929]/2006) vai dizer da forma de se manifestar dessas duas pulsões:

Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, conclui que, ao lado da pulsão para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outra pulsão, contrária àquela, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e orgânico. Isso equivalia a dizer que, assim como Eros, existia também uma pulsão de morte. Os fenômenos da vida podiam ser explicados pela ação concorrente, ou mutuamente oposta dessas duas pulsões. Não era fácil, contudo, demonstrar as atividades dessa suposta pulsão de morte. As manifestações de Eros eram visíveis e bastante ruidosas. Poder-se-ia presumir que a pulsão de morte operava silenciosamente dentro do organismo, no sentido de sua destruição, mas isso, naturalmente, não constituía uma prova (p. 122-123).

Após a elucidação da trajetória teórica da pulsão em Freud, parte-se para a caracterização deste conceito, que suscita uma das transformações as quais sofre a psicanálise original, enquanto possibilidade para o trabalho de tratamento, como instrumento para o mesmo. Utiliza-se o artigo freudiano de 1923 (*O ego e o id*), a fim de expor a vinculação entre as estruturas da segunda tópica e as pulsões. Posteriormente, as questões acerca dos limites que o instrumento encontra são apresentadas, visto que esses figuram desde sua conceituação até a sua “aplicação”.

3.2 A PULSÃO COMO CONCEITO-LIMITE DO TRATAMENTO

É importante que, neste momento, se faça uma retomada do que se propôs até agora. Visto que a argumentação teórica freudiana que diz do conceito de pulsão fora apresentada, elucida-se esta transformação como um instrumento, uma possibilidade da qual Freud se utiliza para o trabalho de tratamento. Sem deixar de considerar o método da recordação e o conceito de pulsão (que nunca foram excluídos, apenas reposicionados), o desenvolvimento do conceito de pulsão irá permitir a Freud uma atenção à força do pulsional no tratamento. Agora, complementando a noção de psicanálise como trabalho que traz à tona o anímico recalcado, se elucida a análise como meio de vinculação da pulsão, atividade que rearruma o psíquico no sentido criativo. Admitindo que o princípio do prazer não explica ou abarca tudo que diz respeito ao psiquismo, o que Freud faz ao reposicionar o dualismo pulsional é reconhecer a pulsão de morte como energia mais fundamental, mais pulsional. Este “mais pulsional da pulsão” se dá no tratamento, pela via da transferência. No tratamento, “emergem as repetições mais radicais, as que se produzem além do princípio do prazer e sob o império da chamada pulsão de morte, nome que dissimula o fato de que essas repetições correspondem à mais pulsional das pulsões, à pulsionalidade propriamente dita em seu estado bruto de desligamento e em sua urgência à descarga” (Figueiredo, 2003, p. 133-134). O objetivo da análise, apesar de nunca deixar de ter sido, em geral, fazer emergir uma recordação, impõe-se no trabalho de tratamento em torno da compulsão à repetição, comandada pela pulsão de morte.

Antes de apresentar exemplos que demonstram a “atuação” da pulsão no tratamento, faz-se necessária a elucidação de mais um artigo freudiano, *O ego e o id* (1923). O que Freud

pretende com esta escrita é sistematizar suas idéias acerca dessas instâncias psíquicas e, dessa maneira, postular a segunda tópica do aparelho psíquico (composta por ego-eu, id-isso e superego-supereu, este último aparecendo como sinônimo de “ideal do eu”). No prefácio deste artigo, Freud (1923/2006) nos diz que o mesmo representa um estudo que dá continuidade ao que foi posto em *Além do princípio do prazer* (1920) e que, agora, “não existem novos empréstimos tomados à biologia, e, devido a isso, ele se encontra mais próximo da psicanálise do que *Além do princípio do prazer*” (p. 25). Na parte quatro deste artigo, intitulada “As duas classes de pulsões”, Freud vai sistematizar o que já foi dito acerca do reposicionamento da dualidade pulsional (pulsões de vida e pulsões de morte). Entretanto, diferentemente do que havia postulado em 1920, agora incluirá as pulsões de auto-preservação ou do ego na “classe” das pulsões de vida:

[...] temos de distinguir duas classes de pulsões, uma das quais, as pulsões sexuais ou Eros, é, de longe, a mais conspícua e acessível ao estudo. Ela abrange não apenas a pulsão sexual desinibida propriamente dita e os impulsos pulsionais de natureza inibida quanto ao objetivo ou sublimada que dele derivam, mas também a pulsão autopreservativa, que deve ser atribuída ao ego e que, no início de nosso trabalho analítico, tínhamos boas razões para contrastar com as pulsões objetais sexuais (Freud, 1923/2006, p. 53).

Com este novo reposicionamento da dualidade, Freud (1923/2006) retoma as “tarefas” das duas pulsões, elucidando que a pulsão de morte tende a “conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado”, enquanto que Eros, “por ocasionar uma combinação de conseqüências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersa, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la” (p. 53). Ao postular a segunda tópica, o que Freud (1923) vai se perguntar diz da existência ou não de vinculações entre as duas pulsões e as três estruturas. Sobre a relação das duas com o ego, Freud (1923/2006) responde:

Será recordado o outro caso, em que o ego trata com as primeiras catexias objetais do id (e certamente com as posteriores, também), retirando a libido delas

para si próprio e ligando-as à alteração do ego produzida por meio da identificação. A transformação (de libido erótica) em libido do ego naturalmente envolve um abandono de objetos sexuais, uma dessexualização. De qualquer modo, isto lança luz sobre uma importante função do ego em sua relação com Eros. Apoderando-se assim da libido das catexias do objeto, erigindo-se em objeto amoroso único, e dessexualizando ou sublimando a libido do id, o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos pulsionais opostos. Ele tem que aquiescer em algumas das outras catexias objetivas do id; tem, por assim dizer, de participar delas (p. 58).

Posta essa vinculação entre as pulsões e o ego, Freud (1923/2006) aponta para a necessidade de ampliação da teoria do narcisismo. Nesse sentido, clarifica o conceito de narcisismo secundário, dizendo:

Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetivas eróticas; em consequência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos (pp. 58-59).

Dessa maneira, Freud (1923/2006) concebe os impulsos pulsionais como derivados das pulsões de vida. Logo, aponta que a ligação dos constituintes sádicos a Eros fortalecem a concepção existência do outro grupo de pulsões (de morte, que são, por natureza, silenciosos, mudos), ao passo que Eros se encarrega do “clamor à vida” (p. 59), reivindicando, sob a forma de necessidades pulsionais, a manutenção do nível de libido que tende a baixar, introduzindo novas tensões. Ao elucidar a vinculação do id com a dualidade pulsional, Freud (1923/2006) nos diz:

O id, ao qual finalmente retornamos, não possui meios de demonstrar ao ego amor ou ódio. Ele não pode dizer o que quer; não alcançou uma vontade unificada. Eros e a pulsão de morte lutam dentro dele; [...] Seria possível representar o id como se achando sob os domínios das silenciosas mas poderosas pulsões de morte, que desejam ficar em paz e (incitadas pelo princípio do prazer) fazer repousar Eros, o promotor de desordens; mas talvez isso seja desvalorizar o papel desempenhado por Eros (p. 71).

O caminho seguido por este trabalho, que tem como objetivo caracterizar o desenvolvimento teórico que diz respeito ao conceito de pulsão em Freud é aqui finalizado. É claro que não se pode abarcar toda a compreensão freudiana acerca do mesmo.

Entretanto, o que foi posto serve de sustentação para dizer de mais essa transformação psicanalítica, ao passo que se busca, além de demonstrar a utilização do conceito de pulsão como algo que direciona o tratamento, que *possibilita* o mesmo, abarcar seus limites.

Nesse sentido, busca-se agora uma maior aproximação entre este conceito e o tratamento propriamente dito. Aqui, será utilizada a noção de corpo em psicanálise e como a mesma é trabalhada. O desenvolvimento dessa noção permite a compreensão do conceito de pulsão no tratamento, abarcando também alguns limites que o trabalho psicanalítico encontra nessa abordagem. Conseqüentemente, estará se falando dos limites os quais o conceito de pulsão esbarra.

A noção de corpo em psicanálise gera questões, primeiramente, referentes ao que se entende por corpo neste campo. Não se trata, é claro, de um corpo biológico, anatômico, da noção corpórea introduzida pela medicina. Na verdade, o corpo psicanalítico constituiu-se desde o trabalho inicial com a histeria (determinando o corpo-sintoma da histérica), passando pela noção de corpo pulsional, corpo unificado do narcisismo, e, finalmente, o corpo da segunda tópica, quando Freud (1923) pensa o eu como essencialmente corporal. Não se pretende, aqui, desenvolver questões que abarquem todas essas noções. O objetivo diz do uso da noção de corpo como instrumento para apontar alguns limites nos quais o conceito de pulsão esbarra. Sobre a relação entre a noção de corpo e o conceito de pulsão, discorrem Lazzarini e Viana (2006):

O conceito de pulsão foi concebido como algo fundamental que ancora o psiquismo no corpo, isto é, o registro psíquico não seria apenas algo da ordem da idealidade, mas movido pelas pulsões. Desta maneira, Freud pôde transformar a concepção dualista vigente em sua época sobre as relações entre corpo e psiquismo, indicando que a pulsão seria o lugar onde se daria o encontro. Para tanto, ele teve de opor os registros do organismo e do corpo, porque o corpo pulsional não se identificaria com o conceito biológico de somático. É com o corpo pulsional, que o corpo pode ser auto-erótico e narcísico. Além disso, como força constante e exigência de trabalho imposta ao psiquismo pela sua ligação com o corpo, a pulsão seria origem e um dos fundamentos do sujeito (p. 244).

Logo, entende-se que o desenvolvimento do conceito de pulsão permitiu a Freud vincular o psiquismo ao corpo. Mais do que um corpo somático, o corpo pulsional remete ao desenho do registro do psíquico (movido pela pulsão) no corpo. Com esta noção, Freud pode pensar o auto-erotismo, que figura no corpo separado, desmembrado, em pedaços e unificá-lo, posteriormente, com a introdução do conceito de narcisismo. O que vai indicar essa unidade corpórea é a marcação da alteridade, quando o outro, presente e participativo, inscreve o narcisismo secundário no indivíduo:

Pelo narcisismo primário, o sujeito se materializa pelo não reconhecimento do outro, enquanto que pelo narcisismo secundário, aquele se materializa por esse reconhecimento [...]. O que está em pauta, aqui, é a fronteira móvel entre o egoísmo e a alteridade. [...] Isso define duas cartografias corporais distintas, pois pela primeira o “corpo-sujeito” estaria regulado pelo princípio do prazer e, pela segunda, pelo princípio da realidade (Birman, 1998, pp. 22-23).

Portanto, não se pode deixar de salientar que o corpo da psicanálise é um corpo da fala, “corpo atravessado pela linguagem” (Fernandes, 2002, p. 53). Se a histeria, por exemplo, representava conflitos inconscientes (de ordem sexuais) no próprio corpo, pode se dizer que a idéia de “corpo da representação” (Fernandes, 2002, p. 52) é adequada para denominar o mesmo. Entretanto, com o desenvolvimento do conceito de pulsão (e principalmente com o advento do conceito de pulsão de morte), se verifica que nem tudo pode ser representado. Não há representação para o que há de mais pulsional em análise. Não se pode acatar a idéia de representação total no trabalho analítico. A sexualidade, por exemplo, imersa na situação analítica, pode contar com a interpretação de parte de seu sentido. Entretanto, o caráter pulsional da mesma não. Não se pode dar sentido interpretativo total e completo à sexualidade, ao que ela carrega de mais pulsional, mesmo que o trabalho de análise se esforce nesse sentido. Mesmo que o corpo psicanalítico seja o corpo da fala, o que há de pulsional na sexualidade não se alcança pela palavra. Fernandes (2002) se utiliza da noção

de “corpo do transbordamento” para discorrer acerca do que o “corpo da representação” não abrange:

Admitindo a possibilidade de que nem sempre o corpo biológico está vinculado a um sistema significante, abre-se igualmente a possibilidade de pensarmos o sintoma corporal como uma descarga, como um excesso, que, atravessando o aparelho psíquico, não se organiza necessariamente a partir da lógica da representação. Explorar as relações entre o corpo e o inconsciente implica, então, em não restringir nossas reflexões ao registro da representação, ampliando nossas possibilidades de reflexão para além da lógica do recalçamento (p. 53).

Logo, quando se elucida a noção de limite para o que pode ser representado ou não, abre-se caminho para o conceito de pulsão de morte. Com seu caráter silencioso e efetivando uma desintração pulsional, o oposto de Eros converte-se na postulação freudiana que se constitui no maior limite no qual esbarra a pulsão. Mesmo que o trabalho de análise se dê no sentido de vincular a pulsão, considerando objetos às mesmas, sempre haverá um resto não vinculado, desligado. A pulsão de morte não depende do objeto para se dar, não se interessa por ele. Na realidade, quanto menos objetos forem colocados psiquicamente, mais o mecanismo da pulsão de morte se dará. A pulsão sem representação (ou seja, de morte) configura-se no limite no qual o conceito de pulsão esbarra e, ao mesmo tempo, abre “todo um campo de possibilidades para se pensar o irrepresentável na metapsicologia” (Fernandes, 2002, p. 60).

Os limites nos quais esbarra o pulsional figuram até hoje. A clínica psicanalítica contemporânea, acusada muitas vezes de ter deixado o corpo de lado (isso normalmente é uma compreensão errônea, já que a noção de corpo na qual trabalha a psicanálise é outra que não a do corpo puramente físico) e de apenas dar ênfase à fala, esforça-se a fim de trabalhar o pulsional, nominando-o e ligando-o a objetos, dando-lhe sentidos, buscando-lhe afetos e representações, por exemplo. Birman (2005) chama a atenção ao fato de que “a presença viva do analista é necessária para que ele possa acolher o impacto das forças

pulsionais”, visto que “essa acolhida permitirá seu remanejamento pelo outro e, portanto, a passagem da atividade à passividade e o retorno da força pulsional sobre a própria pessoa” (p. 71).

Dessa maneira, apresenta-se os limites nos quais esbarra o pulsional, apontados, especificamente, em direção à noção de pulsão de morte e ao trabalho de desligamento que a mesma empreende. No tratamento, esses itens se constituem como entraves, como barreiras que se erguem e que, se mal colocadas, podem dificultar e até impossibilitar o andamento do mesmo. Nesse sentido, pulsão (de morte) configura-se no nome para o limite da significação. A exposição que se conclui estabelecerá seu seguimento, à guisa de discussão, no momento posterior, onde questões reflexivas serão colocadas a fim de suscitem idéias que permitam à psicanálise contemporânea um melhor entendimento acerca do pulsional em análise.

NOTAS:

¹ Porém, alguns percalços são explicitados, por exemplo, na *História do Movimento Psicanalítico* (1914a) e no *Estudo Autobiográfico* (1925a[1924]).

² “Rascunho G – Melancolia”; é também nesta carta que Freud apresenta ao amigo pela primeira vez seu diagrama esquemático da sexualidade.

³ Frase acrescentada em 1915.

⁴ “Parafrenia” é o termo utilizado por Freud para designar demência precoce ou esquizofrenia.

⁵ Em todo o decorrer deste trabalho, no que diz respeito às citações da obra de Freud, escreve-se “pulsão” para onde no original há “instinto”.

⁶ Segundo Roudinesco & Plon (1998, p. 629), em “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão” (Freud, 1910), Freud enuncia seu primeiro dualismo pulsional, opondo as pulsões sexuais, cuja energia é de ordem libidinal, às pulsões de autoconservação, que objetivam, por sua vez, a conservação do indivíduo.

⁷ Ver nota 5; o mesmo vale no caso de recalque e repressão.

⁸ Freud escreve um texto específico sobre a psicologia de grupo, *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921).

⁹ Freud (1914b/2006) define “sublimação” nesse texto como “ um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de a pulsão se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual” (p. 101).

¹⁰ Os artigos contidos nessa publicação datam dos anos entre 1970 e 1977 (segundo informação contida na introdução), e estão reunidos em publicação de 2005. Os textos não acompanham data precisa.

CONCLUSÃO

Toda pesquisa que se caracteriza como um estudo possui um argumento original que baliza todo o seu andamento. No caso do estudo em questão, o que se propusera desde o início refere-se ao entendimento de três transformações que a psicanálise freudiana sofreu – a inserção do método da recordação, do método de interpretação e do conceito de fantasia e do conceito de pulsão – como possibilidades das quais Freud se utilizou para tornar viável e desenvolver seu trabalho de tratamento. Entretanto, apesar de todos esses itens terem propiciado a Freud um entendimento acerca de seu trabalho (e a sustentação do mesmo), existiram certos limites nos quais essas possibilidades esbarraram ao longo de seus desenvolvimentos. Esses limites também foram objetos da argumentação do presente estudo.

Nesse sentido, o que se pretende discutir aqui se refere a algumas questões que permanecem. Elas dizem da demarcação dos posicionamentos, no trabalho psicanalítico, das transformações elucidadas e aos pontos “críticos” que as transformações alcançam (dando margem ao aparecimento de mudanças teóricas). Além disso, objetiva-se destacar os destinos os quais alcançam as transformações e, de forma reflexiva, apresentar algumas questões acerca da psicanálise contemporânea. Observa-se que a psicanálise contemporânea é elucidada aqui apenas com o intuito de reflexão, de fazer pensar algumas questões com as quais a prática analítica pode contar.

Ao concluir o estudo, as questões que permanecem dizem das transformações colocadas. Sobre a primeira transformação, a inserção, no tratamento, do método de recordação, elucidada-se o quanto este mecanismo ainda é tido como prioritário. Freud coloca a

recordação em questão na análise não como uma lembrança que vem à tona para resolver todo o problema. Na verdade, a recordação se dá como lembrança de algo que, nos tempos na teoria da sedução, havia acontecido, mas essa lembrança nunca estará livre de deturpações. O que predomina, neste momento, é o modo de contar, é o que é lembrado e de que forma é lembrado. Pode-se dizer que um dos grandes méritos de Freud ao se utilizar do método de recordação foi apreender a importância da fala do paciente e colocar este item como prioritário no trabalho de tratamento. O método da recordação está no lugar de tornar possível a fala como instrumento que move e direciona todo o trabalho, sendo papel do analista dar sentido a essa fala. Esse método não encontra seu fim com a crítica da teoria da sedução. Pelo contrário, a recordação nunca deixou de ser um fim na análise, ao passo que é a ela que muitas vezes se recorre. A psicanálise é um trabalho de tratamento que, ao longo de seu desenvolvimento, reposicionou o método da recordação. Este não se esvai. Perdura até os dias da psicanálise contemporânea, mesmo que tenha encontrado certos limites em 1897.

Da mesma forma que o que ocorre com o método da recordação é da ordem de um reposicionamento teórico atrelado ao trabalho de tratamento, o método da interpretação também não vai deixar de figurar até os dias de hoje. A obra dos sonhos, marcada por toda a sua magnitude no início do século XX, vai dizer do inconsciente e vai demarcar o conhecimento de Freud acerca de seu objeto de estudo. Nesse momento, o psiquismo ganha um novo lugar, já que já se conhece o suficiente para falar dele. Os sonhos, os traços mnêmicos, os desejos escondidos por trás do onírico se caracterizam como representações. A psicanálise passa a ser, além de um trabalho de recordação, também um trabalho de interpretação do material psíquico. É a partir daí que o conceito de fantasia, desenvolvido gradativamente desde os anos de 1890, alcança uma posição fundamental. O que é

lembrado em análise é a fantasia do que pode ter realmente acontecido ou não. O que importa é que o conteúdo está lá e a fantasia é o que, neste momento, vai dar conta de colocar na fala o que está recalçado. O próprio sintoma histérico, pela via da fantasia, vai dizer de uma realização de um desejo sexual.

A Interpretação dos Sonhos (1900) possibilitou não só um entendimento acerca do método de interpretação. Mais do que isso, divulgou o inconsciente como estrutura psíquica universal. Este fato despertou a atenção de várias pessoas, tornando viável a consolidação da psicanálise como disciplina, como algo que pudesse ser estudado. O que se pode concluir é que este movimento se segue na contemporaneidade ao passo que, atualmente, existem escolas de psicanálise, cursos de formação em psicanálise. A psicanálise é ensinada nas universidades. Hoje, pode-se contar com toda uma estrutura metodológica que viabiliza o conhecimento acerca do inconsciente. É claro que todos esses desdobramentos que a psicanálise, tida como disciplina, alcança, também incluem problemas. Esses dizem, por exemplo, do surgimento de muitas escolas e de cursos que deixaram para trás a psicanálise original, além de todas as questões que abarcam a formação do analista.

O desenvolvimento do conceito de pulsão propiciou um novo reposicionamento: agora, era preciso recolocar também o método de interpretação e o conceito de fantasia no tratamento. Apesar de este fato (o desenvolvimento do pulsional) ter originado certos limites para a clínica da representação, não se trata de considerar a interpretação e a fantasia como elementos ultrapassados. Ao contrário, a interpretação e a fantasia estão até hoje presentes no trabalho de tratamento, mesmo que reposicionados por conta dos limites os quais esbarraram com o desenvolvimento do conceito de pulsão. A pulsão, por outro lado, vai dizer de um conceito que já nasce caracterizado pelo limite da representação. No tratamento, pulsão de morte vai dizer do que foge ao princípio do prazer, de exigências

pulsionais que não conseguem se fazer ligar e que prevalecem desligadas. A partir da verificação da compulsão à repetição, pela via da transferência, no tratamento, se estabelece um cuidado com aquilo que há de mais pulsional na pulsão, que está entre o somático e o psíquico e que, muitas vezes, é impossível de representação.

Todas as transformações colocadas neste estudo ocupam um lugar fundamental no desenvolvimento da psicanálise freudiana. Tais marcações teóricas concorreram para sustentar o trabalho de Freud naqueles momentos. É daí que se parte para a consideração destas transformações enquanto possibilidades para o tratamento: elas sustentaram o trabalho sendo utilizadas como instrumentos que viabilizaram o terapêutico. Logo, elas são o próprio trabalho. Entretanto, o reposicionamento delas ao longo do desenvolvimento teórico que aconteceu durante os anos de trabalho de Freud as colocam, também, em um outro patamar. O que foi possibilidade também esbarrou em alguns limites. Portanto, enquanto o método de recordação, o método de interpretação, o conceito de fantasia e o conceito de pulsão se caracterizam como o próprio trabalho de tratamento, também se caracterizam como pontos-limite que conduziram novas transformações.

Este estudo não abarca o desenvolvimento teórico dos métodos e conceitos utilizados pela psicanálise contemporânea. Entretanto, faz-se necessária a apresentação de algumas questões que dizem respeito aos caminhos que o atual trabalho de tratamento tomou, como proposta de um estudo futuro. Talvez esses caminhos sejam colocados como consequência dos limites nos quais a produção teórica freudiana esbarra. Entretanto, isso não é conclusivo.

Hoje se fala bastante em “demandas atuais”. Elas normalmente dizem respeito ao desamparo e à angústia que toma conta das pessoas. Considera-se que isso não se deve ao fato de os tempos atuais terem se tornado mais sombrios e as pessoas mais independentes e

egoístas. Uma demanda não pode ser reduzida em sua explicação. Na verdade, o que ocorre hoje é o desmascaramento das demandas que, talvez nos tempos de Freud, eram mais escondidas ou ganhavam outros nomes. Psicanalistas parecem hoje buscar um certo “alargamento teórico” para poder dar conta dessas demandas “atuais”, como se Freud não os tivesse “preparado” para este fato.

Estaria mantido, hoje, o sentido da psicanálise como um trabalho, nas palavras de Freud (1925b[1924]/2006), que se constituiu como “uma intencionalidade puramente terapêutica” na busca de “um novo tratamento eficaz para as enfermidades neuróticas” (p.266)? Teria a psicanálise se utilizado de outros “artifícios” que não os seus originais e fundamentais para se colocar diante das demandas atuais? Como aponta Birman (2005), “uma parcela da comunidade analítica esforça-se em acreditar na cura do mal-estar e do desamparo e transforma a face do discurso analítico ao silenciar sua especificidade” (p. 221). Além disso, aponta:

[Alguns psicanalistas] reconstroem uma outra versão tecnológica da psicanálise. De que maneira? Pela bricolagem entre o discurso psicanalítico, as neurociências e o cognitivismo. Um monstro epistemológico foi assim colocado em cena, balizando pesquisas em laboratórios de psicanálise e em associações psicanalíticas [...] (2005, p. 221).

Além disso, procura-se desesperadamente por uma cura, por um “remédio” que silencie a dor psíquica que assola as pessoas. O psicanalista parece não ser a pessoa mais indicada para isso, já que sempre recorre a métodos e técnicas que perduram por algum tempo. Cada vez mais a psiquiatria entra em cena para “reparar” o que a psicanálise parece não dar conta. Marucco (2005) aponta a índole problemática da atual (ou seja, na contemporaneidade) relação entre psicanálise e cultura ou, mais precisamente, entre cura analítica e cultura:

Reconhecida a importância das exigências provenientes da cultura, que se manifestam, por exemplo, nas relações hoje imperativas entre tempo e dinheiro,

tempo e eficácia ou rendimento, é possível dissociar a psicanálise da cultura? E, se for, ela não estaria ajudando a gerar o que se convencionou chamar de terapias alternativas? Mas se, por outro lado, a psicanálise tenta satisfazer essa demanda mediante uma atitude adaptativa com a exigência cultural, não estará por acaso perdendo sua especificidade naqueles pontos que a definem? Será a noção mesmo de processo uma das chaves que definem a psicanálise? (p.63).

Observa-se um certo “desentendimento” entre o que Freud propôs com seu trabalho e o que se faz hoje para se “adaptar” a psicanálise à contemporaneidade. Essas reflexões ficam postas com o objetivo de se pensar sobre o tipo de trabalho de tratamento que hoje vige.

O problema colocado no início desse estudo buscou elucidar quais seriam as transformações pelas quais passou a psicanálise freudiana ao longo do seu desenvolvimento e como elas se caracterizariam como possibilidades e também como limites para o trabalho. Conclui-se que a temática das transformações da psicanálise freudiana se faz fundamental porque ajuda a compreender, essencialmente, como se caracterizou o desenvolvimento do trabalho terapêutico de Freud. Os pontos críticos nos quais o tratamento esbarrou serviram para dar continuidade e prolongamento ao processo de constituição da psicanálise. Os métodos e conceitos figuraram como o próprio trabalho de tratamento nas mãos de Freud. Se os mesmos encontraram percalços ao longo de seu desenvolvimento, se esbarraram em pontos críticos, esses serviram como incentivo à continuidade do trabalho. O trabalho de psicanálise não cessou, nas mãos de Freud, por conta de entraves teóricos que o tratamento proporcionou. Ao contrário, seguiu reposicionando algumas transformações (sem abrir mão delas) e desenvolvendo outras, que, mesmo vindo a esbarrar em outros limites, sustentaram o trabalho.

Ao se apontar que Freud se utilizou do método de recordação como possibilidade para o tratamento se dar, se quer dizer que, na verdade, o trabalho que Freud empreendeu com as histéricas até 1897 era um trabalho de recordação, onde a finalidade era recordar. Os limites nos quais a recordação esbarrou, que normalmente se referem à crítica da teoria da sedução

e ao desenvolvimento do conceito de fantasia, reposicionaram o conceito. Daí, outro trabalho passa a vigorar, o trabalho de interpretação, que buscava um sentido para todo o material psíquico. O trabalho de interpretar representações demonstrou o conhecimento freudiano acerca do inconsciente e apontou para a divulgação da psicanálise. O desenvolvimento do conceito de fantasia reposicionou a teoria da sedução e constituiu uma nova interpretação acerca da fala dos pacientes. Seguindo a mesma lógica do primeiro método, a interpretação também figura como uma transformação reposicionada, dando lugar a um trabalho do pulsional, constituído a partir do desenvolvimento do conceito de pulsão. Essa última transformação abordada se constrói no limite do que não pode ser representado, mas que está presente no tratamento. Pode-se dizer, então, que a psicanálise é, no entendimento deste estudo, um trabalho de tratamento de recordação, interpretação e de extrema consideração ao pulsional.

Não se trata de limitar a constituição da psicanálise freudiana como pautada apenas nas transformações abordadas aqui. Outras transformações surgiram com Freud ao longo dos anos. Porém, essas foram apresentadas porque parecem caracterizar todo o trabalho por um certo período e dão margem à formação de outros conceitos para o tratamento. Outras transformações poderão ser apontadas em estudos futuros, sempre com o intuito de apreender, cada vez mais, a constituição da psicanálise freudiana e os caminhos por ela alcançados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, J. (2005). O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Physis*, Rio de Janeiro, pp. 203-224.
- BIRMAN, J. (1999). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. RJ. Civilização Brasileira.
- BIRMAN, J. (2006) *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BREUER, J. & FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria. *Obras completas, ESB*, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- CELES, L.A. (1995). *Sexualidade e subjetivação: um estudo do caso Dora*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 188 p.
- CELES, L.A. (2004). A questão pelo sentido da psicanálise. Apostila de aula. Universidade de Brasília.
- CELES, L.A. (2005a). Psicanálise é o nome de um trabalho. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, vol. 17, no. 2 , pp. 157-171.
- CELES, L.A. (2005b). Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psychê*, São Paulo, ano IX, no. 16, pp. 25-48.
- CELES, L.A. (2007). “Dora” contemporânea – e a crise terapêutica da psicanálise. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, vol. 19, no. 1 , pp. 137-154.
- FÉDIDA, P. (1988). *A clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta.
- FERNANDES, M. H. (2002). Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista. *Percurso*, 29(2), pp. 51-64.

- FIGUEIREDO, L.C. (2003). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003. 201p.
- FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. *Obras completas, ESB*, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1905a). Fragmento da análise de um caso de histeria. *Obras completas, ESB*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1905b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras completas, ESB*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1914a). A história do movimento psicanalítico. *Obras completas, ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1914b). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Obras completas, ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1915a). As pulsões e suas vicissitudes. *Obras completas, ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1915b). Recalque. *Obras completas, ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1915c). O Inconsciente. *Obras completas, ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1919). Novos caminhos da terapia analítica. *Obras completas, ESB*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1923[1922]). Dois verbetes de enciclopédia. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1923). O ego e o id. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1925a[1924]). Um estudo autobiográfico. *Obras completas, ESB*, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1925b[1924]). As resistências à psicanálise. *Obras Completas, ESB*, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *Obras completas, ESB*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. *Obras completas, ESB*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1940 [1938]). Esboço de psicanálise. *Obras completas, ESB*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. *Obras completas, ESB*, v.I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GAY, P. (1988). *Freud - uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LAZZARINI, E. R. & VIANA, T. C. (2006) O corpo em psicanálise. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, vol. 22, no. 2, pp. 241-249.

- MARUCCO, N. (2005). Processo analítico e “historicização” no imediatismo da cultura: contribuições para uma psicanálise contemporânea. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, Porto Alegre, vol. 27, no. 1, pp. 63-68.
- MASSON, J. (org.) (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1897-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- MEZAN, R. (1998). *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MEZAN, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MEZAN, R. (2003). *Sigmund Freud: a conquista do proibido*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- PLON, M. & ROUDINESCO, E. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (V. Ribeiro; L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- PONTALIS, J.-B (2005). *Entre o sonho e a dor*. (C. Berliner, Trad.). Aparecida, SP: Idéias e Letras – (Coleção Psicanálise Século I).
- PORGE, E. (1998). *Freud/Fliess: mito e quimera da auto-análise*. (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ZAVARONI, D., VIANA, T. C. & CELES, L. A. (2007). A constituição do infantil na obra de Freud. *Estud. Psicol.*, Natal, vol. 12, no. 1, pp. 65-70.